

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

EMILLIANE DE OLIVEIRA MATOS

Viúva de marido vivo: implicações do processo emigratório na dinâmica conjugal de casais em que o homem emigrou

Belo Horizonte
2013

150
M433v
2013

Matos, Emilliane de Oliveira

Viúva de marido vivo [manuscrito] : implicações do processo emigratório na dinâmica conjugal de casais em que o homem emigrou / Emilliane de Oliveira Matos. - 2013.
146 f.
Orientadora: Ingrid Faria Gianorli Nascimento.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Migração – Teses. 3. Família – Teses. 4. Relações de gênero - Teses. I. Gianordoli-Nascimento, Ingrid Faria. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

EMILLIANE DE OLIVEIRA MATOS

Viúva de marido vivo: implicações do processo emigratório na dinâmica conjugal de casais em que o homem emigrou

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Social

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ingrid Faria Gianordoli-Nascimento

Belo Horizonte
2013

Autorizo a reprodução e divulgação total e parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Matos, Emilliane de Oliveira

Viúva de marido vivo: implicações do processo emigratório na dinâmica conjugal de casais em que o homem emigrou / Emilliane de Oliveira Matos; orientadora Ingrid Faria Gianordoli-Nascimento – Belo Horizonte, 2013.

157 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de concentração: Psicologia Social.

Palavras-chave: Psicologia Social. Emigração. Gênero. Relação conjugal.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

PPG
PSICOLOGIA
SOCIAL

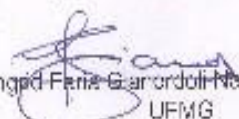
FOLHA DE APROVAÇÃO

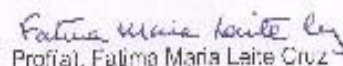
"Viúva de marido vivo": implicações do processo emigratório na dinâmica conjugal de casais em que o homem emigrou.


EMILLIANE DE OLIVEIRA MATOS

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA, como requisito para obtenção do grau de Mestre em PSICOLOGIA, área de concentração PSICOLOGIA SOCIAL, linha de pesquisa Cultura, Modernidade e Processos de Subjetivação.

Aprovada em 28 de junho de 2013, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). Ingrid Faria Garofoli Nascimento - Orientador
UFMG


Prof(a). Fatima Maria Leite Cruz
UFPE


Prof(a). Adriano Roberto Alonso do Nascimento
UFVIG

Belo Horizonte, 28 de junho de 2013.

AGRADECIMENTOS

Sempre, e em primeiro lugar, agradeço a Deus por me proporcionar experiências de significados tão importantes como o caminho que percorri para chegar até aqui. Graças a Ele, foram colocadas em meu caminho pessoas com as quais tive contatos, dividi experiências, emoções e tudo que um ser humano precisa para crescer em espírito e inteligência.

Agradeço a minha família, que sempre respeitou minhas vontades, me incentivando a realizar meus desejos pessoais e profissionais. A humildade de meus pais me ensinou que a escola primordial para a construção do ser se encontra em nossa primeira escola que é a família. Com minha família, recebi toda a estrutura necessária para caminhar e saber escolher sabiamente por onde andar, com a convicção de que os erros não me levariam a desistir, pois sempre tive o amparo e o local para onde voltar e descansar, para então recomeçar.

Ao meu marido, agradeço a paciência e o respeito pela minha trajetória que muitas vezes nos distanciou, mas que também nos uniu. Nossa união me proporcionou confiança e força para acreditar na minha capacidade enquanto mestranda, mulher e esposa.

Agradeço a minha orientadora, Ingrid Faria Gianordoli-Nascimento, e sempre vou agradecer os ensinamentos que ultrapassaram as questões do mestrado. Compartilhamos minhas dúvidas, minhas angústias, meu casamento, o nascimento, enfim, foi uma permissão de poder conhecer muito além da orientadora. Permissão essa que me levou a acreditar que as relações poderiam ser (e foram) mais suaves e carregadas de sorrisos e olhares acalentadores, o que muitas vezes acalmava minha ansiedade e nervosismo diante das dificuldades. Agradeço minha orientadora principalmente por respeitar a forma que decidi realizar meu mestrado. Foi difícil, mas conseguimos chegar ao final dessa caminhada, juntas.

Agradeço ao Professor Adriano Afonso Roberto do Nascimento, por me preparar para a construção dos textos e formulações durante todo o processo de formulação da proposta de estudo e na escrita do texto, principalmente na interpretação dos dados desta pesquisa, pelas indicações de leituras e trocas vivas nos momentos de estudo, que me fizeram mais apaixonada pelo campo de pesquisa em Representações Sociais.

Agradeço às Professoras Mariana Bonomo e Sibelle Maria Martins de Barros, que participaram da banca de qualificação, contribuindo de maneira significativa na elaboração e direcionamento da realização do trabalho que se finalizou. As pontuações foram essenciais para a elaboração da dissertação.

Ao Professor Adriano Afonso Roberto do Nascimento e à Professora Fátima Maria

Leite Cruz, por aceitarem o convite para leitura final do texto e participarem da banca.

Agradeço hoje e sempre a dois anjos que foram enviados para me acompanhar durante minha trajetória, que são minhas colegas de orientação Flaviane Oliveira e Jáiza Cruz. Vocês duas foram mais que colegas, vocês foram essenciais para a minha formação e para que eu pudesse acreditar que conseguiria não só chegar até aqui, mas ultrapassar diversas dificuldades. Muito obrigada pelos cuidados, pelos carinhos, pelos abandonos que foram necessários e só agora eu entendo, enfim, obrigada por permitirem a existência de vocês na minha vida.

O problema aqui é o de como uma sociedade representa a si mesma e descobre em sua própria imagem uma fonte de ameaça, de contaminação e perigo. O problema então é de como a alteridade, na maior parte das vezes cuidadosamente mantida à distância, torna-se o centro das representações que uma sociedade desenvolve sobre si mesma.

Sandra Jovchelovitch

RESUMO

Matos, E. O. (2013). *Viúva de marido vivo: implicações do processo emigratório na dinâmica conjugal de casais em que o homem emigrou*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

O município de Governador Valadares e região, no leste do estado de Minas Gerais, têm como caracterização a inserção de sua população no processo emigratório para os Estados Unidos da América ou para a Europa. O processo imigratório surgiu na década de 1980, um período de instabilidade econômica no Brasil, com altos índices de inflação e desemprego, condições que favoreceram a busca por tal processo como uma possibilidade de melhoria de vida, por meio da segurança financeira. Na maioria das situações em que a família já está constituída, para que se cumpra o projeto emigratório, o marido emigra e a esposa permanece na terra natal aguardando seu retorno. O objetivo do trabalho é investigar de que forma o casal e a família vivenciam a dinâmica conjugal e familiar ante a ausência do cônjuge por um longo período. Buscamos compreender como se compõem as relações conjugais e familiares durante a ausência do parceiro emigrado e quais são as estratégias adotadas pelos casais para a manutenção do relacionamento conjugal e familiar durante a ausência e após o retorno do parceiro, identificando as dificuldades por eles vivenciadas e suas avaliações sobre a experiência do processo emigratório. Foram entrevistados quatro casais, totalizando 08 sujeitos (4 homens e 4 mulheres). Critérios de participação na amostra: 1) casais que permaneceram casados após o retorno do homem, 2) permanência do homem no exterior por um tempo mínimo de dois anos, e 3) retorno do exterior de no máximo seis anos. Foram utilizados como instrumento dois roteiros de entrevista semiestruturados elaborados para cada um dos cônjuges. Para a análise dos dados procedeu-se com a utilização do método com referencial fenomenológico, seguindo cinco fases de tratamento e análise dos dados coletados. Destacamos que atualmente as principais motivações continuam as mesmas das almejadas na década de 1980: 1) o acúmulo financeiro em um curto período, 2) retornar para a terra natal após aquisição financeira; 3) realizar a aquisição da casa própria, e 4) se tornar proprietário do próprio negócio. Os valores compartilhados entre os casais apontam para modelos tradicionais de relacionamento conjugal (marido provedor/mulher cuidadora), que são revistos à medida que o homem e a mulher assumem papéis diferentes dos que desempenhavam antes do processo imigratório. Em geral, a decisão de emigrar é um projeto dos maridos, aceito/acatado pelas esposas, que, durante o período de imigração, consolidam seus projetos pessoais de

qualificação e inserção profissional. O marido emigrado se vê diante de um novo ambiente cultural, que, dentre outras coisas, exige adaptação frente à ausência da esposa no cotidiano doméstico. No geral, a experiência é significada como positiva, mas não consolida os aspectos motivacionais, o que se configura para o homem como referência de fracasso.

Palavras-chave: Psicologia Social. Emigração. Gênero. Relação conjugal.

ABSTRACT

Matos, E. O. (2013). *“Viúva de marido vivo”*: implicações do processo emigratório na dinâmica conjugal de casais em que o homem emigrou. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

The district of Governador Valadares and region in the eastern state of Minas Gerais presented as characterizing the inclusion of its population in the emigration process to the United States or Europe. The immigration process emerged in the 1980, a period of economic instability in Brazil with high rates of inflation and unemployment, conditions that favored the search for the immigration process as a chance to improve their lives through financial security. In most cases where the family is already established, in order to fulfill the project emigration, the husband and wife emigrated remains in the homeland awaiting his return. Thus, the objective is to investigate how the couple and the family experience the dynamics of marriage and family before the absence of the spouse for a long period of time. We seek to understand how to make marital relations and family during the absence of the partner emigrated and what are the strategies adopted by couples, to maintain the marital relationship and family during absence and after returning from the partner, identifying the difficulties experienced by couples and their assessment of the experience of emigration process. We interviewed four couples, totaling 08 subjects (4 men and 4 women). Criteria for participation in the sample: 1) couples who remained married after returning from the man, 2) maintenance of man abroad for a minimum period of two years, 3) return from abroad of up to six years. The instrument used was two semi-structured interview scripts generated for each spouse. For data analysis proceeded with the use of the phenomenological method with following five phases of treatment and analysis of data collected. We point out that currently the main motivations remain the same as listed in the 1980s: 1) the financial accumulation in a short period of time, 2) return to the homeland after acquiring financial, 3) perform home ownership, and 4) become owner of the business itself. Shared values among couples indicate traditional models of marital relationships (husband provider / female caregiver) are revisited as man and woman assume different roles which were used before the immigration process. Broadly the decision to emigrate is a project of husband accepted / complied with by the wives, who during the immigration consolidate their personal projects of qualification and professional. The husband emigrated is faced with a new cultural environment, which, among other things, requires adaptation to the

absence of front wife in everyday household. In general experience is meant as positive but does not consolidate motivational aspects, which is configured as a reference for human failure.

Keywords: Social Psychology. Emigration. Gender. Marital relationship.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Caracterização dos entrevistados	59
Quadro 2: Identificação dos casais	97

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 Apresentação	15
1.2 Emigração Internacional: conceito, história e cultura nacional e regional	17
1.3 A emigração internacional e sua caracterização	18
1.4 Governador Valadares e São João Evangelista: cidades de grande participação no processo emigratório	23
1.5 Caracterizando São João Evangelista	26
1.6 As migrações internas, os imigrantes e os primeiros emigrantes	27
1.7 Emigração na década de 80, 90 e 2000 – fatores econômicos e sociais – O Brasil doador	28
1.7.1 Anos 90	31
1.7.2 Ano 2000	32
1.8 O retorno: a condição do brasileiro retornado	33
1.9 As implicações do processo emigratório para casais, famílias, homens e mulheres ...	34
1.10 Gênero, relacionamento conjugal e relacionamento familiar: contexto histórico e cultural	36
1.11 Gênero e suas implicações na relação conjugal e familiar	37
1.12 Novas mulheres, novos homens, novos olhares e novas construções	44
2 OBJETIVOS	50
2.1 Objetivo geral	50
2.2 Objetivos específicos	50
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	51
3.1 Sujeitos Participantes	51
3.2 Instrumento	52
3.3 Procedimentos de Coleta de Dados	53
3.4 Procedimentos de Análise de Dados	55
4 RESULTADOS	58
4.1 Características principais dos casais e da família dos entrevistados	58
4.2 O casamento, a emigração e as vivências	61
4.2.1 O casamento de Antônio e Antônia	61
4.2.1.1 A vivência do processo emigratório para Antônio	61
4.2.1.2 A vivência do processo emigratório para Antônia	67

4.2.2 O casamento de Sandro e Sandra	69
4.2.2.1 A vivência do processo emigratório para Sandro	70
4.2.2.2 A vivência do processo emigratório para Sandra	75
4.2.3 O casamento de Mário e Maria	79
4.2.3.1 A vivência do processo emigratório para Mário	80
4.2.3.2 A vivência do processo emigratório para Maria.....	83
4.2.4 O casamento de Daniel e Daniela	86
4.2.4.1 A vivência do processo emigratório para Daniel.....	87
4.2.4.2 A vivência do processo emigratório para Daniela.....	92
5 Discussão dos resultados	97
5.1 Os pontos de encontro entre os casais: entrelaçando as experiências	97
5.2 Novas configurações na rotina	104
5.3 A emigração e as redes de apoio para quem vai e para quem fica	108
5.4 A dinâmica conjugal no processo emigratório.....	117
5.4.1 A mulher, a emigração e a relação conjugal.....	117
5.4.2 O homem, a emigração e a relação conjugal	122
5.4.3 A volta para casa: reorganizando a rotina	127
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	131
REFERÊNCIAS	133
ANEXOS	141
Anexo 1: Protocolo de entrevista com o emigrante retornado	141
Anexo 2: Protocolo de entrevista com a esposa do emigrante.....	143
Anexo 3: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	145

1 INTRODUÇÃO

1.1 Apresentação

O presente trabalho visa investigar aspectos relacionados ao processo emigratório, fortemente evidenciado na microrregião do Vale do Rio Doce, localizada na região leste de Minas Gerais. Tal região é caracterizada historicamente pelo grande número de pessoas que emigravam e ainda emigram para o exterior em busca de melhores condições financeiras. Não há dúvidas de que a experiência é carregada de significados, tanto para quem participa diretamente como indiretamente. Os desejos investidos no projeto de emigração são caracterizados por sentimentos como medos, esperança, solidão, realização, dentre tantos outros, que acompanham a trajetória tanto do emigrado quanto daqueles que esperam seu retorno após um longo período de ausência.

O interesse por investigar esse fenômeno emergiu da própria experiência pessoal de estar continuamente observando idas e vindas de conterrâneos e acompanhar o cotidiano de seus familiares. No entanto, o desejo de investigar sobre casais e suas dinâmicas vivenciadas no processo emigratório surgiu a partir da experiência com Iniciação Científica, na qual o trabalho realizado estava voltado para a vivência das mulheres de emigrantes, retratando apenas o momento da ausência física do parceiro na família e no relacionamento conjugal e quais eram as consequências para a saúde física e psicológica para essas mulheres (Matos, E. O., Dias, C. A. & Almeida, A. R., 2009). Trabalhava-se com a hipótese de que essas mulheres, por hora “viúvas de maridos vivos”¹ vivenciavam situações de isolamento afetivo, social e sexual, significativamente elevados e rotineiros (Boechat, Dias, Matos, Almeida & Coelho, 2010).

Porém, à medida em que realizava as entrevistas, os discursos trazidos pelas mulheres participantes inquietavam-me, no sentido de que embora houvesse a real condição de limitação social, afetiva e sexual, havia também uma condição particular por parte daquelas que permaneciam casadas após o retorno do parceiro. Essa condição, a de casamentos que permaneceram após o retorno do parceiro, evidencia um novo caminho para complementar as pesquisas relacionadas à emigração e relacionamento conjugal, pois uma vez que o parceiro se insere no exterior como emigrante, o desfecho para inúmeros casamentos é a separação (Machado, 2008).

¹ Termo utilizado para descrever a situação de mulheres de maridos que estavam no exterior por um longo período (Machado, 2006).

Os discursos faziam emergir em minha mente que muito havia de ser investigado para que se chegasse não a uma conclusão, mas sim a hipóteses sobre o que os casais faziam para que o relacionamento conjugal, bem como a família, se mantivessem contínuos após o retorno do parceiro. Nosso trabalho aponta para um desempenho da mulher na dinâmica emigratória, que transpassa espaços e lugares de atuação tidos como femininos e masculinos, na tentativa de manter a estrutura familiar e conjugal enquanto seus parceiros trabalham no exterior para possivelmente atingir o objetivo traçado com a família.

Considerando que após anos de emigração há uma dinâmica pessoal e familiar organizada por parte da mulher, o retorno do marido exige uma nova estruturação, sendo que caso tal estruturação não seja atingida, o relacionamento conjugal e familiar pode sofrer consequências. Isso se dá pelas experiências que o casal vive em um mesmo momento, mas em espaços e culturas diferentes. O marido que retorna não acompanhou as mudanças do seu local de origem, bem como a sua mulher não acompanhou também o processo de mudanças e adaptações culturais de seu parceiro. Surge então a necessidade de investigar de que forma se dá a continuidade da vida conjugal do homem e da mulher que participaram desse processo, uma vez os lugares e espaços de atuação para ser homem e mulher, marido e esposa, bem como pai e mãe, são construídos (e reconstruídos).

Tal investigação tem como objetivo principal avaliar de que forma o casal e a família vivenciaram o processo emigratório, através dos relatos dos casais, na atualidade, na situação em que o parceiro retornou e está junto de sua mulher e sua família. A nosso ver, a importância desta investigação está pautada no tempo significativo em que o casal ficou longe um do outro, vivenciando situações diferenciadas. Um outro fator de grande importância está relacionado ao que Féres-Carneiro (1998, 2001) retrata sobre o relacionamento conjugal na atualidade, uma vez que o mesmo tem tido novos significados e novos espaços de atuação, não só para mulheres, devido às conquistas ao longo dos anos, como também para os homens, que necessitam também negociar e atuar em papéis até então desconhecidos pelo gênero masculino.

As possíveis mudanças na rede de relações sociais da qual somente a mulher do emigrante participou submetem o emigrante retornado e sua mulher a uma nova condição de vida. A mulher agora é a conexão do seu parceiro com o ambiente e as redes sociais, pois ela permaneceu no país de origem e, na medida em que fatos e acontecimentos se modificavam, apenas ela teve acesso a esses ambientes e mudanças no momento em que ocorreram.

Já o emigrante retornado, agora inserido num ambiente a ser reconhecido, tenta retomar sua vida junto de sua parceira, sua família e amigos (Siqueira, 2008). É diante desse

ambiente desconhecido que então se percebe que apenas seu retorno não é suficiente para retomar suas origens e sua identidade nacional. O emigrante retornado percebe que foi possível apenas retornar ao espaço físico de onde saiu, porém não para as vivências do tempo em que ainda não havia emigrado (Sayad, 2000).

Diante de tais fatores, buscamos investigar quais as transformações na dinâmica conjugal de casais que participaram do processo emigratório, suas próprias percepções e avaliações sobre a experiência emigratória, bem como as estratégias adotadas pelas mulheres e pelos homens para que o casamento permanecesse durante a ausência física dos cônjuges e após o retorno do marido. Para atingir tal objetivo, este estudo tem como amparo teórico os estudos de gênero e de relações conjugais, permitindo assim uma compreensão profícua e completa de como se dá a relação do casal que vivenciou a experiência de construção e desconstrução de costumes, lugares e suas noções de relacionamento conjugal.

1.2 Emigração Internacional: conceito, história e cultura nacional e regional

O tema migração retrata uma realidade complexa vivenciada por milhares de pessoas há séculos. Uma série de fatores compõem essa temática, de ordem social, pessoal, familiar, institucional, jurídica, política e principalmente econômica. Diversas são as áreas que investigam os efeitos dos movimentos de ordem migratória.

A demografia e a economia apresentam grande interesse na compreensão das dinâmicas migratórias, dadas as condições populacionais e econômicas e as motivações que fazem com que as pessoas saiam de seu local de origem para outro território, com o intuito de melhorar sua condição financeira. Investigam também as consequências financeiras para os grandes polos receptores dos imigrantes. Importante ressaltar que outras áreas apresentam dados que compõem de maneira significativa os estudos migratórios, pois o seu entendimento ultrapassa a questão de valores monetários. São as áreas da antropologia, sociologia, história, geografia, psicologia, dentre outras.

O ator principal desse tema é o sujeito, com sua história de vida, inserido num contexto social, econômico e histórico, que fazem emergir a necessidade de que se busque estudar e abranger os componentes de tão complexo tema. O conhecimento de tais fatores propicia o entendimento parcial do que é a migração, mas não esgota e define de fato o que ela é, de que forma acontece e quais são as consequências dessa dinâmica, seja para o sujeito, seja para outros determinantes tais como os sociais, econômicos, demográficos, dentre outros (Souza, 1980).

A própria definição do termo já apresenta complexidade no seu entendimento. Sayad (1998) apresenta tal dificuldade ao relatar que os termos “emigração” e “imigração” são termos referentes a uma mesma condição, a condição do migrante, mas vivenciados em duas sociedades/realidades diferentes num mesmo período, o que torna assim tais termos diferentes em seu sentido e em suas consequências. O sujeito é essas duas condições ao mesmo tempo, o emigrante, que partiu de sua terra de origem, e o imigrante, quando se coloca em terras até então desconhecidas. Além da condição do sujeito, o autor atenta para o cuidado que se deve ter ao investigar tal fenômeno, pois a imigração é

Em primeiro lugar, um deslocamento de pessoas no espaço, e antes de mais nada no espaço físico... Mas o espaço dos deslocamentos não é apenas um espaço físico, ele é também um espaço qualificado em muitos sentidos, socialmente, economicamente, politicamente, culturalmente (sobretudo através das duas realizações culturais que são a língua e a religião), etc. (Sayad, 1998, p. 15).

Sendo assim, cabe descrever aqui as diferenças estabelecidas entre esses termos para que, ao nos apropriarmos do que usaremos no decorrer do texto, fique mais claro para o entendimento do leitor a que condição e a quem estamos nos referindo. Migração se refere ao deslocamento de um espaço para o outro, independentemente da distância entre esses dois espaços, sendo caracterizada pela busca de algo que o local de origem não oferece para o nativo, fazendo com que ele busque em outros lugares alcançar aquilo que almeja (Sayad, 1998). Não se pode generalizar, mas o que as pessoas ao migrarem buscam, na maioria das vezes, são melhores condições de vida, de saúde, de estudo e de condição social (Marinucci e Milesi, 2002). A imigração está relacionada à entrada de estrangeiros num país que não é o seu, ou seja, o imigrante só tem esse nome a partir do momento que é reconhecido por um nativo do local onde está inserido (Marinucci e Milesi, 2002). O mesmo indivíduo que é imigrante também é emigrante, porém só é reconhecido como tal por aqueles que permaneceram em seu local de origem. Sendo assim, utilizaremos o termo “imigrante” para caracterizar os estrangeiros vindos para o Brasil nas décadas anteriores à década de 80, e, ao retratar o contexto de pessoas que saíram do Brasil para o exterior, utilizaremos o termo “emigrantes”.

1.3 A emigração internacional e sua caracterização

Antes de apresentar os dados que representam os números de pessoas que emigraram para o exterior no decorrer das décadas de 80, 90 e 2000, é preciso salientar que esses números são apenas estimativos, que não se configuram em dados precisos, devido às

dificuldades de mensuração correta deste tipo de informação estatística. Diversas são as instituições que apresentam dados estatísticos de brasileiros no exterior, tais como o Ministério das Relações Exteriores, o IBGE, consulados estrangeiros, dentre outros órgãos de mensuração desses dados. Carvalho (1996) aponta como um primeiro dificultador para a mensuração desses dados a ausência de um registro sistemático de saídas e entradas de sujeitos no Brasil.

Um segundo ponto que dificulta a assertividade dos dados é o grande número de emigrantes que estão no exterior de forma ilegal e clandestina, uma característica forte da emigração brasileira, impossibilitando assim o seu registro nos órgãos institucionais. Para Carvalho (1996, p. 3) “(...) as informações diretas, de natureza administrativa ou censitárias, sobre emigrantes e imigrantes, estão longe de ter a cobertura necessária para se estimar, com o grau de confiabilidade necessário, o saldo migratório internacional”. Mesmo diante da impossibilidade de se medir com precisão o número de emigrantes que residem no exterior, as estimativas apontam para uma aproximação que demonstra um índice significativo de pessoas que migraram para fora do país, principalmente a partir da década de 80, como apresentaremos posteriormente.

Primeiramente é preciso entender do que se trata a emigração internacional, qual a finalidade desta para os brasileiros que se inserem no exterior como emigrantes e quais as consequências pessoais, sociais e institucionais que atingem não só o sujeito emigrado, mas todo o contexto no qual ele está inserido.

Diante da possibilidade de melhoria e da realização financeira, muitos brasileiros na contemporaneidade emigram para diversos países como Japão, Itália, Portugal e Espanha, mas os Estados Unidos é o país com maior concentração de brasileiros desde as primeiras estimativas (Marinucci, 2006). Recentemente a Europa tem sido apontada como o segundo maior polo receptor de emigrantes brasileiros que migram com o desejo de realizar o sonho de construir uma vida melhor (Siqueira, 2007). No sonho de melhoria de vida estão inseridas diversas expectativas. Dentre elas, as de maior destaque são a esperança de mudança, de romper com a falta de emprego e de renda, de estar em um país que atenda às demandas sociais e políticas de maneira satisfatória e, em alguns casos, a integração junto à sociedade local (Fogaça e Rosa, 2012).

Grande parte das pessoas que desejam emigrar o fazem com o plano de trabalhar, juntar dinheiro e adquirir bens, tais como casa própria, carro, ou investir em imóveis ou no próprio negócio. Tais investimentos são realizados na cidade de origem, pois o emigrante insere em seu projeto emigratório o desejo de retornar para a cidade de onde partiu.

Mas, para que o brasileiro possa de fato ascender socialmente e financeiramente após ter retornado, precisa conseguir um trabalho, para então começar a receber dinheiro pelos seus serviços. Para Sayad (1998), o trabalho é uma das principais características que distinguem o imigrante:

E esse trabalho, que condiciona toda a existência do imigrante, não é qualquer trabalho, não se encontra em qualquer lugar; ele é o trabalho que o “mercado de trabalho para imigrantes” lhe atribui e no lugar que lhe é atribuído: trabalhos para imigrantes que requerem, pois, imigrantes; imigrantes para trabalhos que se tornam, dessa forma, trabalhos para imigrantes. (Sayad, 1998, p. 55).

Vários estudos realizados (Siqueira, 2008; Assis, 2003; Fusco, 1999 e Sales, 1999) afirmam que a maioria dos brasileiros, ao se instalarem no exterior e conseguirem empregos, trabalham em serviços secundários. O serviço secundário está relacionado ao trabalho braçal, são afazeres que exigem mais de força e destreza e menos do intelecto. Os trabalhos realizados por brasileiros no exterior estão relacionados com a limpeza de casas e outros locais, construções, onde atuam como pedreiros, em bares e restaurantes, onde geralmente trabalham como garçons ou na cozinha, e em oficinas mecânicas, dentre outros considerados subempregos. Importante ressaltar que grande parte dos brasileiros que atuam nessas áreas está em situação de ilegalidade. A característica da ilegalidade acompanha grande parte dos brasileiros, que também são considerados como trabalhadores desqualificados para trabalhos basicamente reservados aos nativos e a poucos estrangeiros com documentação legal (Forjaz, 1993).

Mas tais trabalhos, considerados subempregos, satisfazem financeiramente os brasileiros, uma vez que eles recebem uma quantia maior do que a que receberiam caso realizassem os mesmos trabalhos no Brasil. O objetivo financeiro, que é inicialmente o principal motivador para que brasileiros emigrem, é somado a outras condições que os mesmos consideram ser melhores do que as oferecidas no Brasil.

Fleischer (2002), em sua pesquisa realizada com pessoas que fazem trabalhos domésticos, enumerou três condições que o exterior oferece aos brasileiros, condições essas que os fazem considerar as oportunidades serem melhores que as que o Brasil poderia oferecer. A primeira delas, fortemente presente nos discursos, é a questão econômica, a possibilidade de adquirirem imóveis, casas ou apartamentos no Brasil. Uma vez que o emigrante opte por permanecer no exterior, um imóvel poderá gerar recursos através do aluguel. Caso a opção seja um dia retornar ao seu local de origem, o emigrante poderá se livrar de pagar aluguel e terá a possibilidade de abrir um negócio próprio. A segunda questão está relacionada ao que o emigrante brasileiro nomeia como “ser tratado com dignidade” no

exterior, o que tem estreita relação com a primeira condição, que é a financeira. E, por último, a melhoria do poder aquisitivo oferece ao brasileiro emigrado uma condição de dignidade que seria incomum em seu próprio país, uma vez que o acesso a melhores serviços institucionais como educação e escola, que são geralmente particulares, está diretamente atrelado a uma boa condição financeira que supra tais necessidades. O sentimento do brasileiro que está no exterior é de que, pelo fato de alcançar melhor condição financeira, ainda que com subempregos, ele pode ter acesso a políticas sociais e de saúde com qualidade que ultrapassa as condições que o Brasil oferece (Fleischer, 2002).

Uma questão importante a ser considerada é o que o brasileiro chama de “ser tratado com dignidade” no exterior: mesmo estando em subempregos, que os nativos consideram de baixa qualificação e que exigem um mínimo de raciocínio e intelectualidade, tal condição lhe confere dignidade, pelo acesso a serviços públicos de boa qualidade (o que deveria acontecer naturalmente no Brasil, independentemente da condição econômica e social).

Fogaça e Rosa (2012) apresentam em seu estudo a condição na qual o emigrante brasileiro trabalha. Para esses autores, o que o brasileiro vivencia no exterior pode ser chamado de trabalho “escravo”.

São jornadas de trabalho desumanas de 12, 14 horas, chegando até a 18 horas diárias; ficam limitados a subempregos desprezados pela comunidade nativa; são explorados, sendo mal remunerados por nativos ou por outros estrangeiros; não usufruem dos espaços de convivência das cidades em virtude da ausência de tempo livre para o lazer; adiam ano a ano o retorno para a terra natal em virtude da falta de recursos ou do temor de não encontrarem trabalho que lhes proporcionem o mesmo nível social que atingiram na terra estranha; perdem seus laços familiares em decorrência da distância, entre outros. (Fogaça & Rosa, 2012, p.3).

Dessa forma, o desejo de emigrar e conseguir a ascensão financeira e social perpassa por diversas situações que condicionam o brasileiro à indignidade, não só no trabalho, mas também quanto à inserção social e política, mesmo que de forma imperceptível.

Sabe-se que para entrar nos Estados Unidos é necessário que se tenha o visto concedido pela Embaixada ou Consulado americano. Mas, devido ao grande número de pessoas que emigravam para o exterior, os vistos começaram a ser barrados, inclusive em regiões específicas, como aconteceu em Minas Gerais, uma vez que os funcionários desses órgãos podiam perceber que aqueles que se apresentavam para retirar o visto tinham características físicas, educacionais e financeiras que permitiam supor o desejo de trabalhar no exterior (Assis, 2007).

Segundo Assis (2008), não ter o visto não significava necessariamente a não realização da viagem. Passar pelo México era uma alternativa plausível para as pessoas que

não conseguiam o visto para entrar nos Estados Unidos, recorrendo então à estratégia de atravessar a fronteira ilegalmente. Para isso era necessário que pessoas que conhecessem o território da travessia realizassem a passagem desses emigrantes. Esses conhecedores da travessia são denominados “coiotes”. Os “coiotes” são, na maioria das vezes, mexicanos e pessoas de outras nacionalidades, que cobram um determinado valor para acompanhar os emigrantes de maneira clandestina, realizando a travessia pelo México para então entrar nos Estados Unidos através da fronteira, por vias terrestres ou aéreas (Siqueira, 2008).

A realização da travessia pelo México expõe o emigrante a diversas situações de grande risco, tais como atravessar rios a nado ou em boias de pneus de caminhão durante a noite, ficar dias sem comer, se esconder na mata, voar em aviões clandestinos e ser preso pela polícia que atua na fronteira entre o México e Estados Unidos. Dados de Santos, citado por Assis (2008), retratam que cerca de 200 brasileiros foram deportados dos Estados Unidos em janeiro de 2004, 301 em janeiro de 2005, dos quais 199 eram do estado de Minas Gerais. Para os que não foram deportados, resta o trabalho na condição de emigrante ilegal e as consequências decorrentes dessa condição, apontadas e discutidas anteriormente.

O processo da emigração é caracterizado como coletivo, pois não parte de uma decisão individual; desde o início, a preparação para a viagem não ocorre de maneira individual (Fazito, 2010). Segundo Fazito (2010) a emigração é algo compartilhado com familiares e amigos, e é nessas relações que o desejo de emigrar é construído e estruturado. O que torna a emigração um projeto coletivo são as conexões estabelecidas entre aqueles que já emigraram e os que ainda desejam emigrar. Isso ocorre de maneira natural para os moradores da cidade de Governador Valadares e região, uma vez que a cultura emigratória passou a representar um processo de reconhecimento e pertencimento coletivo (Fazito, 2010; Soares, 2002). Essa organização da cultura migratória propicia uma valorização do ato de emigrar, atrelado à identidade de ser valadarense ou pertencente a cidades vizinhas (Soares, 2002). A noção de “cultura da emigração” naturaliza as formas como as relações se constroem, formando assim redes sociais específicas.

Fusco (1999) define as redes sociais como sendo algo complexo de ser analisado, visto que não se trata de uma estrutura estática, mas sim de um sistema dinâmico onde são transmitidas diversas informações, dinheiro e até mesmo pessoas. As redes sociais são construídas e modificadas constantemente a partir de aspectos relacionados a emigração, onde tais redes se apresentam como primordiais para que o emigrante seja bem-sucedido em seu processo. Uma característica primária da rede social é estabelecida inicialmente dentro da família, onde um indivíduo ao emigrar, o faz com o intuito de futuramente levar mais

membros da família para o exterior.

Outra característica predominante das redes sociais se dá pelas trocas de informações entre origem e destino, através do fluxo constante de emigrantes (Fazito, 2002). Essa troca de informações visa facilitar o entendimento da dinâmica emigratória, possibilitando ao que participa do processo mais acesso a informações sobre aspectos a ele relacionados, tais como a viagem, os trabalhos oferecidos no exterior e os ganhos que se obtém a partir da inserção em tal projeto, sendo que esse aspecto, o financeiro, é o principal reforçador que fez com que cada vez mais pessoas se inserissem no fluxo emigratório.

1.4 Governador Valadares e São João Evangelista: cidades de grande participação no processo emigratório

Antes de situarmos historicamente e economicamente o processo emigratório, bem como os motivadores para que ele aconteça no Brasil e na região definida para o nosso estudo, é preciso inicialmente caracterizá-la, para tornar possível uma melhor compreensão do comparativo realizado entre a emigração de forma mais ampla com a emigração nessa região específica. Sendo assim, será apresentado inicialmente nosso universo de estudo e, em seguida, os dados relativos à emigração no país nas décadas de 80, 90 e 2000.

As cidades que constituem a região do Vale do Rio Doce, localizada na região leste de Minas Gerais, conhecida como grande polo de emigração de pessoas para o exterior, é foco de inúmeros estudos que almejam investigar tal fenômeno e descrever o que leva tantas pessoas a emigrarem para o exterior, bem como caracterizar o processo e seus impactos na região, na economia e nas famílias (Fusco, 1999; Fazito, 2010; Assis, 2003; Siqueira, 2008). Acrescentando a essa gama de autores, cabe aqui destacar os trabalhos de Machado (2006; 2008; 2010), que caracterizam o fenômeno não como uma única realidade financeira ou demográfica, mas com especificidades que distinguem o fenômeno nessa região como diferente das demais regiões investigadas no país. Para esse autor, a região se destaca pelo objetivo traçado pela família: a maioria das famílias estabelecem o objetivo de emigrar e conseguir dinheiro não para alcançar sucesso financeiro, mas sim para a conquista da casa própria. Sendo assim, o autor percorre as teorias que relacionam família, parentesco e emigração, para então descrever de que forma essas características se apresentam como particulares na região estudada. Dessa forma, a região apresenta em seu contexto emigratório a participação de toda a família no processo, principalmente do casal, caracterizando assim

um projeto coletivo e compartilhado, não sendo um projeto individual.

Governador Valadares e São João Evangelista são duas cidades pertencentes à região leste de Minas Gerais. São cidades distintas em se tratando de população, economia e cultura, mas não se diferem das demais cidades pertencentes à mesma região em relação ao grande número de pessoas que participam do processo emigratório desde a década de 80.

A população estimada da cidade de Governador Valadares no ano de 2010 era de 263.689 pessoas (IBGE, 2010). Esse número cresceu desde a década de 80, quando na cidade residiam 196.117 pessoas, e década de 90, quando tinha 230.524 habitantes (Espíndola; Esteves & Martins, 2010). O aumento mais expressivo da população no município se deu no período entre 1980 e 1991, quando a população cresceu de 196.117 para 230.524 habitantes, embora nessa mesma época, tenha-se registrado um grande número de valadarenses que migraram para o exterior.

A população economicamente ativa representa 39% da população atual. Segundo dados apresentados por Espíndola, Esteves e Martins (2010), dos três principais setores de atividades em Governador Valadares o que mais se destaca é o de prestação de serviços, seguido do comércio e em último a indústria. O crescimento do setor de serviços ao longo da década de 90 ocorreu devido ao surgimento de muitas agências de turismo, que atuavam como bancos ao fazerem a transferência de dólares entre os emigrados e suas famílias (Assis, 2007).

Uma informação necessária a se acrescentar na caracterização dessa cidade diz respeito à produção e ao ambiente econômico nas décadas de 50 e 60. A cidade e a região dispunham de uma matéria prima, a mica, um minério muito utilizado durante a segunda guerra mundial. Os Estados Unidos tinham interesse em extrair esse minério para utilizar durante a guerra, pois a mica era um composto importante na construção de aviões (Espíndola; Esteves & Martins, 2010). Isso atraiu os olhares de dois dos países que estavam em guerra, Japão e Estados Unidos. Representantes de ambos estiveram na cidade na ocasião, porém os Estados Unidos prevaleceram para a exploração, a partir de um contrato com a cidade por troca de serviços, no qual o governo americano ofereceu ajuda no combate à malária e construção de um sistema de saneamento (Sales, 1991). Finalizada a extração de mica, alguns americanos continuaram a visitar a cidade para o comércio de pedras preciosas.

Diversos autores como Siqueira (2007), Assis (2008), Sales (1991) e Fusco (1999) apontam como uma das primeiras explicações para o fenômeno na cidade a condição econômica do país. Mas a presença de estrangeiros na cidade reforça a emigração contínua para o exterior desde a década de 60, especialmente para os Estados Unidos (Margolis, 1994; Sales, 1991).

Com a presença de estrangeiros na cidade por ocasião da extração da mica e posteriormente para a comercialização de pedras preciosas, os nativos começaram a observar seus padrões de comportamento e a forma como lidavam com o dinheiro, não tendo o hábito de requisitarem o troco ao comprar jornais, cigarros ou pagar por serviços como engraxar os sapatos. Relatos coletados na pesquisa de Assis (2003) demonstram a forte influência que esses americanos tiveram na cultura emigratória valadarense; a autora destaca que muito além do desejo de emigrar por fatores econômicos, especialmente para a América e não para outro lugar, estão inseridos valores subjetivos: “As palavras ditas em inglês, os dólares que chegaram ao comércio... além da construção de algumas casas no estilo americano, são indicativos desta influência. Embalados no sonho de ganhar “verdinhas” os primeiros valadarenses foram para os Estados Unidos” (Assis, 2003 p. 44).

Siqueira (2008) observa que os valadarenses que emigravam o faziam já com o objetivo de retornar. Sendo assim, o dinheiro arrecadado no exterior era enviado para a cidade, para que fosse aplicado na compra de imóveis, construção de casas e outros investimentos. A emigração na cidade se tornou expressivamente forte, devido às remessas de dinheiro enviadas todos os anos. Os serviços e comércios são quase que unanimemente a principal fonte de renda para a cidade.

Dada a preocupação do governo local e até mesmo estadual e federal em fornecer subsídio para as famílias e os emigrantes, foram criadas duas ONG's, que têm como principal objetivo orientar sobre diversas questões que abarcam a emigração, dentre elas o investimento dos dólares enviados para a cidade. A CIAAT (Centro de Informação, Apoio e Amparo para a Família e ao Trabalhador no Exterior) e a ASPAEMIG (Associação dos Parentes e Amigos dos Emigrantes do Brasil) foram criadas em Governador Valadares para fornecer alternativas e orientar possíveis investimentos dos emigrantes e de suas famílias, que geralmente recebem as remessas no Brasil. A CIAAT é um programa que abrange não só a cidade de Governador Valadares, mas também outras cidades da região que apresentam também um número expressivo de pessoas que migraram e migram para o exterior.

Sendo assim, desde a década de 80 até então, a cidade de Governador Valadares, também conhecida nacionalmente como “Valadólares” (Siqueira, 2007), tem apresentado uma cultura econômica pautada na movimentação constante de relações estabelecidas entre parentes emigrantes no exterior e a família na cidade, além de movimentações monetárias que atualmente preocupam a cidade.

1.5 Caracterizando São João Evangelista

São João Evangelista totaliza numa população de 15.553 habitantes, segundo dados fornecidos pelo IBGE em seu último censo demográfico (IBGE, 2010). De acordo com o site da prefeitura da cidade, essa população está dividida entre a zona urbana, onde se concentram 9.282 habitantes, e a zona rural, onde estão distribuídos 6.271 habitantes.

A cidade de São João Evangelista não apresenta em sua história, dados tão significativos quanto os de Governador Valadares, dada a sua condição territorial e sua história interiorana. Sua relação com a cidade de Governador Valadares é estreita, uma vez que essa última é referência na microrregião na busca por serviços de saúde mais especializados, como hospitais e médicos, dentre outros recursos que a cidade oferece. A distância entre as duas cidades é de 146 km, o que possibilita um melhor acesso em comparação à capital do estado, Belo Horizonte, que está a uma distância de 280 km.

A economia da cidade está centrada na produção agropecuária em alta escala, de milho, feijão, leite e seus derivados e gado de corte. Não há registros de que os evangelistanos que saíram da cidade, em especial para o exterior, tenham enviado quantias significativas para que isso se tornasse importante na economia da cidade. A cidade não dispõe de grandes indústrias, sendo que a maior oferta de empregos se encontra na área pública, concentrados na prefeitura, no Instituto Federal de Minas Gerais e em outros órgãos que atuam na cidade, como o IBGE e o INSS.

A cidade tem grande destaque na área da educação, uma vez que é polo de um dos Institutos Federais distribuídos em todo o país. A escola foi fundada no ano de 1951 com o nome de Escola Agrotécnica Federal de São João Evangelista, tendo sido implantado primeiramente o Curso Técnico em Agropecuária. Em 1980, foi implantado o Curso Técnico em Economia Doméstica, que passou por duas reformas em sua grade curricular e no nome, alterado primeiramente para Curso Técnico em Alimentação e depois para Curso Técnico em Nutrição e Dietética. Em 1999, foi criado o curso Técnico em Informática, depois reformulado, e que atualmente se chama Curso Técnico em Manutenção e Suporte de Informática. Posteriormente, o Curso Técnico em Meio Ambiente foi criado. No ano de 2005, foi implementado o primeiro curso superior no Instituto, o Curso Superior Tecnologia em Silvicultura. Nos anos seguintes foram implementados os cursos de ensino superior Licenciatura em Matemática e Bacharelado em Sistemas de Informação (IFMG, 2013).

A escola se destaca na cidade, sendo foco de reportagens sobre a educação e principalmente por receber anualmente estudantes de todas as cidades da região e também do

exterior. Nos últimos três anos a escola recebeu seis angolanos em cursos técnico e superior.

A cidade tem como marca cultural as danças tradicionais, como os caboclinhos e outras danças realizadas por grupos como o Grupo da Melhor Idade, que se apresenta em festas juninas e outros eventos. A festa principal ocorre em setembro e é denominada “Semana da Cultura”, quando são apresentados trabalhos regionais e acontece a venda de produtos e artesanatos fabricados pelos nativos da cidade (Prefeitura Municipal de São João Evangelista, 2013).

Acreditamos que, devido à proximidade com Governador Valadares, a emigração e as histórias de sucesso financeiro para quem foi e retornou tenham incentivado a emigração de pessoas também de São João Evangelista, bem como das demais cidades que fazem parte dessa microrregião (Siqueira, 2008). Embora a cidade não tenha sua marca na história da emigração internacional inserida nos estudos sociais, demográficos e econômicos, todos os moradores compartilham da realidade de se ter um conhecido, amigo ou parente no exterior que foi em busca de melhoria de vida e de condição financeira.

1.6 As migrações internas, os imigrantes e os primeiros emigrantes

Desde a década de 1940 o Brasil presenciou um número expressivo de migrações internas, conforme demonstrado por estudos e estimativas realizados por instituições diversas. De acordo com Souza (1980), cerca de 3,4 milhões de brasileiros haviam saído de seus locais de origem para outro dentro do Brasil. Conforme dados apresentados pelo mesmo autor, esse número aumentou consideravelmente em 1950, chegando a 5,2 milhões de pessoas, e na década de 1960, saltou para 12,5 milhões. Importante ressaltar que essa estatística foi realizada com a técnica de pesquisa domiciliar, na qual é perguntado sobre o número total de pessoas que constituem a família, e este é comparado com o número total de pessoas que residem na casa no momento da entrevista.

O motivador para que as migrações tenham ocorrido está relacionado a ciclos de produção importantes no Brasil, podendo-se citar os ciclos da cana de açúcar, do ouro, do café, da borracha, dentre outros (Souza, 1980). Conforme as regiões produziam e alcançavam desenvolvimento econômico, a necessidade de mão de obra crescia, gerando assim oportunidades de trabalho.

O Brasil foi também grande receptor de imigrantes muito antes da década de 1940. O país recebeu num primeiro momento os africanos, no período cafeeiro. Posteriormente, atraiu também italianos, alemães, portugueses, espanhóis, japoneses, dentre tantos outros que

imigraram em momentos diferentes (Oliveira, 2001). Nosso objetivo aqui não é mensurar dados estatísticos sobre estrangeiros que imigraram para o Brasil, mas é importante demonstrar que num primeiro momento o país recebeu um número considerável de imigrantes que vieram em busca de melhoria de vida, melhores condições financeiras, sociais e de saúde inclusive. Segundo dados apontados por Levy (1974), os imigrantes de nacionalidade portuguesa eram os que representavam a maioria dos estrangeiros que estavam morando e trabalhando no Brasil em 1970, totalizando 35% do total. Depois estavam os italianos (12%), japoneses (12%), espanhóis (10%) e alemães (4%), respectivamente.

Desde a década de 1960, ou ainda antes desta, mesmo o Brasil sendo ainda receptor de um grande número de imigrantes, ele foi discretamente se tornando também local de saída de brasileiros para o exterior. Os motivos não eram os mesmos que da imigração, pois emigrava-se com outros objetivos, como estudar, conhecer outros países ou ainda se refugiar da repressão militar que ocorria no país (Sales, 1991). Sendo assim, acredita-se que a quantidade de brasileiros que emigravam para o exterior era bem reduzida, quando comparada à quantidade de imigrantes que chegavam ao Brasil, pois as famílias deveriam possuir um capital financeiro elevado para custear uma viagem, fosse de estudos ou de qualquer outra natureza, uma vez que as despesas eram altas. O Brasil estava num momento em que a economia gerava empregos e boas condições de vida, não havia então necessidade de que o brasileiro abandonasse o seu país somente para buscar melhores condições financeiras. Demograficamente falando, o Brasil era um país que poderia ser considerado uma população fechada, pois o crescimento populacional brasileiro era advindo de nascimentos e óbitos essencialmente, devido ao número mínimo de pessoas que emigravam para o exterior (Patarra, 2005).

1.7 Emigração na década de 80, 90 e 2000 – fatores econômicos e sociais – O Brasil doador

Durante a década de 80, o Brasil presenciou um fenômeno relacionado ao grande número de brasileiros que estavam emigrando para o exterior. O que antes era algo esporádico e predominante entre aqueles que pertenciam à elite se tornou acessível para parte da classe média, desde que conseguissem acumular o montante necessário para realizar a viagem para o exterior. A explicação para tal fenômeno está na condição de desenvolvimento econômico que o país alcançou naquele momento, o que fez com que o Brasil, antes um pólo-referência para receber imigrantes, se tornasse então um país doador de migrantes (Forjaz, 1993).

No Brasil, o fim dos anos 1980 significou a transição para um novo padrão de acumulação, financeirizado e patrimonialista. Segundo relatório do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2010), a crise internacional desmantelou os mecanismos de crescimento da economia brasileira construídos nas décadas anteriores. Isso se deu através da paralisação do mercado internacional de crédito, do redirecionamento dos fluxos de investimento direto para os Estados Unidos e seu afastamento da rota da periferia e da transferência maciça de recursos da periferia para o centro. A verdadeira natureza da crise por que passou o país nos anos 1980 foi, assim, a crise de uma economia industrializada e altamente internacionalizada, que se viu excluída da rota dos movimentos internacionais de capital, financeiros e produtivos. (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2010, p. 23).

A então considerada “década perdida” citada por inúmeros autores, dentre eles Forjaz (1993), Silva (1992) e Rocha (1992), foi foco de estudos voltados não só para o desenvolvimento econômico, mas também para o desenvolvimento social, educacional e da saúde vigente no país, dentre tantos outros fatores que despertavam o interesse dos cientistas. Mas o que mais mobilizava era o fator econômico, pois esse era o que permitia o desenvolvimento das demais áreas estudadas.

Sendo assim, o ambiente econômico estudado no Brasil apontava para taxas de inflação elevadas, em decorrência da crise na dívida externa, uma vez que na década de 80 essas taxas atingiram seu nível máximo na história da economia brasileira (Carvalho, 2003). Isso ocorreu devido à tentativa de enfrentamento da crise e intensa luta contra a inflação, resultando em recessão e provocando assim um colapso das finanças públicas do país (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2010). Os dados apresentados no relatório do IPEA indicam ainda a criação de cinco planos econômicos na tentativa de estabilização da inflação, que embora não tenham conseguido combater efetivamente a alta dos preços, propiciaram, ao menos, uma moderação no crescimento econômico.

Em decorrência da recessão, o mercado de trabalho sofreu forte impacto. As oportunidades de emprego diminuíram e a população em idade de trabalho continuava a crescer, tudo isso acrescido do grande número de pessoas que haviam emigrado da zona rural para a zona urbana em busca de melhores condições de vida e inclusive de emprego. Sabóia (1986) descreve a dificuldade em apontar dados sobre desemprego na década de 1980, dada a condição de trabalho informal no país, a qual não influencia nas estatísticas, devido ao não registro do trabalhador de maneira formal. Para esse autor, embora o setor formal da indústria de produção tenha entrado em crise, muitos dos funcionários que saíram deste setor buscaram a solução no mercado informal de trabalho.

Em meados da década de 70 e início da década de 80 os estados mais desenvolvidos do Brasil, como São Paulo e Rio de Janeiro, apresentaram uma redução no volume de migrantes. No Rio de Janeiro, que entre 1970-1980 havia recebido 855.230 migrantes, no período entre 1987-1991 houve uma redução para 576.399 migrantes. No estado de São Paulo, que antes havia registrado 3.250.889 migrantes nos anos 70/80, nos anos 80/90 houve uma redução para 2.679.169 migrantes (Baeninger, 1999). Isso significa que embora as migrações internas ainda acontecessem, essas perderam força devido à crise econômica pela qual o país estava passando.

As migrações internas perderam força e a notícia de que cada vez mais aumentava o número de brasileiros que partiam para o exterior se tornava um novo foco de estudo para os cientistas da época e dos anos posteriores, pois cada vez mais a emigração foi ganhando força e cada vez mais brasileiros foram se inserindo no exterior. Os primeiros movimentos emigratórios foram protagonizados por jovens de classe média urbana que migraram em busca de serviços mais bem remunerados, porém de menor qualificação, de inserção em setores industriais pesados ou serviços não realizados pela maioria dos nativos, mas que geravam uma quantia significativa (Sales, 1999). Entre os anos de 1981 a 1991 o IBGE registrou o número de 59.033 brasileiros que residiram em outro país e retornaram para o Brasil. Importante ressaltar que o número acima citado se refere a pessoas que já haviam retornado para o país e declararam terem morado no exterior tendo residência fixa (Antico, 1998).

Na tentativa de demonstrar estatisticamente a quantidade de brasileiros que residiram no exterior na década de 80, Sales (1991) apresenta um grande dificultador, já mencionado e discutido anteriormente, que é a oscilação dos números apresentados por diferentes instituições que prestam serviços para emigrados, tais como igrejas, bancos e ONG's, fazendo com que esse número varie entre 25 mil e 90 mil emigrantes brasileiros somente na região de Boston, por exemplo. A autora ainda chama a atenção para a emergência e o desafio de se quantificar de maneira exata esses números, dada a imprecisão na apresentação dos dados.

O que propiciou o conhecimento do grande número de brasileiros que estavam emigrando para o exterior na década de 80, quando aconteceu o denominado boom emigratório (Siqueira, 2007; Fusco, 1999 e Fazito, 2010), foram as notícias de que vários turistas brasileiros eram impedidos pelos serviços de migração em aeroportos internacionais dos Estados Unidos e Portugal, de entrarem no país estrangeiro, dada a suspeita de que poderiam aumentar de maneira significativa o número de imigrantes ilegais no país (Assis, 2008).

As primeiras estimativas quanto à saída de brasileiros, realizadas por diversas instituições, dentre elas o IBGE, O Ministério das Relações Exteriores e os consulados americanos, variaram de um saldo migratório mínimo de 1.042 milhão a um máximo de 2.480 milhões de pessoas na década de 80 (Carvalho, 2003). Desse montante, a cidade de Governador Valadares seria responsável pela saída de 23 mil valadarenses para os Estados Unidos (Soares, 2002). O perfil vigente dos primeiros valadarenses que se inseriram nos Estados Unidos como emigrantes era de homens jovens, com idades entre 20 e 29 anos (Fusco, 1999), embora algumas mulheres, também em idade jovem, solteiras ou casadas, começaram a fazer parte do processo emigratório no fim da década de 80, reconfigurando os fluxos migratórios no início da década de 90 (Assis, 2007).

1.7.1 Anos 90

A economia nos anos 1990 apresentou um novo panorama para o Brasil, quando a inflação finalmente viria a ser controlada. Embora as taxas econômicas de crescimento tenham sido menores, o Brasil buscava uma política de estabilidade nos preços com o intuito de dar um novo significado ao cenário vivenciado na década de 80.

Ao longo dos anos 90 foi realizada a venda de diversas empresas nacionais, públicas e privadas, para empresas internacionais, porém o capital adquirido a partir dessas vendas pouco contribuiu para o desenvolvimento econômico do país, fazendo com que o Estado Patrimonialista tomasse força e a circulação financeira se tornasse a principal expressão de riqueza (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2010). Outra característica marcante deste período foi a criação do Plano Real, lançado em 1994. Considerado como o plano de estabilização de maior êxito já implementado no Brasil (Ministério da Fazenda, 2013), o Plano Real foi um programa brasileiro que surgiu com o objetivo de conseguir estabilizar e propiciar reformas na economia.

O mercado de trabalho apresentava sinais de crescimento na área do comércio, enquanto o nível de emprego na indústria caía consideravelmente, o que justifica a evolução da taxa de desemprego e a estagnação do nível de emprego. A baixa de empregos no setor da indústria relacionava-se com a condição de maior abertura econômica no Brasil, o que propiciou a introdução de novas tecnologias no setor industrial brasileiro com o objetivo de aumentar a produtividade na indústria (Neri, Camargo & Reis, 2000). Para esses autores, a modernização das tecnologias no setor industrial criava uma condição alarmante para os trabalhadores que já atuavam nas indústrias, uma vez que suas formações profissionais não

acompanhavam as novas tecnologias, fazendo com que o sistema profissional formasse novos jovens para então atuar neste setor de trabalho. Tal condição não justifica em totalidade, mas em parte, a inserção de pessoas na emigração internacional com idade mais avançada, que não se enquadram no perfil geral de pessoas que emigravam na época.

Ao longo da década de 90, o fluxo de brasileiros para os Estados Unidos e outros países manteve-se contínuo, ao mesmo tempo em que se diversificava a população, tornando-se mais complexas as suas características (Assis, 2007). Na década de 90 embora vários brasileiros emigravam para outros países como Japão, Portugal e Espanha, os Estados Unidos continuavam a ser o país que mais recebia brasileiros, contabilizando um número equivalente a 1.419.440 de emigrantes (Patarra, 2005). Em se tratando da cidade de Governador Valadares, no ano de 1993, calculou-se que cerca de 27.000 valadarenses haviam emigrado para o exterior, grande parte deles na faixa entre 16 e 35 anos (Espíndola, 2006).

Nesta década percebe-se uma expansão entre as idades daqueles que emigraram, configurando assim um novo fluxo migratório, no qual estão inseridos também mulheres e adolescentes. Segundo dados da prefeitura de Governador Valadares, as remessas de dólares enviados pelos emigrantes movimentaram a indústria da construção civil, o comércio, e propiciou a abertura de muitos negócios, ressaltando que esses recursos foram fundamentais para manter a dinâmica da economia nos anos 1980 e 1990 (Espíndola, 2006).

1.7.2 Ano 2000

A maioria dos sinais que indicavam que a década de 2000 seria promissora começou a aparecer após o ano de 2005. A implantação do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), iniciado no ano de 2007, tinha como objetivo principal recuperar a infraestrutura que se encontrava deteriorada e diminuir a desigualdade social (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2010). O PAC representava muito mais que uma luta contra a desigualdade social, apontava também para novas perspectivas de atuação política e econômica no país:

O PAC mostra uma nova face do Estado, menos capturado pelas políticas recessivas de estabilização de preços e mais voltado para estruturar o desenvolvimento e explorar as potencialidades da economia nacional. Até porque uma das características desta nova fase é a estabilidade dos preços e das contas públicas, com significativa redução da dívida líquida do setor público (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2010, p. 27).

Mesmo com melhores condições na economia, as quais propiciaram a reação do mercado de trabalho de maneira positiva, aumento da massa salarial e redução do serviço

informal no mercado de trabalho, esses fatores não foram interventivos na continuidade dos fluxos emigratórios. Na década de 2000, os Estados Unidos concentravam um número equivalente a 1.805.436 brasileiros (Martes & Soares, 2006), o que diminuiu consideravelmente devido à crise econômica nos Estados Unidos e à baixa no dólar no ano de 2007 (Marinucci, 2006). Durante a década de 2000, a ONG CIAAT estimou no ano de 2007, mesmo ano da crise americana, que o número de valadarenses no exterior somava 40.000 emigrantes, na faixa etária entre 20 e 40 anos de idade (Siqueira, 2007).

1.8 O retorno: a condição do brasileiro retornado

O retorno é parte componente do projeto emigratório, uma vez que parte daqueles que emigram o fazem motivados pela possibilidade de retornar em condições financeiras melhores (Siqueira, 2010; Assis & Campos, 2009; Sayad, 1998). O retorno muitas vezes é adiado, por vários fatores, dentre eles o desejo de conseguir mais recursos financeiros ou bens de consumo duráveis, de retornar apenas quando os filhos tenham se tornado independentes ou de conseguir a cidadania americana e poder transitar entre os países de maneira legalizada.

Como esse projeto de retorno está sempre presente nos planos de quem emigrou, costumeiramente são enviadas remessas de dinheiro para o local onde se deseja voltar. Muitos retornaram após atingirem o objetivo de juntar um montante de dinheiro para investir em negócios ou no mercado mobiliário, especialmente a partir do ano de 2004 (Siqueira, 2008). A autora ainda ressalta que muitos dos valadarenses que retornaram desejavam, até o momento da pesquisa realizada, voltar ao exterior para novamente juntar dinheiro. Muitos deles, estando de volta na cidade de origem, realizaram diversos investimentos em negócios próprios, mas nenhum deles teve alguma orientação ou acompanhamento de órgão específicos que os auxiliassem na administração, indo então à falência.

Talvez tenha sido essa realidade que fez com que o Ministério das Relações Exteriores disponibilizasse em sua página na internet a partir do ano de 2010 um guia de serviços, denominado “Guia de Retorno ao Brasil”, contendo informações de órgãos e instituições que oferecem serviços e programas de acolhimento para o brasileiro retornado (Ministério das Relações Exteriores, 2010). O guia apresenta endereços e serviços referentes a educação, trabalho, profissionalização, moradia e assistência financeira, dentre outros. O objetivo é direcionar o brasileiro recém-chegado quanto ao uso de seu dinheiro e realização de possíveis investimentos.

Em Governador Valadares, a ASPAEMIG-BR (Associação de Parentes e Amigos de

Emigrantes do Brasil) e CIAAT (Centro de Informação e Assessoria Técnica) atuam com o mesmo objetivo junto a emigrantes valadarenses retornados do exterior. Além de os auxiliarem quanto a investimentos financeiros e os representarem perante o poder público, esses programas ainda realizam estudos constantes sobre saída e chegada de emigrantes na cidade e na região, bem como a movimentação da economia proveniente dos fluxos migratórios.

Em reportagem para o Portal Terra, os representantes das ONGs ASPAEMIG-BR e CIAAT declararam suas preocupações em relação ao grande número de valadarenses que estariam retornando para a cidade de Governador Valadares. O representante da ASPAEMIG-BR declarou que há uma grande preocupação também por parte do governo local quanto ao retorno em massa para a cidade desde o início do ano de 2000. A preocupação está pautada no alto índice de pessoas que ocuparão a cidade, uma vez que estimativas realizadas por esses órgãos demonstram que em 2007 havia em torno de 40 mil valadarenses residindo no exterior e que a cidade teria recebido um valor aproximado de R\$ 80 milhões em remessas enviadas (Portal Terra, 2008). A preocupação engloba duas questões referentes à oferta de emprego na cidade e a economia, que corre o risco de sofrer recessão devido à redução de envio de dinheiro.

1.9 As implicações do processo emigratório para casais, famílias, homens e mulheres

No decorrer do processo emigratório, eventos diversos ocorrem ou podem ocorrer, como o crescimento dos filhos e envelhecimento dos pais e demais parentes, caso os tenha, modificações na casa e nas relações sociais e profissionais e, em se tratando do nosso estudo, modificações na dinâmica do relacionamento conjugal. O estranhamento vivenciado no reencontro com a família e com seus antigos costumes provoca no emigrante retornado diversos sentimentos, dentre eles a sensação de não se sentir pertencente ao seu local de origem e aos costumes vivenciados antes do processo emigratório (Siqueira, 2010).

Além disso, o processo emigratório é um momento de grande transformação na vida das pessoas, não somente para aquele que emigra, mas também para aqueles que participam indiretamente de tal projeto. Após a viagem, a família se encontra numa nova condição, devido à ausência de um de seus membros, na maioria das situações o marido ou pai. Embora Assis (2003) tenha retratado em seus estudos sobre emigração e gênero que o número de mulheres inseridas nesse projeto tenha crescido significativamente, na maioria dos casos, as famílias optam pela emigração do homem e permanência da mulher no país de origem,

cuidando dos filhos e da casa.

A decisão de que o homem emigre e a mulher permaneça faz com que ambos tenham suas vidas reorganizadas devido à ausência do cônjuge, iniciando assim determinadas atividades que antes eram realizadas apenas pelo parceiro (Reis & Machado, 2010). As mudanças no cotidiano ocorrem para ambos, visto que o homem no exterior não tem os cuidados domésticos anteriormente organizados pela mulher, e desse modo, assume tarefas tais como cozinhar e lavar a própria roupa (Siqueira, 2010). Já a mulher, sem a presença do parceiro, passa a assumir, por exemplo, as tarefas da administração do lar e das remessas de dinheiro enviadas pelo marido (Machado, 2008).

Dessa forma, a mulher que permanece no país de origem torna-se a chefe da família, diante da ausência do marido, passando a se apresentar como indivíduo fundamental nas articulações do grupo familiar e atuando como elo entre os filhos e o marido, bem como entre o país de origem e o país para o qual o marido emigrou (Reis & Machado, 2010). É a mulher que também irá manter, enquanto mãe e esposa, a relação entre os filhos e a família paterna, adquirindo assim o que Assis (2003) nomeia como centralidade das relações cotidianas na interconexão dos domicílios.

Em se tratando de sua posição como administradora dos bens e investimentos da família, mesmo que com a orientação do marido, a mulher ainda estabelece a administração das finanças e movimentação do dinheiro recebido do exterior. Tal contribuição por parte da mulher demonstra a participação feminina, que faz a conexão entre o emigrante e o mercado financeiro da cidade (Reis & Machado, 2010). Para esses autores, tal posicionamento permite à mulher, ao longo do tempo, uma maior independência em relação ao seu marido. O que pode ser ainda intensificado, caso a mulher trabalhe fora de casa e não dependa financeiramente do marido. E isso pode acarretar futuramente o rompimento entre os elos que ligam um marido provedor e sua esposa (Reis & Machado, 2010; Vaitsman, 1994).

As relações familiares e sociais são de extrema importância nesse momento da ausência do parceiro e vice-versa. Embora a mulher e o marido permaneçam juntos, propiciando apoio emocional mútuo, estão distantes fisicamente, cabendo às pessoas das redes sociais estabelecidas por ambos funcionarem como companhias e auxiliarem na resolução de possíveis conflitos (DeBiaggi, 2004).

O homem, por sua vez, se depara não só com um novo contexto cultural e social, mas também com valores e costumes que inevitavelmente irão refletir em seus hábitos, tendo assim que se adaptar às exigências do ambiente e das novas relações estabelecidas (Sayad, 2000). Tais mudanças refletem na dinâmica conjugal, levando o casal a constantes

negociações e à adoção de estratégias para lidar com as adversidades da emigração, na tentativa de manterem o relacionamento conjugal.

1.10 Gênero, relacionamento conjugal e relacionamento familiar: contexto histórico e cultural

A partir do início do século XIX, muitos estudos surgiram com a pretensão de se investigar e propiciar a reflexão sobre identidade e representação do que é ser mulher e das relações entre o masculino e o feminino. Nas décadas de 60 e 70, nos países da França e dos Estados Unidos, surgiram os primeiros estudos buscando explicar a condição da mulher nos diversos espaços em ela que atua, como o espaço político, social, cultural, econômico e histórico, os papéis que cada um assume na sociedade e as relações de poder estabelecidas entre eles (Rodrigues & Yannoulas, 1996). Desde então, os estudos de gênero foram se tornando cada vez mais significativos nas análises sobre o homem, a mulher e as condições nas quais se estabeleciam as estruturas das relações.

Ao mesmo tempo em que se aprofundavam os estudos sobre gênero, aconteciam várias lutas feministas, desencadeadas por mulheres que saíam às ruas e utilizavam meios de comunicação como jornais e rádios para lutarem pelo direito de acesso a novos espaços que não fosse a casa, o privado (Sarti, 2002). Nossa intenção aqui não é avaliar de que forma se estabeleceram as lutas feministas, mas é importante ressaltar que a presença das mulheres nas ruas e em outros locais até então não acessados pelo sexo feminino propiciou a oportunidade de enriquecer as discussões que abarcavam as mudanças que estavam acontecendo na época, e que seriam a base do entendimento das consequências e possíveis modificações das futuras relações que se estabeleceriam.

O entendimento sobre o conceito de gênero se complica à medida que as pessoas o utilizam de maneira indiscriminada e discrepante em vários estudos. Scott (1990) problematiza a utilização do termo de maneira desinformada e inocente, o que muitas vezes acontecia quando muitas pessoas, dentre elas as feministas e os estudiosos, referiam-se a gênero reduzindo o termo ao sexo ou à sexualidade, inclusive feminina. A autora ressalta que, para além das pesquisas e trabalhos que proporcionaram uma nova avaliação crítica sobre os espaços que as mulheres passaram a ocupar, bem como suas relações nesses ambientes, era preciso avaliar historicamente a condição da mulher e suas relações de poder inclusive com o homem e com a sociedade, pois as mudanças no paradigma do que significava ser mulher não apontavam apenas para uma história sobre as mulheres, mas também para uma nova história,

uma vez que a categoria gênero estava atrelada aos estudos sobre classe e raça.

Carson (1995) também problematizava o gênero a partir das falhas apontadas por ele nas ciências de uma maneira geral, e principalmente nas ciências sociais. Para o autor, ao mesmo tempo em que o estudo sobre gênero contribuía para as ciências sociais, ele as confrontava, à medida que as reflexões apontavam para uma falha onde se apresentava um pensamento social construído no masculino e com a exclusão do feminino, evidenciando assim uma necessidade de mudança sob a ótica da estrutura pela qual a ciência estava construindo e significando o homem, a mulher e as relações, bem como a urgência de tal mudança. Demonstrava também significados importantes que necessitavam da realização de estudos aprofundados para possíveis progressos de novos entendimentos e inserções da análise sobre a mulher e sua condição, não apenas no setor público, mas também no setor privado, onde suas relações também eram marcadas por fortes definições de papel feminino, como ser mãe, esposa e cuidadora do lar. Carson ressaltava que pouco adiantaria se vencer as lutas que reivindicavam por novos espaços na política e outros locais, pois o problema seria resolvido parcialmente, “...sendo claramente insuficiente para combater a permanente discriminação social vivenciada pela mulher” (Carson, 1995, p. 193).

Dessa forma, atenta-se para que as questões relativas ao gênero precisam ser tratadas de maneira cuidadosa, pois o conceito de gênero ultrapassa os significados tais como descritos no dicionário e a forma reducionista como é utilizado em muitos estudos. Seu conceito rompe com a relação do que é natural e do que é adquirido pelo homem e pela mulher através da cultura, dando lugar e significado a essas duas dimensões que estão separadas (Carson, 1995), colocando a segunda na condição de complexa, uma vez que não se conclui e não conclui de maneira definitiva o seu significado, muito pelo contrário, sempre se constrói e transforma, à medida que o mundo e as relações entre os homens e mulheres tomam novos rumos e espaços na sociedade, no público e no privado.

1.11 Gênero e suas implicações na relação conjugal e familiar

A condição social das mulheres está diretamente ligada a diversas transformações que ocorreram na sociedade. Vaitsman (1994) aponta que as conquistas não são apenas das lutas feministas, mas também de outras categorias como as lutas raciais, sexuais e étnicas. Com as modificações ocorridas no decorrer dos anos e com as conquistas femininas, as mulheres passaram a se inserirem em novos espaços que não mais se resumiam apenas à esfera privada, mas também no espaço público. Sendo assim, não se consegue falar apenas de gênero,

descolado de relacionamento conjugal e familiar, uma vez que os sujeitos que constituem essas relações são os atores principais da investigação desse conceito.

As mulheres ocupavam espaços diversos, de acordo com sua condição social e principalmente econômica. Muitas delas, pertencentes a classes socioeconômicas baixas, trabalhavam em lavouras e serviços domésticos, como lavadeiras de roupa, que trabalhavam em poços e rios, e também como amas de leite, que prestavam serviço para complementar a renda familiar (Matos, 1996). Como toda mudança remarca os lugares dessas mulheres, os modos de organização familiar e social se modificaram, inviabilizando o trabalho das mulheres, uma vez que a condição de ser mãe e esposa passou a ser mais identificada como a de uma “mulher ideal”, de acordo com o juízo de valor da sociedade.

Rocha-Coutinho (1994) realiza um percurso histórico no qual mostra a posição das mulheres de acordo com o momento histórico, demonstrando assim a condição feminina e as construções das características que se colavam cada vez mais à identidade feminina. Características essas atreladas à condição de “dever ser”, algo que estava pronto para a mulher desde o seu nascimento. A condição feminina, do ser mulher, se apresentava de forma natural e essencial, o que legitimava e reforçava o lugar da mulher direcionado ao cuidado do marido, dos filhos e do lar, o que era reforçado não só pelo discurso social, mas também perpassava pelas instituições religiosas e científicas.

Em decorrência dessa “naturalização” das funções femininas, passou a ser demarcada uma série de características femininas (como, por exemplo, dedicação, abnegação, docilidade), quase todas elas vinculadas àquelas características necessárias a uma “boa mãe”, levando-se muitas vezes a se identificar feminilidade e maternidade. (Rocha-Coutinho, 1994, p. 41).

Tal naturalização reforçava o lugar e a importância do homem na vida pública e na hierarquia das relações de poder, principalmente dentro da família, cabendo à mulher a servidão, cuidado e carinho destinados ao lar, ao privado. Embora poucas mulheres, e em pouco momentos, tenham ocupado espaços públicos, como aconteceu durante a II Guerra mundial, quando para suprir a falta de homens nas indústrias, mulheres eram contratadas, a volta à atuação exclusiva ao lar e ao casamento sempre acontecia num futuro momento. E essa volta era sempre amparada pelos discursos das ciências e da religião. O que significa que as mulheres não estavam sendo inseridas e recebidas onde desejavam, mas sim onde a sociedade e o patriarcado permitiam e necessitavam, controlando assim as entradas no ambiente público e a volta ao ambiente privado quando não mais precisassem de seus serviços, e esse controle era muito bem amparado pela confirmação que se dava pela religião e pela ciência.

Se as mulheres ora pudessem atuar nos espaços públicos, ora deveriam se confinar ao espaço privado, isso significa que as determinações biológicas concedidas ao gênero feminino, tais como fragilidade, intuição, sensibilidade e o ser uma mulher emocional e passiva, eram suprimidas quando fosse necessário utilizar a força de trabalho da mulher. O que se pretende afirmar é que essas condições tidas como biológicas não são mais do que construções de um discurso social que determina características e capacidades das mulheres e, conseqüentemente, dos homens.

Foi somente na atualidade que diversos autores, tais como Carson (1995), Rocha-Coutinho (1994) e Vaitsman (1994), dentre outros, aprofundaram seus estudos sobre o que é pertencente à determinação biológica e o que é construído através do discurso social. Por anos, desde o Brasil colônia até as décadas de 60 e 70, quando houveram as lutas feministas questionando a legitimidade da mulher confinada ao lar, ao casamento e à condenação de submissão ao marido e ao poder patriarcal, o amparo na ciência, com o discurso da condição de ser mãe como uma condição natural, controlava e definia o lugar das mulheres e sua “missão” enquanto mãe e esposa.

A história social representa um papel importante na compreensão que homens e mulheres têm sobre o sexo e sobre suas vivências. Assim sendo, os lugares ocupados na sociedade, determinados pelas condições sociais, diferenciam as vivências das famílias, bem como suas percepções de si e de mundo. Exemplo disso está atrelado à diferenciação da condição da mulher rica e da mulher pobre e suas representações nos discursos sociais. A mulher das camadas populares tinha acesso a locais públicos, pois deveria trabalhar para complementar as despesas da casa; já a mulher que pertencia à classe alta ficava totalmente limitada ao espaço privado, por não haver necessidade de que trabalhasse (Del Priore, 2005). O trabalho só veio a ser considerado como importante e valorizado pelas mulheres que pertenciam às camadas médias a partir da década de 60 (Almeida, 2007).

Até as lutas feministas que aconteceram a partir dos anos 60 e 70, a valorização da mulher estava atrelada ao lar, à família e ao relacionamento conjugal. As mulheres, desde seu nascimento, eram educadas e aprendiam com suas mães como se prepararem para serem futuras mulheres dignas de gerir um lar e uma família. Dessa forma, as meninas eram educadas para serem mulheres dóceis, boas, úteis e prestativas, e que nunca negassem nada ao seu marido. Assim, o cuidado sempre foi direcionado ao outro, pois as mulheres eram ensinadas a cuidar de todos, fosse ele filho, marido, avô ou qualquer outro parente, mas não ensinadas a cuidar de si mesmas (Rocha-Coutinho, 1994). A autora ressalta que com o surgimento da classe média, a concentração do poder no Estado e não mais na família

patriarcal e a transferência do poder para o conhecimento da ciência e não mais só na religião, dentre tantas outras transformações a partir da chegada da família real portuguesa ao Brasil, a mulher teve a oportunidade de então circular em ambientes públicos, especialmente as de classe superior.

Outra mudança significativa está relacionada ao casamento, que não mais era escolhido pelos pais e sim pelas próprias mulheres, embora orientadas sobre quais seriam os melhores candidatos para se casarem e constituírem uma família. Assim, elas poderiam primeiramente fazer sua escolha, para depois os pais aprovarem ou não a união. Sendo assim, as mulheres passaram a se casar não mais para selar contratos econômicos, mas sim por afeto (Bassanezi, 1997).

A mulher na condição de trabalhadora fora do lar, do privado, ainda era vista com preconceito, pois à mulher cabia o destino natural de ser esposa, mãe e dona de casa, condição destinada especialmente às mulheres das classes média alta. Uma vez que o homem tinha condições de manter a família, não havia motivos para que a mulher saísse de sua casa e de suas atribuições para trabalhar e receber por isso. O homem ainda era o responsável pelo sustento da casa, da esposa e dos filhos, e o ideal de mulher ainda estava atrelado às definições tradicionais e reforçado no âmbito público através da ciência, da igreja e da sociedade, que vigiavam essas mulheres, reforçando assim o modelo ideal de família e de mulher para constituí-la e dar continuidade à prole (Rocha-Coutinho, 1994). Para tanto, a moralidade e a vigilância caracterizam fortemente a dinâmica na qual as mulheres viviam e como eram representadas socialmente. Antes de encontrar o possível candidato ao casamento, todas as mulheres, desde a infância, eram educadas sobre como se comportarem e quais seriam as consequências para aquelas que não seguissem o padrão estabelecido, podendo tornar-se assim moças “levianas”, uma característica que era apresentada e fortemente condenada nas revistas ensinando bons modos e reforçando a condição da “boa mulher” que circulavam na época (Bassanezi, 1997). Uma vez que conseguissem então arrumar um namorado, algumas delas tinham a permissão dos pais para saírem e frequentar teatros, igrejas e demais atrações que a cidade pudesse oferecer, com uma condição, a de que houvesse alguém para vigiar, pois as moças nunca poderiam estar sozinhas.

Bassanezi (1997) ressalta ainda que no tocante à sexualidade, cabia às mulheres o controle do namoro, não podendo assim “provocar” seus namorados e devendo evitar seus “avanços”, beijos e carícias “perigosas”, pois uma vez que eram frágeis, não conseguiriam resistir a tal “ataque” caso ele fosse permitido. Assim a autora demonstra que a mulher estava constantemente em situação de perigo e devia estar sempre atenta, para não perder o possível

candidato e adquirir fama de moça leviana

Dessa forma, percebe-se que a condição da mulher havia evoluído, de uma condição de incapaz de escolher, como era na época do Brasil colônia, uma vez que os pais escolhiam o futuro marido da moça, para uma condição na qual se dava a ela o direito de conhecer o que era o amor, o romance e ainda o direito de se casar por amor, mas para que isso se realizasse cabia a ela uma série de normas e regras, às quais deveria seguir fielmente, para então conseguir se casar com aquele que ela supostamente houvesse escolhido. Uma escolha que, na prática, não existia, pois a mulher não poderia sequer tomar a iniciativa, devendo apenas esperar ser vista e escolhida por um jovem, para então se casar e constituir família.

Uma vez casada, cabia à mulher praticar tudo aquilo para o que havia sido preparada a vida inteira, atuar no casamento, no lar e na família. Cuidar do marido, dos filhos, ser a rainha do lar (Rocha-Coutinho, 1994; Bassanezi, 1997; Vaitsman, 1994) e responsável pelo bem-estar físico e emocional da família eram atitudes consideradas não como uma obrigação, mas sim como um “dom” daquelas que tinham em sua essência o que toda boa mulher deveria ter. As outras, as que não eram boas mulheres para o casamento, continuavam à mercê de serem julgadas como vadias, levianas, mulheres de vida fácil, ou seja, aquelas que serviam apenas para satisfazer o desejo sexual do homem e nada mais que isso (Bassanezi, 1997). Não bastasse a punição da má fama à mulher que não se comportasse conforme as boas regras e costumes pregavam, acrescentada a isso havia na constituição uma punição por adultério cometido pela mulher, com prisão que variava de um a três anos, caso o relacionamento extraconjugal fosse comprovado (Rocha-Coutinho, 1994). O contrato da mulher com o casamento ultrapassava o compromisso estabelecido com o marido, mas estava também atrelado à sociedade da qual ela participava, tendo que manter assim a boa fama de mulher casada.

Mas com o passar do tempo, num primeiro momento em alguns países europeus e nos Estados Unidos e, posteriormente, no Brasil, as mulheres iniciaram movimentos reivindicando novos lugares, novos direitos e principalmente mudanças no conceito da identidade feminina, questionando a naturalização do ser mulher que limitava a sua condição à casa, ao marido e à família somente (Rocha-Coutinho, 1994). Em decorrência de tais movimentos, grande parte deles protagonizados por mulheres da classe média, estas começaram a ser inseridas no mercado de trabalho. Sendo assim, uma nova característica se somava à identidade feminina, a de trabalhadora (Rocha-Coutinho, 1994). Tal característica deve ser considerada como um acréscimo às demais, devido ao fato de que muitas mulheres, inclusive algumas que começavam a trabalhar fora de casa, ainda desempenhavam os papéis

tradicionais e tidos como naturais durante anos, não havendo assim uma substituição, mas sim algo que veio a acrescentar à condição da mulher mais um espaço no qual ela atuava. Rocha-Coutinho (1994) atenta para a difícil atuação da mulher nos dois espaços, no público e no privado, na década de 70, pois embora a mulher tenha conquistado o espaço do trabalho, as atribuições tradicionais ainda cabiam a elas, e elas por sua vez não poderiam romper de fato com suas atribuições no lar, uma vez que os papéis definidores da condição masculina continuavam cristalizados e imutáveis naquela época.

Assim, o que se pode observar é que esta possibilidade de abertura – a entrada da mulher no mundo da produção e da satisfação pessoal pelo que ela é e não pelo que ela representa para seus familiares – tem levado as mulheres a desempenhar papéis múltiplos e conflitantes e a uma vivência conflituada, no seu eu, destes diferentes papéis (Rocha-Coutinho, 1994, p. 62).

Dessa forma, é possível observar que o ganho da inserção no espaço público através do trabalho trouxe também para muitas mulheres, especialmente as de classe média e alta (visto que as mulheres de classe baixa sempre trabalharam), as dificuldades direcionadas principalmente para a questão da administração do tempo entre o trabalho fora de casa e a dedicação aos filhos, ao marido e à família de uma maneira geral.

As transformações não se deram de maneira natural e aceitável pela sociedade. Ainda que as mulheres tenham conquistado a oportunidade de trabalhar fora do lar, as oportunidades de trabalho oferecidas eram relativamente limitadas e geralmente limitadas a profissões desejadas pelos pais, aquelas ainda relacionadas ao cuidado, à sensibilidade, a menor exigência de força física e que não gerassem grande competitividade, e especialmente à educação, uma vez que o modelo de relação estabelecido entre a professora e os alunos remetia indiretamente a características da maternidade (Vaitsman, 1994).

O resgate histórico desse processo de novas construções do feminino e da quebra da condição de mãe-esposa retratado por Rocha-Coutinho (1994) e Vaitsman (1994) demonstra a importância que essa quebra de paradigma teve na história do relacionamento conjugal. Com a saída definitiva e permissiva das mulheres do lar, conseqüentemente os homens também tiveram que repensar seus lugares nas famílias e no relacionamento conjugal, o que foi se modificando de forma tímida e velada, modificação essa relevada principalmente nos estudos que retratavam essa nova dinâmica e possíveis novas definições no papel masculino.

Diversos são os artigos, livros e textos em geral que retratam a história das mulheres não só no Brasil, mas no mundo inteiro. Os lugares que ela ocupou, o lugar privado e os novos espaços que foram conquistando de maneira árdua, devem ser investigados e analisados sob a ótica da ciência, principalmente da ciência social. Porém, se os lugares das mulheres se

definiram e se modificaram, os homens também participaram da história, mesmo que com menos força e destaque.

Santos, Caldana e Alves (2001) fazem um resgate da história em que demonstram de que forma os homens atuaram e como foram dividindo o seu poder com o estado, com a ciência e muito depois com as mulheres no decorrer dos anos, à medida que elas foram ocupando lugares cada vez mais importantes na sociedade e no mercado de trabalho. O principal fator na condição do homem que se modificou ao longo dos anos é poder patriarcal, que foi declinando à medida que a economia e o estado evoluíram e, conseqüentemente, também as relações sociais. Com a intervenção do estado sobre o poder patriarcal e a mulher passando a ser vista como grande responsável pelo sucesso dos filhos e inclusive também pelo lugar que seu marido ocupava na sociedade, o homem então passou a também desempenhar funções de cuidador dos filhos e da casa e, de certa forma, dividir com a mulher seu sucesso econômico.

Outra característica que permanece como natural para o homem está relacionada à conduta moral e sexual do homem. Desde o Brasil colônia, o homem se relacionava sexualmente com as mulheres que serviam à fazenda e a sua família, uma vez que sua esposa sabia e o consentia (Santos, Caldana e Alves, 2001). Ainda hoje tal justificativa paira sobre algumas regiões e culturas com grande força. Mas com a queda do modelo de família burguesa, as relações foram modificadas e novas justificativas surgiram para reforçar a continuidade da prática sexual fora do relacionamento conjugal. O homem ainda ocupava um lugar importante, pois como possível candidato a se casar, era ele quem avaliava o comportamento da mulher e se ele condizia com os ditos “bons modos” para que ela se tornasse uma boa esposa. O homem estava num lugar em que ele definia junto à família e à sociedade se a mulher era uma boa pretendente ou se ela estava fora dos padrões, condenada assim a ser uma mulher leviana, incapaz de constituir família (Bassanezi, 1997). Ao passo que a mulher era incentivada a preservar sua virgindade para o casamento, o homem, por sua vez, era incentivado a ter prática sexual ativa e, se possível, cada vez mais cedo e mais intensa. Assim, ao passo que o sexo para a mulher era algo sagrado pois gerava filhos, para o homem era a satisfação de um desejo e prazer, que era necessário a sua existência e bem-estar. Sendo assim, a continuidade da vida sexual ativa e, sendo o homem casado, de relacionamentos extraconjugais permaneciam respaldados pelas justificativas da sociedade, que muitas vezes chegava até a culpar a esposa por não estar satisfazendo o marido de maneira adequada e suficiente, fazendo com que ele “procurasse na rua o que não estava sendo oferecido em casa”.

A larga bibliografia sobre gênero retrata na maioria das vezes as redefinições do papel feminino, se atendo pouco às transformações que o papel masculino sofreu indiretamente. Porém, a emergência de voltar o olhar para o papel do homem na atualidade foi tomando espaço à medida que os lugares sociais do masculino e feminino em relação ao universo doméstico, paternidade, maternidade e relações conjugais começaram a ser problematizados na dinâmica familiar e social. Conceber o gênero como forma de indicar as “construções sociais” dos homens e mulheres e a criação social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres (Scott, 1990) permite então que seja realizado um estudo das origens dessas identidades subjetivas, principalmente das transformações exclusivamente sociais e suas consequências para as relações na contemporaneidade.

Sendo assim, o gênero passa a incluir masculinidade e suas transformações sócio-históricas como campo de análise. Descolar esses homens da condição masculina ou de “ser homem” como a maioria dos grupos sociais acreditam que se deve ser permite, como ressalta Monteiro (2002), visualizar as diversas possibilidades de ser homem e ser visto de acordo com papéis masculinos diferenciados dentro da sua própria categoria, de acordo com seus estilos de vida, suas vivências particulares. Dessa forma, a análise de gênero masculino e feminino contribui para o entendimento desses homens que retornaram para seus lares.

1.12 Novas mulheres, novos homens, novos olhares e novas construções

A modernidade é caracterizada pelas mudanças que aconteceram na sociedade em se tratando de evolução econômica, educacional, da saúde, dentre tantas outras que refletiram diretamente nos novos modelos de valores morais e regras que regem as famílias e as relações na contemporaneidade (Torres, 2004). A família, primeira instituição da qual o sujeito participa ao nascer, é responsável em primeira instância por educar e preparar os filhos para as relações futuras, inserindo assim seus valores e comportamentos, de acordo com sua cultura, condição social e econômica (Vaitsman, 1994). Sendo assim, as mudanças que ocorreram ao longo dos séculos, em se tratando da definição de lugares e papéis femininos e masculinos, demandam uma análise cuidadosa sobre as novas relações e significados que homens e mulheres dão às relações conjugais e familiares, e de que forma isso se reflete nos lugares que são ocupados e compartilhados por eles na contemporaneidade.

Como o passado não é desprezado do presente e tudo o que foi construído e transformado permanece de alguma forma na atualidade, mesmo que de maneira velada ou particular a algumas famílias por determinadas culturas, é importante o conhecimento das

regras e valores que regiam as práticas no passado, para compreender e avaliar as que vêm ocorrendo desde então. É o que Alves (2000) ressalta ao analisar o que ela nomeia de continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira no século XX: “Às vezes, práticas e atitudes parecem assumir apenas e tão somente uma outra roupagem, mostrando, numa análise mais aprofundada, que a maneira de pensar certas questões ainda se encontra presa aos padrões de outras épocas” (Alves 2000, p. 233). É de extrema importância o cuidado que se deve ter ao avaliar as relações conjugais e como elas se formam e se transformam, pois todas elas têm em sua estrutura padrões que ligam as práticas do passado às do presente.

É o que vem sendo retratado por diversos autores, em seus estudos sobre gênero e relações que se estabelecem entre homens e mulheres. Féres-Carneiro (1998, 2001), Giddens (1991), Torres (2004), dentre muitos outros, apresentam as perspectivas construídas de papéis masculino e feminino na contemporaneidade, demarcando assim de que forma essas definições interagem com seus lugares no casamento, na família e principalmente com seus papéis familiares no novo modelo de família.

O "modelo novo" de família, as fronteiras de identidades entre os dois sexos são fluidas e permeáveis, com possibilidades plurais de representação: mulher oficial de forças armadas, homem dono-de-casa, mãe e pai solteiros, mulher chefe de família, casais homossexuais masculinos ou femininos, parceiros masculinos mais jovens, casal sem filhos por opção, produção independente, bebê de proveta e demais possibilidades que a evolução científica permite ou está em vias de possibilitar, tal como a discutida clonagem humana. (Negreiros & Féres-Carneiro, 2001, p. 39)

Conforme já foi ressaltado sobre os processos de definição dos papéis masculinos e femininos em anos anteriores, as mulheres das camadas populares já trabalhavam fora de suas casas para complementar a renda familiar. Porém, somente após a inserção de todas as outras mulheres no mercado de trabalho, ficou evidente que estava somada às características femininas sua inserção nos espaços públicos. Tal inserção demandou das mulheres uma organização do tempo, para tornar possível conciliar os trabalhos fora e dentro de casa. Embora essa conquista tenha sido realizada, ainda prevalece de diversas maneiras o preconceito em relação à atuação da mulher enquanto trabalhadora que recebe por seu salário.

Marques e Amâncio (2006) retratam a questão da construção das identidades masculina e feminina, avaliando que embora tenha havido a redefinição de papéis, os trabalhos os quais homens e mulheres assumem ainda são vistos de acordo com as concepções hegemônicas do que é ser homem e o que é ser mulher. No exercício de suas profissões, aos profissionais do sexo masculino são associadas características tais como capacidade de resistência física e ao stress, objetividade, concentração, sensatez, dentre outras. Por sua vez,

exercendo as mesmas profissões, às mulheres são associadas características tais como susceptibilidade a erros, submissão, dificuldades de desempenhar algumas atividades e necessidade de auxílio de algum outro profissional.

O trabalho reflete diretamente na relação conjugal e familiar, na qual a mulher prevalece com atributos tão arraigados que foram até mesmo naturalizados numa determinada época através do discurso social, médico e religioso. Sendo assim, as mulheres, não na totalidade, mas em sua maioria, continuam assumindo as tarefas de casa e o cuidado dos filhos, por terem a ideia de que só elas saberiam realizar tais tarefas de maneira adequada e melhor que os homens (Rocha-Coutinho, 1994). A continuidade da valorização do trabalho da mulher permanece atrelado ao lar, ao privado, enquanto que o trabalho externo é considerado como uma realização pessoal, uma vez que em grande parte das famílias, o salário da mulher complementa o salário do marido, sendo considerado portanto não uma renda significativa e essencial para a família. Perceptível, portanto, é a diferença entre a condição da mulher que trabalha fora de casa, pois ela, além de ajudar no sustento da família, trabalha mais tempo e executa mais tarefas, ao desempenhar também os afazeres domésticos, e a que depende economicamente em totalidade de seu marido e desempenha apenas as tarefas domésticas e os cuidados com o marido e os filhos, caso os tenha.

Associada ao homem ainda permanece a característica de provedor em muitas famílias, fazendo com que seu salário seja tomado como central e necessário à sobrevivência da família. Fator importante a ser considerado, pois mesmo que a mulher trabalhe fora de casa e seja a principal fonte de renda das famílias, o que ocorre em muitos casos, ela ainda assim assume as tarefas domésticas em totalidade, o que leva a uma condição de atuação nos moldes tradicionais (Fleck & Wagner, 2003). O sustento da família pode não estar concentrado na responsabilidade do homem como provedor, mas a mulher ainda ocupa o seu lugar de cuidadora do lar, desempenhando tal papel.

Carson (1995) retrata que a visão sobre o desempenho da mulher no mercado de trabalho não está diretamente relacionada ao exercício de uma profissão, mas sim a características indiretamente a ela associadas, de ser esforçada, dedicada e estar sempre ajudando e apoiando o marido nas despesas familiares. Nascimento, Gianordoli-Nascimento e Trindade (2008) retratam que a mulher não adquire o status social de mulher trabalhadora e sim de mulher “trabalhadeira”, e que seu trabalho é valorizado quando está direcionado para o cuidado do lar, do marido e dos filhos.

Outra característica permanente na contemporaneidade é a diferença das considerações relevantes para homens e mulheres ao conceberem o casamento. Para as mulheres, o

casamento ainda acontece por uma escolha amorosa de seu parceiro, característica que começou a predominar na década de 50 e que permanece na atualidade (Rocha-Coutinho, 1994), uma vez que os homens acreditam que para que se realize a união conjugal, devem ser considerados a atração física e a importância da constituição de uma família (Féres-Carneiro, 1998), ou seja, enquanto as mulheres desejam se casar para viverem relacionamentos amorosos com seus parceiros, os homens, por sua vez, pretendem se casar para então ter filhos e viver a instituição familiar.

O empoderamento feminino alcançado ao longo dos anos permitiu à mulher na contemporaneidade uma condição de poder fazer suas próprias escolhas. Escolhas essas pautadas nas suas relações familiares e amparadas pela cultura e sociedade, que fazem com que elas tenham maior independência e autonomia, sendo que essas duas características fazem parte da identidade feminina na atualidade. Féres-Carneiro (2001) problematiza a questão da construção das identidades masculinas e femininas na contemporaneidade, pois o casal deve conciliar o desenvolvimento e a caracterização individual com a construção de suas identidades enquanto cônjuges, o que fragiliza ou até mesmo finda um casamento, principalmente se a busca pelo individual permanecer.

Na contemporaneidade, as relações conjugais são constituídas em torno da construção das identidades dos cônjuges. O compromisso nestas relações é o de sustentar o desenvolvimento individual, e a relação se mantém enquanto for prazeroso e útil para cada um. Todavia, quanto maior a busca de autonomia individual no seio do casamento mais o casal pode se fragilizar (Féres-Carneiro, 2001, p. 69).

No tocante à sexualidade, Giddens (1991) retrata uma grande diferenciação nos julgamentos e valores difundidos na sociedade antes e depois dos tempos modernos. Na antiguidade, a saída da casa dos pais para grande parte das mulheres tinha destino certo, a casa do homem com quem se casaria, o que não acontece mais na atualidade. Com a condição da independência financeira, a mulher não precisa mais esperar a possibilidade de um casamento para então sair da casa de seus pais, podendo fazê-lo antes. Em certo grau, a independência financeira também proporciona à mulher sua independência sexual, uma vez que sendo dona de suas vontades e desejos, por seu comportamento não é mais necessariamente atrelado a ela o status de “leviana”, como anteriormente (Rocha-Coutinho, 1994). Com isso, se tornou normal que grande parte das pessoas que se casam o fazem levando consigo conhecimento e possivelmente experiências sobre sexualidade e sexo, o que faz com que homens e mulheres esperem mais de um desempenho sexual do que nas gerações anteriores (Giddens, 1991). Ao passo que a mulher atinge certa autonomia de seus desejos e

pode demonstrá-los, ainda que de maneira considerada sensata, sobre homem ainda permanece a ideia de que sua sexualidade é algo incontrollável, quase que instintiva, colocando a sexualidade masculina como uma necessidade a ser satisfeita, pois uma vez que não seja, as consequências podem ser inúmeras, pois a satisfação sexual do homem também lhe proporciona equilíbrio e tranquilidade (Arihla, 1998).

Arelada à questão da sexualidade está a da infidelidade, que muito foi condenada se praticada pelas mulheres na antiguidade, podendo até gerar punição pelo código civil e também pela sociedade (Rocha-Coutinho, 1994). O que ocorreu com o passar dos anos é que prevalece a justificativa de que se o homem trai é porque é necessário que ele tenha uma vida sexual ativa e intensa, e, portanto, sua mulher não o está satisfazendo. Mas, com o aumento do número de mulheres que também praticam a infidelidade no casamento, o discurso que justifica a traição nesse caso não perpassa pela necessidade e sim por desejo de vingança, quando descobrem que já foram traídas pelos maridos, sentimento de desorientação, justificativa de crise no relacionamento conjugal ou percepção do distanciamento dos maridos, dentre outras justificativas que respaldam a traição feminina (Zampieri, 2004).

Nesse misto de valores e redefinições identitárias que se modificam a todo o momento de acordo com a cultura, os grupos sociais e as próprias formas dos sujeitos constroem suas identidades individualmente como homem e mulher e conjugalmente enquanto casal, é que se pretende investigar as construções e desconstruções dentro do relacionamento conjugal do casal que participou do processo emigratório.

As redefinições dos lugares dentro da família e até mesmo do próprio relacionamento possibilitarão o conhecimento da realidade vivenciada, agregando aos estudos de gênero e de relacionamento conjugal informações de uma vivência diferenciada, produzidas pelos efeitos de uma cultura emigratória. As percepções e representações construídas pelos casais possibilitam o conhecimento dessa realidade, podendo trazer para as Ciências Humanas a dimensão da vida cotidiana desses casais, as diferentes experiências, com suas histórias de vida marcadas pelas expectativas e suas retomadas de lugares no mundo conjugal e pela vida afetiva e sexual (Oliveira, 2008).

Sabe-se que após anos de emigração, há uma dinâmica pessoal e familiar que passa por reestruturações, quando se compara o antes e o depois da partida de um dos cônjuges. Nesse sentido, o retorno do marido exige nova estruturação que possivelmente o casal não consiga vislumbrar antecipadamente. Por outro lado, o marido que retorna não acompanhou as mudanças e as conquistas de sua mulher, além de ter sofrido suas próprias mudanças, e ambos não esperam necessariamente por tais mudanças, ou não têm consciência de que elas

tenham ocorrido. Partindo desses pressupostos, emerge então a necessidade de investigar de que forma se dá a continuidade da vida conjugal do homem e da mulher que participaram deste processo, quais foram as estratégias utilizadas para que o relacionamento se mantivesse, mesmo que à distância, como também quais foram os possíveis impactos que o processo emigratório provocou na vida do casal e na família de uma maneira geral.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Investigar características da dinâmica conjugal de casais que favorecem a manutenção do vínculo conjugal durante e após o processo emigratório do homem.

2.2 Objetivos específicos

- a) identificar possíveis transformações na dinâmica conjugal em três momentos vivenciados pelo casal: antes da partida do cônjuge, durante sua estada no exterior e depois de seu retorno;
- b) investigar os possíveis conflitos que o relacionamento conjugal sofreu advindos do processo emigratório;
- c) identificar as estratégias do casal para a manutenção do casamento durante a permanência do parceiro no exterior e após seu retorno;
- d) identificar os impactos do processo emigratório no relacionamento conjugal de casais evangelistanos e valadarenses.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Sujeitos Participantes

Fazem parte da amostra de sujeitos selecionados casais que viveram separados fisicamente em função do período no qual o marido esteve emigrado para os Estados Unidos da América ou Europa, em busca de melhoria financeira, mas que após seu retorno do exterior, ele e a esposa permaneceram juntos em situação de conjugalidade.

Sendo assim, foram entrevistados quatro casais, totalizando 8 entrevistados (4 homens e 4 mulheres) cujo marido tenha emigrado, retornado ao Brasil e o casal tenha permanecido casado e residindo na cidade de origem, que é Governador Valadares/MG ou cidades vizinhas. Outro critério foi a delimitação de casais em que o marido tenha participado do processo emigratório mas a mulher tenha permanecido no país aguardando seu retorno. Em se tratando de tempo de retorno do emigrado, foi estabelecido que o homem deveria ter retornado para o Brasil num tempo mínimo de seis meses e máximo de seis anos, visto que nesse intervalo de tempo tanto as experiências vivenciadas no exterior ainda se apresentam vívidas na memória, quanto o processo de adaptação após o retorno está ainda em consolidação, por meio da reinserção no mercado de trabalho e nas relações familiares e sociais mais amplas, elementos que interferem na dinâmica cotidiana familiar e conjugal.

O fato de ter escolhido esta microrregião, circunscrita aos municípios de Governador Valadares e São João Evangelista (MG), se justifica pela sua história de cultura emigratória desde a década de 80, havendo registros em diversas pesquisas, de grande número de emigrações realizadas com o intuito de se acumular dinheiro para adquirir bens duráveis em um curto período de tempo (Siqueira, 2008). Tendo em vista essa cultura, vários são os elementos presentes nas relações sociais entre os moradores e na economia da cidade que se apresentam atrelados ao processo emigratório. O convívio e a inserção na cidade propiciaram a percepção dos moradores sobre a experiência emigratória, que de forma indireta está atrelada à vida cotidiana das pessoas. Assim, nos foi possível observar como se dão as referências de reconhecimento social de quem emigrou e quais são os elementos materiais que os diferenciam. Assim, intuitivamente fomos registrando essas percepções, descrições e caracterizações que demarcam a presença da emigração na cidade, o que acabou por nos fazer perceber a necessidade de sistematização dos registros em um “diário de campo” (Becker, 1994), que nos auxiliou em relação aos elementos que poderiam compor o roteiro de entrevista.

3.2 Instrumento

Utilizamos como instrumento principal de pesquisa o Roteiro de entrevistas semiestruturado para a coleta de dados. E como instrumento auxiliar o Diário de campo.

No Diário de campo foram registradas as impressões da pesquisadora no convívio cotidiano com parentes, conhecidos e amigos de emigrados, que traziam dimensões sobre o contexto emigratório para suas relações e para o cotidiano da cidade. Embora a presente pesquisa não seja um trabalho etnográfico, recorreremos a alguns princípios deste ao percebermos a riqueza que esses elementos tinham para a compreensão do fenômeno estudado, ou mais especificamente, para a compreensão da pesquisadora sobre o fenômeno estudado. Assim, munimo-nos de alguns dos elementos contidos na proposta de Becker (1994) em relação ao registro no Diário de campo e na contribuição que esse registro poderia ter para as etapas da pesquisa. Dessa forma, o registro consistia em relatar as percepções e informações que eram reveladas nas interações sociais cotidianas, que posteriormente foram agrupadas e organizadas. Numa primeira fase, foi realizada uma coleta de dados, organização e análise dos mesmos, o que nos auxiliou na construção da segunda fase. Nessa, por meio da aplicação das entrevistas e da continuidade dos registros de campo, foi possível registrar e identificar os elementos materiais que os cônjuges elegiam como simbolismo positivo de sua experiência emigratória.

Os elementos que surgiram do processamento e organização das notas de campo nessa primeira fase foram: a) diferenciação arquitetônica da moradia dos emigrados; b) relação de bens materiais e tecnológicos descritos como característicos dos emigrados; c) mobilidade social; d) mudanças nas características de interação social do emigrado. Cabe salientar que esses elementos não constituem o conjunto de dados organizados na sessão de resultados do presente estudo, visto que sua função foi auxiliar o pesquisador no processo de pesquisa e na elaboração da análise geral em torno da experiência emigratória. Sendo assim, tais aspectos foram resgatados no capítulo de discussão, quando informações de contextualização e inserção do emigrado após o retorno se fizeram necessárias.

Foi utilizado um roteiro semiestruturado para as entrevistas com os casais participantes. Foram elaborados dois modelos de roteiros, um para o marido (Anexo 01) e outro para a esposa (Anexo 02), contendo questões comuns e questões específicas, de acordo com cada experiência vivida. Os principais pontos investigados foram as mudanças de hábitos, estilo de vida, dinâmica conjugal e familiar, anterior e posteriormente à inserção do parceiro no processo emigratório, avaliação sobre o cônjuge, história de vida do casal,

consequências familiares e sociais advindas do processo emigratório na dinâmica dos relacionamentos conjugais, e principalmente as estratégias de manutenção do relacionamento conjugal durante e após o processo emigratório.

Os roteiros de entrevista semiestruturado foram divididos em duas partes: 1) a primeira contendo dados de caracterização dos sujeitos e seu relacionamento conjugal (idade, sexo, tempo de relacionamento, tempo de casamento, número e idade dos filhos, local de moradia, classe econômica, período de emigração, tempo de retorno, prática religiosa), 2) a segunda contendo aspectos relacionados à conjugalidade e à dinâmica familiar. A parte referente aos aspectos comuns aos cônjuges referiu-se às experiências e à visão do casamento antes, durante e após a permanência no exterior; a motivação, a decisão e os acordos firmados na tomada de decisão sobre a emigração, a avaliação do cônjuge sobre o parceiro, a história de vida do casal, os impactos que a emigração provocou no relacionamento conjugal, aspectos sobre a distância entre os cônjuges, os impactos na família, as mudanças pessoais e as mudanças no relacionamento conjugal, a reinserção do parceiro na relação conjugal, familiar e social após o retorno ao Brasil.

Para o marido, os pontos específicos referiram-se aos aspectos da experiência emigratória no que tange à viagem, à permanência no exterior e ao retorno, bem como ao enfrentamento das dificuldades no exterior, além de sua percepção sobre sua inserção na vida doméstica, familiar e conjugal antes e após a experiência emigratória. Também foram ressaltadas suas percepções acerca da esposa no desempenho como mãe, esposa e apoio no período emigratório. Para a esposa, foram acrescentadas algumas questões específicas sobre a mudança em sua rotina em se tratando da organização da família, do casamento e a dinâmica doméstica diante da ausência do parceiro, suas reflexões sobre o retorno do parceiro e a recolocação do mesmo dentro da família, enquanto pai, autoridade, marido e provedor. Foram ressaltadas também suas percepções sobre as possíveis dificuldades percebidas no parceiro retornado ao tentar se readaptar ao ambiente doméstico e social.

3.3 Procedimentos de Coleta de Dados

As entrevistas com o homem e com a mulher ocorreram em dois momentos, separadamente, permitindo uma maior liberdade para que ambos pudessem relatar suas trajetórias com mais conforto.

O acesso aos casais que atendiam à caracterização inicial se deu por meio do método Bola de Neve. O método consiste em identificar alguns sujeitos para compor a amostra a

partir de indicação de pessoas conhecidas, após a explicação das características vigentes que norteiam o estudo. Diante de um contato inicial com os primeiros participantes indicados, esses por sua vez indicaram outros, que por sua vez, também fizeram outras indicações, até chegar a um número satisfatório de participantes. “A indicação feita pelos próprios indivíduos que compõem o universo pesquisado é um elemento importante para assegurar uma seleção mais impessoal e aumentar a relação de confiança do entrevistado para com o pesquisador” (Siqueira, 2007, p. 19).

Durante o contato inicial por telefone a pesquisadora se identificava, esclarecia o motivo pelo qual os estava procurando e explicava os objetivos da entrevista. Em seguida os sujeitos manifestavam o interesse, de acordo com sua disponibilidade, em realizar ou não a entrevista. O local, a data e a hora da entrevista ficavam a critério do entrevistado, conforme a disponibilidade de cada um dos cônjuges.

Para o convite aos cônjuges, baseamo-nos nas indicações de Gianordoli-Nascimento (2000), que ao realizar pesquisa com casais identificou que a dinâmica da entrevista era beneficiada quando a esposa era entrevistada antes do marido, criando uma atmosfera de confiabilidade que permitia maior aprofundamento nos temas. Além disso, a pesquisadora identificou a importância de assegurar que os temas tratados com cada um dos cônjuges dissessem respeito exclusivamente ao entrevistado e que nenhuma informação seria colocada, manifestada ou checada com o parceiro.

Sendo assim, a entrevista de cada um dos cônjuges foi realizada em horários diferentes ou dias diferentes, sendo o primeiro contato feito com a esposa e conseqüentemente a primeira entrevista, e o segundo contato e entrevista realizados com o marido. Das oito entrevistas realizadas, 6 ocorreram nas residências dos entrevistados e outras 2 (de um casal) no local de trabalho do homem, tendo a esposa se deslocado para a primeira entrevista também no local de trabalho do seu cônjuge, mas não no mesmo ambiente. O tempo de entrevista variou de uma hora e quarenta minutos a três horas de duração.

Para que se procedessem as entrevistas, uma vez que o sujeito contactado concordasse inicialmente com a participação, foi então apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, apresentando no Anexo 3, explicando ao participante as condições em que ocorreria a entrevista e a apresentação dos dados. Foi ressaltado que o entrevistado, ao participar do trabalho, estaria resguardado de qualquer exposição de sua identidade na apresentação dos resultados na pesquisa, preservando-se seu anonimato.

As conversas durante as entrevistas foram descontraídas, o que permitiu um entrosamento por parte dos participantes e um aprofundamento das questões particulares de

cada casal. A descontração e a segurança na participação das entrevistas foram amparadas pelo esclarecimento a todos os participantes de que suas identidades estariam protegidas e os dados coletados seriam utilizados unicamente para fins de pesquisa, além de terem total liberdade para interromperem suas entrevistas e participação na pesquisa a qualquer momento, sem nenhum prejuízo ou constrangimento.

As entrevistas foram gravadas integralmente com o consentimento dos entrevistados e seguiram as regras éticas vigentes. Esses esclarecimentos auxiliaram o processo das entrevistas, criando as condições para que todos os participantes se sentissem dispostos e tranquilos em expor a experiência individual e do casal.

3.4 Procedimentos de Análise de Dados

Todos os dados coletados foram organizados e interpretados seguindo rigorosamente a metodologia desenvolvida por Trindade, Menandro e Gianordoli-Nascimento (2007) tendo como base a proposta utilizada por Bullington e Karlsson (1984), que desenvolveram o uso de um método nas pesquisas em psicologia que parte do referencial fenomenológico. Ressalte-se que essa é uma proposta empírica e não filosófica da fenomenologia aplicada à pesquisa, e que não se trata de uma análise fenomenológica. Os autores de referência salientam que o uso de um método de inspiração fenomenológica não implica, necessariamente, no uso da fenomenologia como teoria de leitura dos dados. “A conjugação de metodologia de base fenomenológica com diferentes aportes teóricos não é procedimento estranho que compromete a qualidade dos trabalhos que a realizam...” (Trindade, Menandro & Gianordoli-Nascimento, 2007, p. 76).

A transcrição dos dados ocorreu seguindo as cinco fases do processo de organização descritas por Trindade, Menandro e Gianordoli-Nascimento (2007):

- a) Fase 1: “Realiza-se a transcrição integral das entrevistas, pelo próprio pesquisador, evidenciando todos os aspectos emocionais observáveis (choros, risadas, silêncios, pausas) e sem que seja realizada qualquer abreviação ou ocultação de temas considerados, inicialmente, irrelevantes. Ao final dessa fase teremos o que chamamos de relato bruto da entrevista”. (Trindade, 1991, citado por Trindade, Menandro & Gianordoli-Nascimento, 2007, p.82-83);
- b) Fase 2: Nessa fase, o pesquisador realiza a leitura da transcrição integral das entrevistas de forma exaustiva, até que todo seu conteúdo esteja claro e presente para

ele. A leitura do material permite que o pesquisador localize temas significativos e/ou comuns presentes na experiência vivida pelos participantes. À medida que o pesquisador vai se tornando mais próximo dos conteúdos das entrevistas, as unidades de significado² vão surgindo em meio às colocações dos participantes e indagações do pesquisador. As unidades de significado correspondem a elementos que podem estar presentes no próprio roteiro e a aspectos abordados durante a entrevista pelo participante. No que tange à presente pesquisa apontamos: suporte social, relação conjugal, mudanças, perdas e sacrifícios, preocupações e medos, visões de mundo anterior e posterior à experiência em foco, consequências positivas, sentimentos vivenciados. “A fim de facilitar a fase seguinte o pesquisador poderá descrever o conteúdo das falas que representam cada unidade de significado”. (Trindade, 1991 citado por Trindade, Menandro & Gianordoli-Nascimento, 2007, p.83-84);

- c) Fase 3: “Após a identificação das unidades de significado, as entrevistas são reorganizadas de acordo com as mesmas, respeitando a transcrição literal. A distribuição das falas dos entrevistados nas unidades independe da sequência em que foram verbalizadas. Um mesmo trecho da entrevista, se necessário, pode ser incluído em mais de uma unidade.” (Trindade, 1991 citado por Trindade, Menandro & Gianordoli-Nascimento, 2007, p.84);
- d) Fase 4: Os relatos que compõem cada unidade de significado são parcialmente padronizados em uma linguagem narrativa que organiza o conteúdo focalizado no fenômeno observado. Nessa fase, o pesquisador organiza o conteúdo da fala do sujeito presente em cada unidade de significado e transcreve em terceira pessoa sintetizando o conteúdo. Algumas falas literais do sujeito podem ser preservadas, complementando e enriquecendo a compreensão do contexto, aproximando o sujeito do relato por terem características autoexplicativas, o que as torna mais claras do que se fossem relatadas pela pesquisadora. Nesse momento, as repetições dos assuntos são eliminadas “a partir de uma leitura posterior do material produzido, mantendo-se as falas nas unidades de significado nas quais eram mais significativas e com as quais mantinham relação mais estreita”. (Trindade, 1991 citado por Trindade, Menandro & Gianordoli-Nascimento, 2007, p. 86).
- e) Fase 5: Nessa fase, ocorre a transformação das unidades de significado em uma “estrutura” articulando os elementos presentes e significativos em cada unidade de

2 Conforme Anexo 4.

significado. “Partindo de tais princípios, cada estrutura é uma articulação dos aspectos significativos de fenômenos relacionados à experiência vivenciada pelos participantes, permitindo apreensão mais integrada de cada um dos sujeitos e da articulação entre eles. Nessa fase, busca-se elaborar um texto único que integra todos os temas que compõem a experiência do participante”. (Trindade, 1991 citado por Trindade, Menandro & Gianordoli-Nascimento, 2007, p.87).

Os autores acima citados ressaltam ainda que é de muita importância que o relato esteja o mais próximo possível da realidade dos entrevistados que participaram da pesquisa. Dessa maneira, tais fases foram utilizadas com o principal intuito de conseguir repassar ao leitor a vivência dos participantes sem comprometer a integridade real das experiências relatadas. Para além da apresentação da análise das estruturas, nortear o trabalho seguindo as cinco fases descritas permite ainda que o leitor tenha uma proximidade com a experiência dos entrevistados que evidencia características emocionais que ultrapassam a simples descrição de fatos narrados pelos sujeitos. Além disso, evidencia todo o processo organizador e analítico do pesquisador para compor os elementos que são essenciais ao objeto de estudo. Permite também a busca de significados das vivências dos indivíduos de forma singular e, ao mesmo tempo, a integração desses elementos em um contexto de partilha social, que se observa na trama que se forma por meio do entrelace de temas e significados explicitados na discussão dos temas.

Embora existam diferenças entre os roteiros do marido e da esposa de casal entrevistado, o foco da análise é apresentar com detalhes o percurso vivido com essa experiência. Sendo assim, os dados foram organizados minuciosamente de forma que todas as informações relatadas pelos sujeitos fossem claras e objetivas, de acordo com a realidade de cada casal.

4 RESULTADOS

Buscando resguardar a identidade e a integridade dos casais participantes, foram utilizados nomes fictícios, com a finalidade de que as narrativas aqui construídas fossem o mais próximas possível da realidade de cada casal. De acordo com Gianordoli-Nascimento (2000), ao utilizar essa estratégia, é possível trazer para o leitor cada um dos participantes, com finalidade de propiciar melhor compreensão da dinâmica da relação conjugal.

Os critérios utilizados para a escolha dos nomes fictícios atenderam às seguintes exigências: 1) serem nomes simples e corriqueiros; 2) cada casal ter os nomes com as mesmas iniciais; 3) o nome atribuído a cada casal ser de cunho masculino e feminino ex: Bruno e Bruna.

4.1 Características principais dos casais e da família dos entrevistados

Os casais que participaram desta pesquisa residiam em duas cidades distintas, 1 em Governador Valadares e 3 em São João Evangelista. Nenhum deles morava em bairros reconhecidos como áreas nobres, sendo assim todos moravam em áreas habitadas por moradores de poder aquisitivo médio. Esse fator não foi um critério predominante na escolha dos participantes, porém auxiliou no entendimento da dinâmica da emigração em se tratando de aspectos relacionados a ganhos financeiros e classe social atual.

Das famílias participantes, 2 delas tinham 2 filhos e outras 2 tinham 3 filhos cada. A idade dos filhos variava entre 10 e 42 anos de idade, e apenas o casal Sandro e Sandra não tinham mais os filhos residindo no lar. Em se tratando do nível de renda dos casais, havia uma variação entre dois a nove salários mínimos.

Casal	Nomes	Nº de filhos	Anos de casados	Ano da emigração/ Ano do retorno	Idades				Grau de instrução atual		Ocupação Profissional				Renda casal (S.M.) ² / Classe Social ³
					Quando emigrou		Atual		Homem	Mulher	Antes da emigração		Depois da emigração		
					H	M	H	M			Homem	Mulher	Homem	Mulher	
Casal 1	Antônio ¹ / Antônia	02	13	2004/2009	44	40	48	44	Ensino Médio	Ensino Superior	Recepcionista	Professora	Aposentado	Professora	3,6/C
Casal 2	Sandro/ Sandra	03	42	2005/2009	57	56	61	60	Ensino Fundam.	Ensino Médio	Mecânico	Cozinheira	Aposentado	Aposentada	2/D
Casal 3	Mário/ Maria	03	23	2005/2012	41	38	48	46	Ensino Médio	Ensino Médio	Motorista	Vendedora	Desempregado	Vendedora	3,6/C
Casal 4	Daniel/ Daniela	02	20	2005/2007	35	36	41	44	Ensino Fundam.	Ensino Médio	Mecânico	Do lar	Empresário	Vendedora	9/B

Quadro 1: Caracterização dos entrevistados

Fonte: Dados da pesquisa

Notas:

1. O participante faleceu no mês de fevereiro de 2013;
2. S.M - Salário Mínimo = R\$ 678,00 reais;
3. Classe social definida de acordo com os padrões estabelecidos pelo IBGE.

Os casais entrevistados situavam-se na meia idade, com tempo de relacionamento entre 13 e 42 anos de casados. O casal Antônio e Antônia tinha o menor tempo de casados (13 anos), e o casal Sandro e Sandra o maior (42 anos).

Dos 4 casais, 3 apresentavam nível de escolaridade até o Ensino médio e somente 1 até o Ensino superior. Ainda entre os 4 casais, somente em 1 os 2 cônjuges apresentavam o mesmo nível de escolaridade; nos outros 3, a esposa possuía nível de escolaridade superior ao do marido.

No período da realização das entrevistas, dois dos homens participantes estavam aposentados, um terceiro havia montado uma empresa após ter retornado do exterior e outro estava desempregado, por ser recente seu retorno, cerca de dois meses. Antes de emigrarem para o exterior, dois dos participantes trabalhavam como mecânicos, um como recepcionista e outro como motorista de caminhão.

Quanto às mulheres, no mesmo período todas trabalhavam, com exceção de Sandra que já estava aposentada. Duas trabalhavam como vendedoras e uma como professora efetiva. No período da emigração, apenas Daniela não trabalhou, para ficar em casa cuidando das filhas e do lar, o que foi combinado anteriormente como marido. As outras participantes trabalhavam, uma como professora, outra como cozinheira em uma escola e a última como vendedora de eletrodomésticos.

O motivo que fez com que esses casais tenham participado do projeto emigratório foi o desejo de conseguirem melhores condições financeiras para a família. De acordo com os dados apresentados, apenas Daniel e Sandro atingiram o objetivo traçado. Daniel conseguiu trabalhar e acumular dinheiro suficiente para abrir uma empresa, que lhe proporciona uma renda equivalente a nove salários mínimos por mês. Sandro utilizou o dinheiro que recebeu trabalhando no exterior em compra de imóveis como sítios e automóveis, bem como em reformas realizadas em sua residência. Sandro não conseguiu alcançar ascensão financeira suficiente para então concluir o objetivo inicialmente traçado, o de comprar uma casa. Mário não havia traçado nenhum objetivo específico, em se tratando de metas financeiras e o que fazer com o dinheiro ganho no exterior.

Embora os casais participantes apresentem algumas características que os aproximam, como o grau de instrução, nível social e, principalmente, o motivo pelo qual participaram do processo emigratório, todos os casais viveram de maneira particular as experiências e adversidades desse processo. As vivências se diferenciaram devido às características peculiares de cada casal em sua relação, como os valores

sociais, morais, de ordem religiosa, dentre outras particularidades.

4.2 O casamento, a emigração e as vivências

4.2.1 O casamento de Antônio e Antônia

Antes de relatar a história matrimonial desse casal, é importante ressaltar que Antônio veio a falecer no mês de fevereiro do ano de 2013. Porém, a narrativa será construída a partir da entrevista realizada em novembro do ano de 2012, seguindo fielmente a fala do participante.

Antônio e Antônia moravam em um bairro de classe média na cidade de São João Evangelista e ganhavam em média três salários mínimos. Estavam casados há treze anos e tinham dois filhos, um filho de 21 anos de idade (adotivo) e uma filha de 12 anos de idade. O filho de 21 anos havia sido adotado por Antônia, anos antes de conhecer Antônio e se casar com ele. O casal sempre viveu a cumplicidade do casamento, sempre decidiam as coisas juntos e nenhum fazia nada sem o consentimento do outro. De religião católica, sempre frequentaram a igreja aos finais de semana, junto dos filhos.

Para Antônia, o que mais a incomodava no marido, era o uso excessivo de álcool. Segundo ela, o incômodo só não era maior porque quando Antônio chegava embriagado em casa “*ficava no canto dele*”. Porém, isso não deixava de preocupá-la, pelo fato de os filhos (a filha, muito nova, e o filho, na fase da adolescência) presenciarem o pai embriagado. Em períodos em que bebia muito, Antônio não frequentava a igreja junto da família, o que de certa forma incomodava a família de sua mulher, uma vez que o pai de Antônia era diácono. Pouco tempo antes de emigrar, Antônio diminuiu o uso do álcool e voltou a frequentar a igreja com a família. Na visão do casal, a igreja é o principal pilar que mantém a estrutura do casal e da família, proporcionando segurança, proteção e sabedoria na tomada das decisões e na vivência das dificuldades.

4.2.1.1 A vivência do processo emigratório para Antônio

Na época da realização da entrevista, Antônio tinha 48 anos. Havia emigrado quatro anos antes para Portugal, com o desejo de trabalhar para conseguir realizar o sonho da casa própria: “*No inicio nós não tínhamos uma casa própria, então a intenção*

foi tentar a sorte na Europa, pra ver se a gente conseguia realizar esse sonho da casa própria”.

Diante do desejo de emigrar, Antônio e a esposa conversaram e combinaram como se daria sua ida para o outro país, e como a esposa procederia para encontrá-lo futuramente no exterior: *“E antes de ir pra lá, nós conversamos sobre o assunto, porque, pelo menos de início, um ano depois talvez ela fosse pra lá, só que não deu certo”.*

A emigração trouxe para Antônio a possibilidade de conquistar melhores condições de vida para ele e sua família, compartilhando um sonho de muitos brasileiros emigrantes. Sua emigração se deu de forma ilegal, o que dificultou a busca por trabalho e, em consequência, a realização do objetivo final, a conquista da casa própria : *“... porque eles sabem que você veio do Brasil pra lá pra buscar dinheiro, então você é muito explorado, muito humilhado. Ainda mais quando não se tem contrato, quando não se tem a cidadania portuguesa, que foi o meu caso, por aí já começa a dificuldade de conseguir o trabalho”.*

O segundo fator que pesou em relação ao trabalho foi falta de vínculo empregatício e a incorreção nos pagamentos realizados pelos serviços prestados. O primeiro trabalho de Antônio em Portugal foi como pedreiro. Segundo ele, o trabalho era realizado mas não era pago conforme o combinado com o contratante do serviço: *“Você vai trabalhar pro cara, não existe o vínculo empregatício nenhum, só verbal, aí chega no final do mês e ele fala assim: ‘o empreiteiro não me pagou, então eu não tenho dinheiro pra te pagar, eu te devo 1400, eu vou te dar aqui 200, 300 euros, no mês seguinte eu acerto com você’. Como você não tem opção, você fica pra você receber no próximo mês, só que no próximo mês a conversa é a mesma, você fala ‘não, eu quero meu dinheiro’, ‘(...) então nesse caso, você vai na justiça e procura seus direitos’. Como é que eu vou na justiça se eu sou ilegal?...A quantia sempre oscilava, principalmente porque você sempre trabalhava contando com aquele dinheiro, mas eles não te pagavam porque sabiam que você era ilegal e não podia agir. Eu deixei em Portugal pra trás, uns quatro mil euros, trabalhados nas mãos dos portugueses.”*

Junto com a irregularidade das condições de trabalho, a ilegalidade trouxe riscos no exercício das atividades laborais, não havendo como recorrer ou exigir condições de segurança e assistência à saúde. Ao sofrer um acidente durante o trabalho e ser acometido por graves problemas de saúde, Antônio demorou a procurar assistência médica em função da ilegalidade, daí seu controle financeiro ficou ainda mais

comprometido, dificultando seu processo emigratório: “(...) *Cheguei a quase perder a mão, tive um acidente numa obra, fiquei noventa e cinco dias parado... Quando eu cheguei a ponto de ir pro hospital, essa mão tava praticamente perdida, eu sentia muita dor... Eu me lembro que eu fui até o CTI, eu tive um infarto dentro da obra... Passou três meses, eu sofri um AVC, não ficou sequela nenhuma graças a Deus, mas mesmo assim eu voltei a trabalhar*”.

Apesar do descontentamento quanto às relações de trabalho, por outro lado Antônio expressa um imenso sentimento de gratidão com os portugueses que o trataram e acolheram com respeito nas horas mais difíceis que viveu. Uma das maiores surpresas que teve foi a forma como foi cuidado pelo médico no hospital, ao procurar o sistema de saúde por ocasião da dor na mão: “(...) *e pra minha surpresa, quando eu cheguei lá, o médico me xingou todo. ‘Pô brasileiro, você é louco, você é doido, moço?’ ‘Não doutor, por quê?’ ‘Como é que você fica com a mão desse jeito? Olha brasileiro, é o seguinte, aqui nós temos o dinheiro pra os brasileiros, pra os portugueses, pra os ucranianos... mas o nosso dinheiro aqui nós gastamos ele no lugar certo, então você tá internado e você sai daqui no dia que você estiver bom...*”.

Diante das adversidades, as redes de apoio e solidariedade foram primordiais para a permanência e sobrevivência de Antônio no exterior. Segundo ele, houve “*anjos*” em sua vida que o salvaram diversas vezes da morte. Num primeiro momento quando passou fome: “(...) *Apesar de todas as dificuldades, fiz alguns conhecidos portugueses, que viram a situação que eu tava passando, você levava a marmita, não tinha nada, só feijão e arroz ou então macarrão, ao ponto dos portugueses chegarem e falar: ‘ó brasileiro, toma isso aí’, te dá peixe, te dá batata*”. Depois precisou de dinheiro e lugar para dormir: “(...) *Já tinha se passado três meses [que havia tido problema na mão e ficado sem poder trabalhar] mas chegou o tempo, chegou a hora que eu não aguentava mais, não aguentava nem andar direito, então eu fiquei inquilino de uma senhora, a dona Isabel, a qual eu mantenho contato constantemente, que foi uma mãe, que me deu carinho, mesmo eu sendo inquilino, mesmo eu não tendo dinheiro pra pagar as contas, essa mulher cuidou de mim durante seis meses, tudo que você pensar, vestuário, alimentação, remédio, mais a empregada dela, a Tina...*”

Mesmo com as dificuldades vivenciadas, inicialmente, Antônio não comunicava à família os acontecimentos, dizia apenas que estava tudo bem, pois pensava que preocupar a família não adiantaria em nada: “(...) *porque não (...) adiantava eu reclamar, era trazer preocupação pra cá, sendo que ninguém podia me ajudar, (...) não*

resolvia nada contar, se contar resolvesse o problema... era só chorar: 'Eu tô assim, me ajuda' ”. No entanto, com o agravamento e fragilidade de seu estado de saúde, se viu obrigado a comunicar à esposa o que estava passando, mesmo sabendo que isso geraria um impasse entre os dois sobre sua permanência no exterior: “Quando foi descoberto meu problema [do enfarto], e quando eu falei pra ela do meu problema, ela disse ‘volta’ ”.

O pedido da esposa não foi o suficiente para convencê-lo a voltar, uma vez que Antônio não havia conseguido juntar nenhum dinheiro e sentia que não poderia voltar sem nada para o Brasil e, conseqüentemente, submeter-se ao julgamento de outras pessoas: *“Eu falei: ‘Não volto. Eu não vou voltar porque eu estou com vergonha de sair e voltar sem nada, eu estou com vergonha...’ E depois eles falam: ‘O cara sai, fica quatro anos e volta de mão abanando.’ ”*

A esposa de Antônio, segundo ele, foi compreensiva e companheira a todo o momento, característica mútua em seu relacionamento conjugal que ele atribui à união entre os dois: *“Não houve ninguém que chegasse, ou eu ou ela, e falasse ‘Vai ser assim ou vai ser assado’, primeiro a gente conversa, pesa e decide o que vai ser melhor... A minha esposa esteve comigo em todos os momentos, a gente é muito unido sabe?!, a gente tem uma coisa bonita...”*

O principal elemento que favoreceu a continuidade do casamento e da relação, mesmo a distância, foram os telefonemas contínuos para a esposa. Antônio ligava para a esposa no Brasil para ter notícias sobre a família e para discutirem sobre as decisões frente às dificuldades enfrentadas por ele no processo emigratório: *“A gente se falava pelo telefone quase todos os dias, então ela ligava toda noite, toda noite... e eu comprava cartão de cinco euros e ligava pra saber da menina, pra saber do menino”.*

A família e a esposa foram para Antônio, na maioria das vezes, a força na qual ele se apoiava para suportar humilhações e adversidades no exterior: *“E a grosseria, a gente é muito humilhado e às vezes a gente tem que, não é?... no meu caso, como pai de família, você tem que se sujeitar, porque você fala assim? ‘Porra bicho, eu queria ser solteiro pra não ter compromisso nenhum, que eu ia quebrar esse cara todo’! Aí você se lembra da família... aí você engole aquela bucha, você pensa: ‘Tem gente lá do outro lado do mundo que tá me esperando’ ”.*

A falta de dinheiro, a ausência da família e a consciência de sua ilegalidade foram elementos constantes durante seu processo emigratório, o que o impediu de ter momentos de lazer e diversão: *“Mande em quatro anos, três fotos, recebia dela muitas*

fotos! Mas tirar foto aonde, dentro de obra? Na ilha da Madeira tem muito ponto turístico, tanto é que a Ilha da Madeira é frequentada por ingleses, alemães... só gente que tem condição [financeira] muito boa. Eu conheço Funshao como se fosse a capital...mas e o dinheiro pra sair? Pra jantar, jantar fora com que dinheiro? Não tinha direito nem água pra beber, como que vai jantar fora?... Você não pode levar uma vida igual a deles, você não tem direito a lazer nenhum, a diversão nenhuma... Primeiro que se você for levar a vida que eles levam o dinheiro vai faltar, você pode trabalhar o mês todo que não sobra um euro..."

Antônio relata que passou por períodos em que viveu em condições precárias, independentemente do problema de saúde, que na ocasião já estava agravado. Nesse contexto, algumas ideias como estar no primeiro mundo e a facilidade de acesso a bebidas importadas levaram-no a intensificar o uso de álcool e do cigarro: *"Eu fiquei 105 dias parado, sem um euro no bolso, catando guimba na rua, fumar um cigarro, e eu ia catando na rua e levava pra casa pra fumar, é difícil falar viu... inclusive aconteceu comigo. durante um período. que eu comecei a beber mais do que eu bebia aqui, porque com cinquenta centavos aqui eu tomo uma cachaça, lá com um euro eu tomo um whisky importado, (...) coisa que eu nunca fiz isso, que é tomar whisky, afinal de contas eu tava no primeiro mundo, o idiota no primeiro mundo, mas eu tava lá, o tão desejado, tão sofrido."*

Embora tenha passado por adversidades durante sua estadia em Portugal, a decisão para retornar para o Brasil só veio após quatro anos de muita persistência: *"Quando eu falei pra família é porque não tinha mais jeito... chegou o tempo, (...) um dia minha filha virou pra mim e falou: 'Ó pai, porque é que você tá demorando?!, É porque o senhor falou que não ia demorar e tem quase quatro anos pai'! Pelo telefone, eu pensei: 'Tem que voltar, né?' "*

A volta para o Brasil foi marcada pela expectativa de rever a família e a esposa. Antônio relata a sensação de segurança de estar novamente em seu país: *"Você ter a sensação, você ter a sensação não, você ter a certeza que você tá seguro, que você tá ali dentro do que é seu, tá na sua terra, esse Brasil, ele vale é muito pra nós, com todas as dificuldades, entendeu?! (...) Aí, quando [o avião] entrou em Maranhão, Pernambuco, eu falei tô em casa, ia descer em Minas Gerais, mas ele entra pelo Nordeste e falei: 'Cheguei, não tenho com o que me preocupar mais' "*

A chegada em casa foi surpreendente para Antônio, pois ele esperava fazer uma surpresa para a esposa e para os filhos, mas devido a seu problema cardíaco, uma amiga

de Portugal ligou para a esposa de Antônio no Brasil, avisando do seu retorno e a data: *“A recepção dela e dos filhos... Eu cheguei em casa meia noite, ela abriu a porta, parecia que a gente tinha se visto ontem, ela tava me esperando em casa, eu ia voltar sem avisar, mas por causa do meu problema cardíaco, eu precisava de uma licença médica, pra ver se eu podia fazer essa viagem de avião, eu precisava de um cardiologista pra me autorizar, e essa santa que eu encontrei em Portugal, ela que ligou pra Mariana avisando: ‘Ele vai tá aí tal dia’, e eu achei que ia pegar todo mundo de surpresa, mas ela já tava me esperando.”*

Os primeiros dias em casa foram prazerosos para Antônio, diante das dificuldades vivenciadas no exterior. Relata ter tido muita facilidade na readaptação ao Brasil, com muita comemoração da família. Eles só foram saber dos problemas ocorridos com Antônio no exterior depois de muita comemoração pelo seu retorno: *“Quando cheguei em casa foi uma festa, tanto da esposa, dos filhos, familiares, mãe... todos me receberam muito bem, me apoiaram, porque depois os familiares vieram a saber o que tinha acontecido.”*

Em relação à esposa, segundo Antônio, os primeiros dias foram ótimos, a única mudança percebida por ele no comportamento da mulher foi em relação ao zelo com seu estado de saúde, aspecto intensificado devido ao seu problema cardíaco, situação que o irritava, mas que acabou compreendendo: *“Ela (...) teve muita preocupação comigo, teve não, ela tem, por causa dos meus problemas. Ela até me atrapalha, ela até me enche o saco, porque tanta dedicação e tanto carinho te sufocando, acaba até atrapalhando. (...) Mas você sabe que é pro seu bem, igual eu falei com você que eu ia ao dentista, então aonde eu vou ela me acompanha, se eu tenho que ir ao cardiologista, ao angiologista, então se você olhar por esse lado ficou até melhor, porque ela ficou mais agarrada em mim”.*

Antônio elabora sua vivência no exterior como uma boa experiência, embora não tenha realizado o sonho da casa própria, sendo a principal dificuldade a distância da família: *“E foram quatro anos e quatro meses de vivência, boa experiência, adquiriram experiência bastante, mas muito sofrimento, muito sofrimento mesmo. Resumindo, foi um mal necessário, a dificuldade maior é ficar longe da família, ainda mais da minha família, que a gente é bem apegado... Tenho minha casa própria, mas não com o dinheiro de lá, mas com o dinheiro aqui do Brasil, devo essa casa até hoje, mas é minha... É uma casa simples, mas é uma boa casa, bem localizada (...) Morar numa casa sem ter que pagar o aluguel, mas pago isso até hoje”.*

4.2.1.2 A vivência do processo emigratório para Antônia

Antônia tinha 44 anos de idade na ocasião da entrevista. Quando o marido foi para Portugal ela tinha 40 anos de idade. Inicialmente, falou sobre as dificuldades enfrentadas no casamento aqui no Brasil, antes da ida do marido para o exterior. Relata que ele bebia de forma abusiva e que, embora ele ficasse “no canto dele”, sua preocupação se voltava para os filhos que presenciavam a situação: *“Antes às vezes ele bebia e isso às vezes atrapalhava um pouco, mas também não era a ponto de tá me amolando não, bebia, chegava e ia pro canto dele, então é uma coisa que é desagradável pro casal... A menina era nova e às vezes via ele naquele estado, o rapaz também, mas no mais, fora isso, a gente não tinha problema”*.

A decisão de ir para o exterior se deu pelo desejo de conseguir dinheiro para então adquirir a casa própria, pois segundo Antônia e Antônio (a narrativa de Antônio reafirma tal pensamento) a localização da casa onde moravam era ruim, em um bairro de periferia considerado pelos moradores da região como uma favela: *“Moramos no alto do Rosário em duas casas, primeiramente em uma e depois na outra, e foi nesse período que ele foi embora.”*

Antônia diz ter se mostrado imparcial na decisão do marido de ir para o exterior, tendo lhe perguntado apenas se era isso mesmo o que queria, e, diante da resposta afirmativa, lhe deu apoio e o ajudou no processo emigratório: *“A gente sempre conversou, perguntei se era isso que ele queria e ele disse que sim. ‘Se é isso que você quer, então tudo bem.’ Eu conversei com meu irmão pra conseguir dinheiro pra ele ir pra Portugal, (...) meu irmão arrumou o dinheiro e ele foi”*.

Antônia não via possibilidades de embarcar junto do marido para Portugal por situações adversas, dentre elas os filhos e a faculdade que estava cursando: *“Eu não poderia ir porque tinha os meninos, mas se fosse pra eu ir, teria que ser no início porque depois eu comecei a trabalhar e comecei a estabilizar. (...) Mas eu já tava trabalhando na prefeitura, no estado ainda não, então depois que eu comecei a trabalhar em 2004, consegui ficar direto e falei com ele que não compensava”*.

A ida do marido para Portugal foi uma surpresa para Antônia, visto que o marido não havia comunicado anteriormente a data da viagem, fazendo isso apenas no dia do embarque: *“Me pegou de surpresa mesmo, porque quando eu cheguei da faculdade ele falou que já tava indo pra Belo Horizonte pra poder ir... mas já saiu e tudo, e foi aquela coisa assim, mal... mal deu pra despedir direito. (...) Aí eu cheguei e ele falou que tava*

indo, só esperou eu chegar da faculdade pra despedir”.

Os primeiros dias longe do marido foram vistos por Antônia como mais difíceis, o que fez com que sua religiosidade fosse mais presente em seu cotidiano, estando sempre com um terço na mão rezando: *“Então assim, muita coisa é Deus em primeiro lugar, então assim, eu sempre busquei a Deus, graças a Deus.”* As dificuldades pelas quais o marido passou em Portugal, tais como o problema da mão, o infarto na obra e a colocada do CDI [Cardioversor Desfibrilador Implantado, nome do aparelho fixado no coração do marido], eram apaziguados pela busca de consolo em Deus.

Sobre a ausência do parceiro no decorrer dos quatro anos, ela não via problemas em ficar longe dele, uma vez que ocupava quase todo o seu tempo com o trabalho, a casa e a igreja: *“Então nesse ponto eu não tinha problema, que o que eu gosto de fazer mesmo é de trabalhar, estar indo na igreja, fazendo minhas orações, e quando tinha uma festa eu ia. Às vezes tinha certo período [férias] que eu ficava em casa, mas serviço de casa não acaba e coisa de escola também não, então minha vida estava sempre ocupada.”*

A experiência é vista por ela como algo que não acrescentou benefícios em termos financeiros à vida do casal e da família. Os problemas de saúde do marido no exterior e o fato de não poder mandar dinheiro, fizeram com que ela assumisse as despesas da casa e da família, incluindo as dele por um longo período: *“Ele mais ficou doente do que trabalhou. Por isso que eu falo que aqui eu que tive que segurar tudo... eu que mandava os medicamentos daqui pra ele, pra ele não ficar gastando muito lá, quando ele falou que não precisava mais mandar (...)”*.

Quando o marido retornou ao país, o pai de Antônia convidou-o para trabalhar no hotel da família, onde trabalhou por um tempo na recepção. Depois decidiu abrir um boteco. Sobre a decisão de abrir um negócio próprio, Antônia novamente não interferiu em sua decisão, afirmando: *“Você que sabe”*. O estabelecimento foi aberto mas não chegou a durar um ano, devido às altas despesas. Foi então que Antônio decidiu tentar se aposentar pelo INSS, tendo o pedido negado por duas vezes.

A experiência da distância do parceiro é vista por Antônia como algo que a levou a um crescimento e a adquirir mais autonomia. Em momento nenhum diz ter se sentido mal diante da ausência do esposo e agradece a Deus por ter se sentido bem e se acostumado com a responsabilidade e o comando, que se refletem na dinâmica atual do casal: *“(...) até hoje com ele aqui, é eu que fico mais a par das coisas do que ele, eu que tomo conta, a gente entra num consenso, a gente conversa, não é ele decide lá e faz e*

depois que ele fala comigo”.

Antônia classifica o retorno do marido ao país como algo maravilhoso e diz que antes de isso ocorrer, já vinha se preparando para essa volta: “(...) *não tinha recurso mesmo, e quando ele veio, ele tinha que vir, porque se ficasse lá, ele ia acabar morrendo, às vezes, por lá mesmo*”. Não percebeu diferença nenhuma no esposo, exceto pelo seu estado de saúde, e atribui o não estranhamento ao fato de sempre terem feito tudo juntos: “(...) *a gente, por sempre fazer as coisas juntos, então a gente não teve aquela coisa, tem gente que fala que a gente ia sentir a diferença, mas nada, graças a Deus, foi muito bom*”.

Percebeu que alguns dos comportamentos do marido que a desagradavam melhoraram a partir de sua vivência no exterior, por exemplo, suas idas à missa, que aumentaram: “(...) *o comportamento, ele até melhorou, porque lá a pessoa, como se diz, a vida que leva lá, pessoas diferentes e tudo, às vezes era submetido a fazer e aceitar, e aqui antes não era assim, então agora ele tá sendo mais maleável do que antes, isso foi muito bom, de certa forma foi bom*”.

Ao final da entrevista, Antônia relata que a emigração, embora não tenha resultado em benefícios financeiros, trouxe um aprendizado satisfatório, e que tudo o que aconteceu não mudou em nada seu casamento e sua percepção sobre ele, pois segundo ela: “(...) *aos trancos e barrancos nós vamos e levamos, graças a Deus a gente tá aqui com dois filhos, treze anos de casado e graças a Deus super bem, então assim, eu não quero viver, me imaginar vivendo com outro homem de jeito nenhum, é só ele mesmo*”.

4.2.2 O casamento de Sandro e Sandra

Sandro e Sandra estão casados há 43 anos e têm dois filhos homens, que também já estão casados. Um deles mora no exterior, na casa onde o pai ficou quando emigrou para o exterior. O outro filho mora na mesma cidade que eles, São João Evangelista. Sempre viveram na mesma casa onde moram atualmente, durante toda a vida, e mesmo com a possibilidade de a emigração melhorar a condição financeira, possibilitando a compra de uma outra residência, não optaram por sair da casa e sim melhorá-la. O casamento é visto pelo casal como tranquilo, não existindo brigas e nem discussões, apenas conversas para chegarem a uma decisão comum. Antes de viverem o processo emigratório, Sandro era mecânico e Sandra trabalhava como cozinheira em uma escola

da cidade. Atualmente ambos estão aposentados e não trabalham mais.

Para Sandro é primordial a confiança que se constrói com o passar dos anos. Acredita que sua relação com Sandra proporciona tal vivência. Na relação conjugal, Sandra acredita que para a permanência de uma relação saudável é primordial o diálogo, pois ele dá ao casal a condição de conversar e tomar decisões sem discussões que acarretem brigas. Para Sandra, as brigas só servem para desgastar o casamento e comprometer a relação conjugal.

4.2.2.1 A vivência do processo emigratório para Sandro

Sandro tinha 61 anos de idade na época que em foi entrevistado. Havia retornado para Brasil pela segunda vez há quatro anos, mas os seus relatos, embora reconhecidamente falhos por ele (em muitos momentos da entrevista ele diz ter esquecido de muitas coisas que aconteceram enquanto esteve no exterior e também no momento em que realizou a travessia pelo México), retratam com clareza um pouco dos efeitos do processo emigratório, tanto para quem emigra quanto para toda a família, e especialmente as consequências de fazê-lo de forma ilegal.

Sandro havia decidido emigrar depois de muito conversar com a esposa sobre as “coisinhas” que faltavam em sua casa e em suas vidas. O casal sempre conversou muito sobre tudo e Sandro considerava tanto sua mulher como a si próprio como pessoas maduras. Atribui a facilidade do diálogo com a esposa ao seu jeito de ser: “(...) *um cara aberto, que não dá resposta fechada e fala as coisas normalmente*”. Falar do casamento para ele é motivo de orgulho, visto que no decorrer da entrevista, cita sempre a esposa e os filhos para justificar seu desejo de ter ingressado no exterior como forma de trabalhar e conseguir uma melhora financeira: “*Se não fosse minha mulher e meus filhos, não teria [ido] porque, se fosse eu sozinho, não teria porquê, eu tô correndo atrás justamente por isso, fazer um caixa, principal coisa quando casa, você tem que ter um fundo de garantia, é melhor do que tomar dinheiro emprestado e depois tem que dar casa e carro pra pagar, a pessoa que tem a cabeça no lugar e que pensa com responsabilidade, essa pessoa vai atrás disso aí nos EUA, o esteio de tudo é a família*”.

Não houve um desejo específico como o de adquirir uma casa ou um carro. O casal buscava a melhoria das condições de vida de forma ampla. Assim, o esposo tomou a decisão de partir de maneira ilegal para o exterior, para concretizar esse sonho de possuir uma reserva em dinheiro para quando precisassem. O desejo de emigrar era

compartilhado pelo casal, ainda assim a negociação para a ida do esposo foi dificultada em decorrência de sua idade, considerada avançada, o que fez com que os filhos e a mulher não apoiassem em totalidade a decisão da partida: *“Na verdade a mulher não quer que a gente vai não, e os filhos também já considera a gente meio velho, então tem que conversar direitinho, mas eu dei muita sorte porque não colocaram muito obstáculo não (...)”*. Ocorreram, assim, muitas conversas, que Sandro considerou primordiais para convencer a família de que ele deveria ir, de que assim conseguiria o que ele denomina “coisinhas” que faltavam a ela, e que estas não seriam conseguidas no Brasil.

Passou-se então à etapa seguinte, os preparativos para a viagem, que aconteceria de maneira ilegal pela travessia do México, na época o caminho mais utilizado por brasileiros e outros estrangeiros para ingressarem nos Estados Unidos.

Antes da ida efetiva, a tensão era constante. Os “coiotes” avisavam sobre a viagem, fazendo com que Sandro preparasse as malas, a consciência e a família para se despedirem em determinada data, e quando chegava o dia, a viagem era remarçada por motivos adversos: *“A gente vinha preparando um ao outro por muito tempo, a gente fica programando e preparando a viagem, só que você começa, não deu certo, você tenta de novo, não deu certo, você tenta de novo, agora ficar por mais dois meses no caso (...)”*.

A viagem para os Estados Unidos não foi nada confortável, segundo Sandro. Os momentos vivenciados durante a viagem foram de tensão, medo, surpresas e principalmente de falta de informação sobre o que iria acontecer e de que modo: *“A viagem é perigosa (...) do México pros Estados Unidos, e a gente não sabe com quem vai não, a gente passa muito sufoco, passa muito aperto, é chão pra caramba ainda, só Deus mesmo, não tem jeito... (...) Na verdade, quando a gente chega nos EUA pelas fronteiras do México, você chega lá por milagre, é a mão de Deus que coloca lá dentro, imagina eu atravessando um rio, lá tem um rio que chama rio Bravo, a velocidade deve ser mais ou menos uns cinquenta quilômetros, e eu não sei nadar, e vai um monte de gente numa boia de ar de caminhão, cinco boias vai dez pessoas, um por cima do outro, e se furar? Se furar aonde nós vamos parar? Tô morto, eu não sei nadar, então o primeiro perigo é esse e aí, você monta naqueles avião tudo doido do México, avião sem revisão, avião velho, aquele troço começa a dar pancada no ar, começa a pegar turbulência, e aquele trem começa a trepar, o medo, e vai aterrissar em campo ruim, é problema um em cima do outro”*.

Sandro ficou quinze dias sem se comunicar com a esposa, conseguia comunicar-se apenas com seu filho que estava nos Estados Unidos aguardando sua chegada e assim o filho falava com a mãe no Brasil comunicando como estava o pai durante a travessia. Havia dias em que não conseguia comunicar-se e quando conseguia Sandro tranquilizava o filho, para que este tranquilizasse a mãe, Sandro ressalta que a calma é primordial para não desesperar a família: *“Você tem que ter calma, porque se afobar e desesperar você complica a vida de todo mundo (...)”*.

Embora a travessia tenha sido uma experiência negativa, os momentos vividos por Sandro após a sua chegada ao exterior, em se tratando de trabalho e de relações sociais, foram satisfatórios, pois não teve dificuldade para conseguir um emprego. Já tinha também um lugar onde morar, com seu filho que residia nos Estados Unidos. *“Primeiros dias na América foram bem, o pessoal me recebeu numa boa, cheguei numa quarta-feira e na sexta-feira eu já comecei a trabalhar, dei uma descansada, porque eu tava muito pregado. (...) Fui bem aceito, normal, tranquilo, geralmente você chega nos EUA, meu filho conhece bem o estado que a gente tava, New Jersey, aí ele saiu comigo andando e olhando aquelas oficinas.”* Sandro ressalta que o que contribuiu para que tudo fosse tranquilo, principalmente no trabalho, foi sua habilidade com a mecânica, o que facilitou seu manuseio com máquinas e caminhões até então desconhecidos: *“Chegar no país do primeiro mundo e pôr banca, você vai arrumar e consertar máquina que nunca viu, caminhão diferente daqui, máquina diferente daqui, a gente que é inteligente faz logo e resolve o problema, e foi por isso que eles gostaram de mim”*.

A esposa o apoiava, mesmo à distância. Seu comportamento, que já tinha antes da ida para o exterior, fez com que visasse apenas o trabalho, sem se preocupar com extravagâncias ou divertimento. Segundo o próprio, ele não era uma pessoa: *“(…) vaidosa que [gostava] de buteco, de ir na casa de outras pessoas, passear, e minha mulher não gosta de nada disso, então não vou preocupar com isso, nunca passou pela minha cabeça...”*. Sandro relata que a esposa não saía aqui no Brasil, e sendo assim, ele também se privava de qualquer tipo de divertimento no exterior, pois caso *“virasse cabeça pra outra coisa, ia dar errado”*, o que não poderia acontecer já que buscava algo em nome da família: *“Porque quem tem amor à família, ele pensa muito, agora quem não tem, relaxa de certa forma, não pensa muito na família não, vai para os boteco, para lugares dançar, lá tem tudo, os divertimentos. (...) É o que eu falo, a pessoa que vai pros EUA tem que colocar na cabeça, eu tô indo pra trazer o que eu tô*

buscando, só não pode virar a cabeça pra outra coisa (...)”.

Sandro considerava que não poderia fazer gastos com divertimentos, pois estaria gastando com facilidade um dinheiro que teve muita dificuldade para conseguir: *“Mas os divertimentos de lá custa caro, e a pessoa não ganha dinheiro, você ganha cem dólares por dia, sai e gasta cento e vinte dólares, que dia vai trazer dinheiro? Nunca.”*.

Outra questão que reforçava para Sandro a determinação de não se envolver em diversões que demandavam dinheiro tinha relação com a higiene pessoal, o cuidado com a saúde das americanas e o modo como elas se comportavam: *“E não tem necessidade, e também não vale a pena também não, sei lá, o povo lá é muito porco, eles não têm medo do compromisso em relação a doença, é chato, é complicado, o cara que tem medo ele não vai não, o cara que tem amor à vida não vai pra esse lado não”*.

A vivência no exterior incluiu aspectos negativos. O mais destacado por Sandro é quando chegava em casa à noite, pois era tomado por sentimentos de saudade e solidão, tendo sofrido episódios de insônia. Algumas vezes chegou a utilizar medicamentos para conseguir dormir, para que pudesse se sentir disposto a trabalhar no dia seguinte: *“Na hora que chegava de noite, começa... você deita pra descansar, você não consegue, a cabeça fica em São João Evangelista, meus filhos, minha mulher, meus irmãos, aí você não consegue, costuma você tem que tomar até um remedinho, senão você não consegue descansar. E no outro dia não aguenta nem abrir o olho, pensava em tudo, saudade, preocupação, medo de briga na rua, confusão, então isso que tira a tranquilidade da gente lá”*.

O único problema de saúde que teve no exterior foi contornado com facilidade, visto que foi muito bem atendido quando precisou de serviços médicos e hospitalares. Sandro teve um problema nos rins e foi para o hospital, levado por um amigo do trabalho. Somente depois de medicado e liberado do hospital, contou para o filho com quem morava, e apenas posteriormente relatou o fato para a esposa no Brasil: *“Quando acontecem coisas com a gente lá a gente não fala, você só fala depois que tá bem, porque se você falar que tá mal lá você cria um clima na cabeça das famílias que é preocupante, então deixa acontecer lá e ficar só com você aquela preocupação. (...) Você vê que a pessoa fica preocupada do outro lado, então é preferível você não falar do que você ficar enfiando trem na cabeça da pessoa, a pessoa fica doida aqui”*.

Depois de três anos de trabalho e de conquistar muito do que havia objetivado, finalmente Sandro decidiu retornar para o Brasil, devido a um problema que teve na perna direita, que ficava muito inchada, impedindo-o de trabalhar. Sendo assim, a

decisão foi adiantada, mas nada que, segundo ele, tenha atrapalhado suas conquistas. O balanço que Sandro faz sobre o que conseguiu é satisfatório, tendo em vista que, em sua avaliação, pessoas emigram, ficam anos no exterior e não conquistam um terço do que foram buscar.

Descreve minuciosamente a chegada ao Brasil, comparando Estados Unidos com Governador Valadares. O clima contribui para que ele se sentisse em casa. Diz que quando chegou à metade da viagem e sentiu uma *“brisa gostosa”*, se sentiu finalmente em casa e a expectativa e desejo de ver a família aumentou: *“Chega ali em São Paulo, você sente aquele clima e você pensa ‘Daqui a pouco eu vejo minha família.’, então você fica doido querendo ver (...)”*.

Em casa, Sandro sentiu que havia perdido espaço, justificando que muitas coisas na casa como o banheiro, o forro, dentre outras, não eram mais como eram antes de emigrar, embora tenha notado apenas quando a esposa lhe chamou a atenção para as modificações. A não percepção de algumas mudanças na casa se deve, segundo Sandro, ao costume com a vida americana, o que diminuiu nele o interesse pelas coisas do Brasil: *“Porque lá tem muita coisa bonita, coisa moderna, de tudo, de enfeite de casa, roupa, sapato, joia, você fica espantado de tanto que você vê, e o trem é todo moderno, todo mundo tem condições de andar muito bem vestido, calçado, joia, vestido...”*.

Em relação à mulher, Sandro acredita que *“ficou mais gostoso”*, pois segundo ele com o passar dos dias após o retorno, as coisas foram chegando ao lugar, voltando ao que eram antes: *“Tranquilo, normal, cheguei normal, numa boa, o reencontro foi uma maravilha, se fica trinta dias sem o namorado, chega e fica às mil maravilhas, aí senta, faz comidinha gostosa, vai tomar um banho pra você descansar...”*.

Sandro relembra de seus primeiros dias em casa no Brasil, dando gargalhadas, sobre a desconfiança de sua esposa quanto a ele ter tido outras mulheres nos Estados Unidos, mas se sente tranquilo e de consciência tranquila em relação a sua fidelidade a ela: *“Nos dias que a gente chega, a gente fica meio ressabiado, com medo de comentar as coisas, a mulher fica com medo de comentar alguma coisa. Mas isso é coisa de casal mesmo, você sabe, vocês mulheres fazem umas perguntas pesadas mesmo, por exemplo ‘Você teve alguma mulher nos EUA? Você saiu com alguém nos EUA?’. Não, lógico, então isso não precisa de mentir, porque se mentir é pior...”*.

Após seu retorno, Sandro sentiu algumas dificuldades em suas relações sociais, pois, segundo ele, as pessoas esquecem fácil umas das outras e ele se ausentou do convívio na comunidade por muito tempo: *“(...) os amigos, tive muita dificuldade,*

desenturmou, eu tô tendo até hoje, porque as pessoas esquecem fácil da gente, todo dia eu tô acostumado a parar na porta da sua loja e perguntar como você tá, seu pai, sua mãe, aí você passa dois anos sem fazer isso, aí você já desacostumou de fazer isso e quando volta, aí a pessoa fala que fiquei metido porque fui nos EUA, eu tô tendo problema até hoje, eu encontro pessoas na rua e eles falam que achavam que eu tava nos EUA até hoje.”.

Sua avaliação final sobre o que vivenciou no exterior foi a seguinte: *“Eu diria assim, valeu a pena, tudo que eu passei, a aventura, como se diz, valeu a pena, porque eu consegui o que eu queria, o problema é você ir e não conseguir o que queria, é uma decepção muito grande, você tem que ir pra conseguir”.* Finaliza nossa conversa dizendo que deseja voltar sim, mas dessa vez junto com a esposa, e que pretende chegar pela *“porta da frente”*.

4.2.2 2 A vivência do processo emigratório para Sandra

Na época em que foi entrevistada, Sandra tinha 51 anos de idade. A história de Sandra com a emigração parece não terminar, pois naquela época já havia vivido a ida e o retorno do marido duas vezes e havia possibilidades de que viveria uma terceira.

O motivo da ida, segundo Sandra, foi o desejo de conseguir conquistar algo menor, não uma casa e nem um carro, apenas um fundo de garantia, *“uma aposentadoria melhor”*.

Sandra descreveu seu casamento como uma relação tranquila, na qual não encontrava algum problema específico para se queixar. Alegou que problemas todos os casais têm, mas que com seu marido e seus filhos não havia nada do que pudesse reclamar. Nesse sentido, se lembrou apenas do filho mais novo, que no passado bebia e dava trabalho, mas que naquele momento havia melhorado e estava bem.

Quando o marido cogitou a ida para o exterior, não houve discussão, sentiu apenas preocupações devido à idade do esposo e o modo pelo qual ele embarcaria para o exterior. Foi convencida através de muito diálogo e da comparação entre o que se conquista aqui no Brasil e o que se conquista no exterior: *“Foi tudo numa boa, eu antes eu não queria bem concordar, depois eu vi que não tinha jeito, não adiantava falar com ele que não, ele queria mesmo ir, então foi, foi difícil. (...) Dei força, né, eu não podia fazer nada, eu falei que não, mas ele queria, então, foi. (...) Ele queria melhorar a situação e aqui quando você quer fazer alguma coisa, fica difícil, e lá pra ele seria mais*

fácil, por causa da profissão dele.”

O que facilitou o consenso do casal quanto à emigração do esposo foi o fato de o casal ter um filho que morava no exterior há mais de vinte anos, com quem o pai moraria quando chegasse aos Estados Unidos: *“Ele foi porque também tem filho lá, senão nem animava a ir, o Sandro tem mais de vinte anos que mora lá, por isso que ele animou a ir, senão não tinha ido, pensa ainda voltar enquanto Sandro estiver, porque quando Sandro voltar ele não vai mais. O [lado] financeiro e [a presença do] filho incentivou a ida”*

O esposo de Sandra emigrou duas vezes para o exterior, na primeira vez por dois anos e quatro meses e na segunda, por um ano e oito meses. O que incentivou a segunda emigração foi o fato de que o trabalho em que o esposo atuaria seria o mesmo que exercia no Brasil, a mecânica. Em nenhuma das vezes Sandra pensou na hipótese de embarcar junto do esposo para os Estados Unidos, apenas vivenciou à distância as histórias contadas por ele sobre a travessia: *“Da primeira vez não aconteceu nada, mas da segunda vez diz ele que andou morrer na estrada, porque anda muito, passa muito lugar assim perigoso, mas graças a Deus deu tudo certo”*.

Quando falou sobre essa travessia, Sandra pausou um pouco e refletiu sobre o que o marido viveu. Disse que foi difícil demais, que se fosse pra ele voltar pela terceira vez passando pelo México ela não estaria de acordo em hipótese alguma, e que dessa vez ele só iria se fosse com a retirada do visto, pelas vias legais, pois o sofrimento era muito e não valia a pena. Sandra ficou sem se comunicar com o marido por dias durante a travessia, que durou em torno de quinze dias. Apenas tinha notícias quando seu filho que ainda mora no exterior ligava. Passou por momentos de preocupação e medo: *“Eu tinha medo porque ele foi passando pelo México, correndo risco de vida, isso aí eu não dormia e preocupada, até que eu tive notícia que tinha chegado, aí eu fiquei tranquila”*.

Sandra em momento nenhum sentiu o seu casamento abalado pela distância do esposo, e contava sempre com as notícias constantes através de telefonemas diários realizados por ele e por seu filho. O principal ponto que favoreceu a manutenção do casamento foi o fato de o esposo morar com o filho do casal no exterior. Sendo assim, quando o marido não ligava, o filho ligava, e ela tinha notícias diárias do marido, de como estava vivendo: *“Eu tinha as informações, Sandro falava que eu poderia ficar tranquila que ele só trabalhava, eu perguntava e meu menino falava que ele só trabalhava, quando os meninos chamava pra ir em festa, ele falava que tinha ido só buscar o dinheiro que não tinha ido pra ir em festa não, aí eu ficava tranquila nisso aí*

(...)”

Os primeiros dias vividos longe do marido foram, para Sandra, os mais difíceis, pois se mesclavam entre o medo dos perigos da travessia, a intensa saudade que sentia diante de sua ausência e o medo que sentia ao ficar sozinha dentro de sua casa: *“Difícil, nossa, difícil demais. Eu trabalhava no grupo, né, na escola, quando eu chegava seis horas em casa, o portão que eu abria, e eu só chorava, chorava e chorava, e depois pensava que era bobagem, importante que tá vivo, pior quando morre, mas ele tá vivo, então Deus ajudando ele vai chegar, e depois quando eu soube que ele já tava lá na casa do meu filho, aí eu já fiquei mais tranquila. ligava todo dia, não passava uma noite sem ligar... não acostumei não...na hora de dormir...a cama vazia sem ninguém, ruim demais, vira pra um lado e pro outro e não tem ninguém, tinha dia que eu dormia com a luz acesa de medo, morava sozinha nessa casa grande sem ninguém (...).”*

Sandra modificou sua rotina em função da ausência do parceiro. Antes, segundo ela, o casal saía muito, participavam ativamente de festas e frequentavam a casa de amigos em momentos festivos, o que agora não ocorria mais. Embora tivesse um filho casado, não gostava de incomodá-lo, pois não achava correto. Resumiu sua rotina em “trabalho e casa”, reproduzindo, de certa forma, o comportamento do marido no exterior, trabalhando muito e se distraindo em casa com os programas de televisão: *“Mudou minha rotina, porque era eu e ele, se íamos para algum lugar, iam os dois. Eu tenho um filho e a esposa que são ótimos, mas eu não poderia ficar tirando eles da casa deles e falando que queria ir aos lugares, não pode. Era mais no trabalho, em casa, no mercado, numa loja, não saía pra passear, esses negócios assim não, não sentia falta por causa do meu trabalho, trabalhava, chegava em casa cansada, e com isso eu acostumei... Mas depois a televisão distrai a gente bastante, ajuda (...).”*

Embora a saudade fosse intensa, Sandra em momento algum pediu que o marido viesse embora, mesmo quando ele dizia sentir saudade dela e dos filhos. Sandra era muito cautelosa para não o fazer entender que ela estava pedindo que ele voltasse. Esse cuidado se deu para evitar um retorno “precipitado” pois, caso algum dia ele viesse a passar por alguma dificuldade no Brasil e se arrependesse da volta, poderia culpá-la por ter pedido que retornasse: *“Sempre que falava que não sabia se vinha embora, eu não falava pra vir, porque toda vida eu tive medo, porque se eu falasse ‘Vem’, ficar insistindo pra vim, a hora que chegasse aqui e visse a dificuldade daqui ia falar ‘Você quem ficou falando’, [então] falava ‘Você quem sabe’, (...) por isso, até hoje nunca discutimos sobre isso, aí ele nunca falou nada disso comigo.*

Sandra acredita que as vivências da saudade para quem foi e para quem ficou são bastante diferenciadas. Ressalta que a parte mais difícil enfrentada por ela era esperar a chegada de alguém que não chegaria à noite para jantar: *“Toda noite vai dando seis e meia, sete horas era hora de ele estar em casa, aí eu chegava e não tinha ninguém em casa, aí passou eu chegar e não ter ninguém pra chegar, essa foi a época mais difícil... Pra quem vai talvez não seja tão difícil, mas pra quem fica é difícil, mas com Deus a gente supera tudo, minha maior dificuldade foi chegar em casa e não estar, fazer uma comida e não estar”*.

A distância proporcionou mais autonomia para Sandra. Mesmo com a presença do esposo, foi ela quem sempre resolveu tudo, o que é visto por ela como um ponto positivo, além das conquistas financeiras: *“Porque assim, no mais quem resolve todos os problemas de dentro de casa sou eu, se eu preciso resolver alguma coisa ele dá o dinheiro, mas ele não resolve nada, nada, nada, então o negócio todinho sou eu, então nisso eu não tive dificuldade nenhuma, eu continuei o ritmo normal igual como se ele tivesse dentro de casa, mesmo jeito que com ele ou sem ele continuou, tem pessoas que depende de tudo do marido, não faz nada, então eu não, quem resolve tudo sou eu”*.

Diante da notícia do retorno, muita alegria e preparativos para comemorar a volta do marido marcaram o reencontro entre o casal: *“Foi bom demais, assim quando falou que tava vindo, foi só alegria, comemoramos a chegada, tem que ter a comemoração, até que faixa não teve não, mas os vizinhos vieram, assamos uma carne e tomamos uma cerveja (...)”*.

Percebeu muita dificuldade do marido principalmente no que diz respeito às relações sociais. Sandra diz que o marido ficou um pouco “perdido, mais afastado dos amigos, teve dificuldade em entrosar novamente com sua turma e se readaptar ao seu dia a dia no Brasil, alegando cansaço. Mas essas dificuldades não duraram muito tempo devido à habilidade que o esposo tem em conversar e lidar com as pessoas: *“Volta e acha tudo diferente, uma criança que deixou pequeno, quando volta vê grande, volta e chega perdido, mas rapidinho ele entrosa direitinho porque ele é ‘gracista’, não tem dificuldade, perdido assim, chegou assim, tava mais afastado dos amigos, lugar que ele frequentava, passou a ir menos, a gente ia em festa, ele chegou e falava que tava muito cansado, que não tava aguentando, esmorecido sabe, a turminha vai ficando, mas vai entrosando de novo e quando volta com a turma e tudo ao normal aí quer voltar de novo (...)”*.

O balanço que fez da emigração é positivo, visto que conseguiram adquirir um

sítio, um caminhão, reformar a casa e guardar um pouco de dinheiro. O desejo agora perante uma possível nova ida para o exterior seria o de conseguir “*fazer o pezinho de meia para ficarem sossegados, os dois velhinhos tranquilos*”, mas retornando de maneira legal, assim como o esposo disse na entrevista dele, entrando pela “porta da frente”: “*Se conseguir o visto ele volta, se não conseguir não vai mais, eu já falei que não concordo mesmo que ele vá, sofre muito e não tem necessidade*”.

4.2.3 O casamento de Mário e Maria

O casamento de Mário e Maria na ocasião da entrevista durava há 23 anos. O casal tem três filhas, sendo que uma delas, a mais velha, com 23 anos de idade à época, já tinha três filhas também. Todas as filhas e netas residiam com eles.

O relacionamento conjugal desse casal foi marcado por um longo período pela ausência do marido dentro de casa, uma vez que, antes de emigrar, ele trabalhava como caminhoneiro e viajava a semana inteira, indo para casa apenas nos finais de semana. Maria trabalhava como vendedora de eletrodomésticos há mais de 20 anos; mesmo após a participação do marido no processo emigratório ela permaneceu atuando como vendedora na mesma empresa.

No cotidiano do casal, prevalecem os cuidados da esposa para com o marido em todas as situações, como arrumar as roupas, fazer comida e tomar decisões acerca de cursos e outras atividades que o marido deva fazer. Maria acredita que seu parceiro seja extremamente dependente dela e que não tem condições para fazer muitas coisas.

Mário descreveu a vida conjugal e familiar como boa e tranquila, disse nunca ter passado por problemas intensos, não que se lembrasse, mas acreditava que a não vivência dos problemas se devia ao fato de que ele trabalhava muitos dias fora, não estando, assim, muito tempo próximo das filhas e da esposa.

Maria também descreveu sua relação conjugal como tranquila e defendia a ideia de que para um casamento dar certo não poderiam existir muitas cobranças, apenas respeito. Sua relação com o marido não era muito próxima, apontando que o ditado que regia seu casamento era “*cada qual pro seu lado, cada um por si e Deus por todos*”. Nunca exigiu do marido explicações sobre onde ele estava quando saía de casa e lembrou que muitas vezes ele chegava de viagem, saía de casa e quando voltava é que ela se dava conta de que ele havia retornado de viagem. Sentia culpa por levar o casamento dessa forma, mas acreditava que o tempo de mudanças já havia passado e

que já estava em uma idade avançada para modificar algo em seu comportamento e em sua relação conjugal.

4.2.3.1 A vivência do processo emigratório para Mário

Mário tinha 48 anos de idade na ocasião em que foi entrevistado. De todos os entrevistados é o que tinha permanência no Brasil há menos tempo após o retorno, oito meses por ocasião da entrevista. Sendo assim, suas falas se concentraram mais nas vivências do exterior, que ora faziam com que ele quisesse voltar, ora não.

Mário foi para o exterior para trabalhar não porque necessitava, nem porque queria realizar o sonho da casa própria, mas sim porque amigos o haviam convidado e também motivado pelo “(...) *dinheiro que se ganha mais em menos tempo*”, uma marca cultural na região onde mora. Assim, ele decidiu embarcar nessa “*loucura*” com um amigo: “(...) *loucura, doideira, um colega meu ligou lá e falou que o pai dele tinha uma vaga lá, ‘pode ir lá conversar com ele’, fui lá e conversei, o cara me deu o visto de trabalho. Não fui pelo México, nunca tinha pensado, loucura, não tinha noção, trabalhava de caminhoneiro, fui de supetão (...)*”.

Para Mário, a decisão de ir foi rápida e não foi pensada nem refletida. Participou de todo o processo para ganhar o visto, mas sem acreditar que conseguiria, muito menos que conseguiria viajar. Não dividiu esses momentos com a mulher, nem a decisão de ir, apenas comunicou que um amigo o havia chamado para ir para o exterior e que ele deveria ir a São Paulo para participar de uma entrevista para tentar o visto. Chegada a hora de partir, Mário teve dúvidas mas, diante das malas prontas, lhe veio a certeza de que deveria ir: “*No dia que era pra ir, eu dei umas três balangada, ‘ô gente, eu vou ou não vou, vou ou não vou?’ , mas tinha que ir, já tava tudo arrumado. A mulher arrumou a mala e chegou a hora e eu tive que ir, aí pensei: ‘E agora, tenho que ir.’ ”*.

Quem recebeu Mário nos Estados Unidos foi um amigo de apelido “*Cachorrão*”, que o aguardava no aeroporto. Mário, assim como outros milhares de brasileiros, compartilhou moradia com várias pessoas num espaço pequeno. A experiência, segundo ele, não foi das melhores, uma vez que quando se chega do trabalho, o desejo é de ser recebido pela mulher com um jantar nas mãos e muita tranquilidade: “*Quando eu cheguei, moramos cinco num quarto, cama espalhada, roupa dentro da mala, um banheiro, o ‘Cachorrão’ morava comigo. Tinha mais colegas, tinha primo lá, mas não quis caçar primo não, aí nós moramos muito tempo*

junto, aí depois alugamos uma casa, cada um tinha seu quarto e aquele trem todo, nós só brigávamos por causa da comida, cada dia um faz, um dia faz salgado e outro sem sal e aquele trem, foi assim”.

A permanência no exterior foi considerada como a pior experiência de sua vida. Relatou que chorava todo dia, pois, ao ligar para casa e conversar com a esposa sobre a insatisfação da vida que estava levando lá, ouvia dela o chamado para retornar para o Brasil, o que não era possível devido à dívida que havia contraído para emigrar, e que o manteve no exterior por um bom tempo: *“Como que você vem embora, você tá devendo como que vem embora? Não tinha jeito, vai voltar pior do que foi, não tem jeito, não voltava de jeito nenhum, foi a pior coisa que eu fiz, arrependi demais de ter ido, eu perdi tudo (...)”.*

Trabalhar apenas não bastava, pois o trabalho não era pago conforme combinado, em consequência da ilegalidade no exterior. Essa fez também com que Mário se limitasse apenas ao trabalho e à igreja, únicos locais que frequentava para evitar gastar o dinheiro: *“Lá eu podia sair, eu tenho carteira de lá, [mas se] sair gasta o dinheiro, você arruma só precipício... Quando eu cheguei, eu saía com os colegas, mas depois eu parei, eu fiquei uns três anos, o único lugar que eu ia era na igreja e pro serviço, não ia em outro lugar (...), nem na casa dos colegas, eu não ia pra não caçar precipício, eu bebia na época e depois parei de beber, que ir na casa de colega que nada (...)”.*

O que Mário chamou de “precipício” eram as bebedeiras na casa dos amigos e as mulheres brasileiras que estão nos Estados Unidos, pois segundo ele, essas brasileiras eram mais perigosas que as próprias americanas: *“Parece que Deus não passou lá não, eu nunca vi um trem daquele na minha vida, eu fiquei bobo de ver, os colegas assim ó, você tá numa turma na casa de alguém, as mulher tão lá piscando, marcando encontro com os próprios colegas, aí daí uma semana larga, lá uma mulher larga um homem todo dia, as brasileiras lá são as mais porqueiras que tem lá, por causa do dinheiro”.*

Essa percepção fazia com que a saudade da esposa e dos filhos no Brasil aumentasse a cada dia e com que ele se arrependesse da decisão de ir viver no exterior, pois se lembrava da vida que levava no Brasil, da atuação em uma empresa conceituada e da boa vida que tinha em casa com o tratamento ótimo dado pela esposa, principalmente pela alimentação que era, segundo ele, maravilhosa, em vista do que comia nos Estados Unidos: *“Chorava todo dia, quando você liga pra cá eu pensava ‘Que vida que eu to tendo...’. Aqui eu não sabia fritar nenhum ovo, aqui eu tomava*

banho, deitava na cama a mulher trazia um suco, trazia uma comida; lá não, tem dia que você chega morrendo, ou você fica com fome ou você vai lá fazer sua comida, aí você vai e pensa 'Eu não dava valor à mulher que eu tenho'. Roupa, você vai lavar roupa, duas horas pra lavar uma roupa, olha que trem esmorecido. Senti muita falta dela pra conversar, tem muitas coisas, uma casa, ou você tá no serviço ou você tá dentro da sua casa, aí só fica homem, o povo bebe demais, eu não gosto de bicudo, tenho raiva de bicudo, aí dana a beber, aí a gente larga a casa da gente pra tolerar uma homaiada dessa. (...) A gente não dá valor pro que tem, depois que perde, aí já é tarde, aí que eu vi o que é uma mulher, porque lá nos Estados Unidos, mulher larga homem todo dia, todo dia, nunca vi um trem daquele, por isso que eu acho que Deus ajudou ela e me ajudou”.

Mário teve dificuldades na manutenção de seu casamento enquanto esteve no exterior, visto que além da distância, ocorreram discussões com a esposa pelo telefone que quase levaram ao fim do casamento e “fofocas” feitas pelas pessoas que moravam no exterior: *“Uma vez, dei carona pra uma mulher de Correntinho lá, e ligaram pra ela aqui e falaram com ela, isso aí eles liga, falei com ela que eu tava na igreja, falei que dei carona, ela acreditou e não rendeu não, acreditou e pronto, eu tenho confiança nela, mas ela em mim não sei, o povo conversa demais, o povo é o cão lá menina, você acha que tá longe, eles ligam pra fofocar minha amiga, ela teve mais notícia do povo contando pra ela do que eu ligando pra ela. (...) Ela falava alguma coisa e eu não agradava, ficava com raiva, as discussões, trem à toa, mas teve as discussões, eu nem lembro o porquê, mas eu sei que eu liguei, [e pensava] ‘hoje eu vou ligar lá, se ela falar alguma coisa comigo eu vou mandar ela catar coquinho’ ”.*

Como não ocorreu o fim do casamento, chegou então o momento em que Mário decidiu voltar ao Brasil e, diante da decisão marcou a data, comprou a passagem sem se preocupar com o valor, pois queria sair dos Estados Unidos. Não houve organização para a volta, apenas o desejo e uma ligação para avisar: *“Quando voltei, não tive organização, a única coisa que eu queria era sair dos Estados Unidos, na sexta-feira, eu quero chegar lá num sábado, eu vou tal dia assim, a passagem pode custar mil, mil e quinhentos, eu queria a passagem pra tal dia, aí eu comprei a passagem. Quando eu tava saindo de lá que eu liguei pra cá... Saí de lá dez horas da manhã, quando eu tava saindo de lá que eu liguei, Sara [uma das filhas, a do meio que tinha então 18 anos de idade] atendeu, falei com ela que tava saindo no dia e que chegava no outro dia, aí que ficaram sabendo na hora”.*

O reencontro com a família foi descrito por Mário como “normal”. Aconteceu na casa da mãe dele, onde a família, esposa, filhos e netos se reuniram para uma comemoração simples, com mais algumas pessoas da família e refrigerantes.

Sobre os primeiros dias vividos em casa no Brasil, Mário descreve seus sentimentos como algo “*muito pequeno*”, pois num curto intervalo de tempo, “*com meia hora*”, já tinha transitado pela cidade inteira. Diante da realidade brasileira, do gasto rápido de dinheiro, dos valores de automóveis e demais custos, Mário cogitou a possibilidade do retorno ao exterior, mas com a condição de que a esposa fosse junto com ele, sendo assim juntar dinheiro ficaria fácil e mais rápido: “*As coisas são muito difíceis, em tudo, você pega uma nota de cem reais e ela vai embora, o custo de vida é muito caro, os carros aqui são muito caros, e lá todo mundo tem carro, e tudo bom, então aqui é tudo ruim, eu vivo aqui nem sei por que, eu voltei, mas eles ligam todos os dias, ontem falaram uma hora aqui comigo, ‘vou mandar arrumar seu passaporte pra voltar’, o mundo daqui é só isso, agora se a minha mulher tivesse nos Estados Unidos, eu não vinha aqui fácil não, você vive uma vida de marajá, você tem tudo de bom, e aqui?*”. Mário vislumbrava que, caso a esposa estivesse ao seu lado no exterior, teria outro estilo de vida, muito melhor, que “teria tudo”. Para ele, supondo que ela trabalhasse e o dinheiro que ganhasse fosse para pagar as despesas, o que ele ganhasse seria para poupar; assim sendo, em sua visão, os dois levariam “vida de rico”. Mas diz que, infelizmente “*ela não vai não, vai nada, ela fala que já teve vontade de ir, mas não tem mais, com esses netos todos aí, como que vai?*”.

4.2.3.2 A vivência do processo emigratório para Maria

Maria estava com 45 anos quando nos encontramos para realizar a entrevista. O processo de entrevista e reconstrução da história de vida pareceram tranquilos para a participante, visto que o parceiro havia voltado há apenas oito meses e os acontecimentos eram recentes na vida do casal e da família.

Maria iniciou a entrevista descrevendo sua relação com o marido. Relatou que o casal não era muito ligado, não havendo muito apego um com o outro: “é cada um pro seu lado, cada um por si e Deus para todos”. Justificou a configuração do relacionamento por seu comportamento que, às vezes, é radical em não manifestar interesse em saber da vida dele, por não querer que ele dê satisfações: “*Não sou muito de querer satisfação, se viajou eu não preocupo em ligar e perguntar se tá tudo bem, eu*

sou assim”. Disse que só se manifesta quando algo a incomoda ou desagrada, e nesse caso o faz com muita franqueza e exige que o marido se posicione: *“Ele fica muito na dele, e tem uma coisa também, não me enche o saco e não me estressa, porque ele sabe que eu tenho minha opinião e minhas decisões, e ele não tem opção, ele tem que respeitar elas, porque eu tenho minha independência”*.

Maria tem uma concepção de casamento em que acredita que, da mesma forma que a mulher deve se posicionar como esposa, o homem deve se posicionar como marido, o que acredita que seu parceiro não faz. Acredita ainda que os homens de hoje não tenham postura de marido, conseqüentemente vê esse ente como superficial e desnecessário na vida da mulher. Argumentou que na atualidade a mulher tem o mercado de trabalho e a vida independente, sendo assim, *“hoje qualquer mulher toca sua vida pra frente com ou sem marido”*.

A ida do marido de Maria para o exterior, segundo ela, não foi recebida como surpresa e nem como algo que afetasse a continuidade de seu cotidiano, mesmo com a proximidade do dia em que seu marido viajaria para o exterior: *“Não teve planos, nem objetivo e na verdade eu não criei muita expectativa. A proximidade da partida dele não alterou nada na minha rotina, trabalhei do mesmo jeito, cuidei das minhas responsabilidades do mesmo jeito, pra mim, se eu tenho que fazer eu tenho que fazer, é minha responsabilidade”*.

Quanto à despedida, a ocasião não aconteceu. Maria relatou que o momento para ela foi normal, pois o marido trabalhava viajando, por escala, ficando alguns dias da semana fora de casa; assim sendo, desencontros eram o comum, pois quando ele estava em casa era ela quem estava fora trabalhando. Isso fez com que a ausência dele não chegasse a ser sentida no decorrer dos dias: *“Quando ele foi ficou normal porque eu não era acostumada com ele dentro de casa, ele vinha em casa muito pouco, ficava quatro dias fora, chegava de manhã, passava em casa e no outro dia saía a tarde, pode ser feriado ou dia santo tem que trabalhar. (...) A gente não tinha muito contato, chegava do serviço e eu tava dormindo e dormindo ele me deixava.”*

Para a esposa, foi como se o marido fosse fazer mais uma de suas viagens a trabalho. Ao chegar a proximidade da partida, Maria teve o cuidado de preparar a bolsa que o marido iria levar na viagem e a deixou preparada: *“Não teve despedida, ocorreu tudo normalmente, pra mim foi tudo normal... Quando ele foi embora, ele não colocou uma peça de roupa na mala, eu entreguei a mala pra ele pronta... Mas quando ele viajou, ele não preocupou em colocar uma meia na mala”*. Sendo assim, os dias que

seguiram sem o parceiro na casa também não foram impactantes na rotina da esposa e das filhas.

A viagem do marido para o exterior até foi vantajosa, segundo sua opinião, pois ela pode estudar, terminar o ensino médio e dar continuidade a seus aprimoramentos no trabalho com vendas, fazendo cursos específicos. Em momento algum, sentiu medo de o casamento acabar e nem de que ele arrumasse outra mulher no exterior. O pensamento era *“se acontecer, aconteceu”*. Esse pensamento, dentre outras atitudes, como não se falarem constantemente, levou Maria a se questionar se houve a manutenção do casamento a distância: *“A gente passava até meses sem se falar, eu não sei exatamente, mas eu acho que ficamos uns seis meses sem se falar, não tenho noção de tempo não, porque não costumo guardar tempo, mas às vezes ele ligava e eu não tava em casa, nunca criei expectativa e nem interesse em falar com ele na internet, nem de pegar o telefone pra falar com ele, tentar localizar ele e conversar com ele, saber como ele está”*.

As notícias de como seu marido estava em relação a saúde, trabalho, dentre outras questões, chegavam a ela através de outras pessoas, como parentes e as filhas, o que era mais constante que o contato direto entre eles por telefone: *“Tipo assim, eu não tinha curiosidade de saber, talvez a palavra certa é essa, às vezes ele ligava e as meninas atendiam e falavam que o pai ligou e eu dizia: ‘Tudo bem.’ ”*

Após sete anos de relacionamento a distância, Mário decidiu então voltar para o Brasil. Assim como a ida, o retorno não provocou expectativas em Maria: *“Quando ele falou que ia voltar, eu não criei nenhuma expectativa, o reencontro foi normal, não teve nada de diferente”*.

Quanto à presença constante do marido em casa após o retorno, Maria sentiu um pouco de estranhamento em vê-lo com mais frequência do que antes: *“Eu não sei ainda se é porque ele ainda não arrumou trabalho, então assim, até que às vezes ele fica muito em casa, até que não parece, mas ele fica muito em casa, gosta de televisão (...).”* Essa situação provocava-lhe stress, não pela presença dele, mas pelo fato de que às vezes ela se esquecia de sua presença. Não o culpava e pensava que talvez fosse uma falha dela: *“Então assim, na verdade eu não sei, não aprendi a tirar tempo pro meu marido, às vezes é um erro meu, mas eu não sou uma mulher que faz isso”*.

A percepção de que a emigração interferiu no comportamento do marido é evidente, principalmente no que se refere à dependência: *“Ele é muito dependente, não é aquela pessoa que, assim, toma decisão sozinha, a favor dele, decisão dele, pessoal e*

de interesse dele; às vezes uma ligação que ele poderia fazer, resolver aquela situação, pede pra eu ligar, eu digo pra ele ligar mostro o telefone, e ele me pede pra ligar.”

Maria percebeu também uma mudança em si própria, uma vez que viu a experiência da distância do parceiro como boa, tornando-a uma mulher com uma visão diferente da vida, pois viveu muitos momentos difíceis, que a fizeram amadurecer e adquirir mais independência. Julgou a independência como positiva, mas apresentou alguns aspectos negativos, como a dificuldade em mudar alguns dos aspectos em sua personalidade, já “solidificados” devido ao tempo transcorrido: *“Então oito anos nessa total independência, oito anos não são oito dias e nem 365 dias, então eu adquiri um hábito e mudar fica difícil, não tenho mais 15 anos, eu já estou na fase da mulher difícil, a mulher complicada...”*

Enfim, Maria declarou ver o processo emigratório não como algo negativo, mas também não positivo, ou que tenha afetado o seu casamento de alguma forma. A emigração foi para Maria, assim como todas as outras coisas que acontecem na vida de um ser humano, algo que aconteceu como consequência da escolha de alguém. Disse acreditar ainda na possibilidade de mudança de sua personalidade e de sua atitude em relação ao marido, mas que *“nessa altura do campeonato seja difícil”*.

4.2.4 O casamento de Daniel e Daniela

Daniel e Daniela estavam casados há vinte anos. Eles residiam na cidade de Governador Valadares. Daniel possuía o ensino fundamental e Daniela o ensino médio completo. O casal pertencia na ocasião da entrevista à classe média alta (classe B), com uma média salarial de 9 salários mínimos, que advinha da empresa que possuíam.

À época da entrevista, os dois tinham duas filhas, uma de 18 anos de idade e outra de 10 anos de idade, que residiam com eles. Até o momento da emigração, Daniel trabalhava como mecânico em uma empresa de ar condicionado. Daniela era dona de casa e cuidava das filhas e do lar. Após a emigração do marido, passou a trabalhar como vendedora na empresa.

Para ambos, o casamento só permanece sólido a partir do momento em que há uma reflexão por parte do casal sobre os problemas que a relação conjugal enfrenta no decorrer dos anos. O casal participava de um grupo de casais na igreja católica; os dois acreditavam que este grupo era a base de sustentação de seu casamento. Para Daniela, a participação do casal na igreja foi primordial para que eles pudessem passar por

diversas dificuldades e superá-las enquanto casal e família.

Para ela, é primordial que o casal concorde com o que deve ser feito, não só como ocorreu na ocasião da emigração, mas em todos os momentos pelos quais tiveram que decidir por algo. Daniel priorizava o diálogo e a sinceridade entre o casal, pois para ele o casal devia compartilhar o que sente e o que pensa, pois só assim o relacionamento conjugal permanece agradável e duradouro. Considerava que ele e a esposa sempre buscaram juntos conquistarem tudo aquilo que almejavam e que desde que se casaram tudo foi compartilhado, desde os problemas até as conquistas financeiras, profissionais e pessoais.

4.2.4.1 A vivência do processo emigratório para Daniel

Daniel tinha quarenta e um anos de idade na ocasião da entrevista. Colher os dados da vivência de Daniel no exterior foi um momento cheio de surpresas em se tratando das estratégias que ele e a esposa adotaram para que a distância não compromettesse a relação conjugal.

Para Daniel, o que facilitou a vivência do processo emigratório foi o companheirismo da esposa Daniela, que foi compreensiva e deu força para o marido em momentos em que se sentiu *“fraco, triste e com saudade de casa”*. Daniel permaneceu no exterior durante dois anos, período esse combinado anteriormente com a mulher. Quando conheceu Daniela, havia começado a trabalhar em uma empresa, onde ficou empregado durante quinze anos. Inicialmente o salário e a condição de trabalho eram satisfatórios, mas com o passar dos anos, com o casamento e com o nascimento de suas duas filhas Daniel passou a buscar melhoria no salário, o que não aconteceu: *“Então com o passar do tempo as coisas foram... Não tava ficando muito legal e tudo... Por isso que veio essa... Essa ideia de ir, pra tentar fazer alguma coisa melhor, né!? Sempre pensando na gente, né!? Nas meninas, né!?”*

Tal desejo de melhoria financeira, somado à fama de que nos Estados Unidos se conseguia acumular uma grande quantia em menos tempo, impulsionou Daniel na busca de melhores condições de vida para a família. Sendo residente em Governador Valadares, as histórias sobre as pessoas que emigravam faziam parte de seu cotidiano: *“Como a nossa região é reconhecida pela fama de muitas pessoas irem pros Estados Unidos, você escuta falar o tempo todo, o assunto de Valadares é comércio, tudo gira em torno dos Estados Unidos. (...) A gente vê pessoas que ia, né!? Conseguia, voltava,*

né!?”.

Mas a cultura sobre a emigração também incluía histórias de casamentos que foram destruídos e isso preocupava um amigo de Daniel que vivia no exterior, fazendo com que ele lhe oferecesse o dinheiro que Daniel queria ir buscar na América. Tal proposta não impediu que Daniel fosse, pois segundo ele, havia o desejo de conseguir dinheiro para abrir o negócio próprio e, caso isso não desse certo, ele não gostaria de estar a devendo ninguém: *“Tive amigo que falou: ‘Não, você vai gastar dez mil dólares pra ir, eu te empresto os dez mil dólares pra você abrir um negócio pra você...’. Falei: ‘Cê tá maluco rapaz, ficar te devendo dez mil dólares??’. ‘Uai, se num der certo, num tem problema...’. ‘E aí, eu vou ficar te devendo dez mil dólares, né!?’.* Ele falou: *‘Não, se não der certo você esquece dos dez’.* Eu falei: *“Não, não consigo viver assim.”*

O casal chegou a conversar duas vezes para então tomarem a decisão de participar do projeto emigratório. Diante da decisão, tentaram emigrar juntos, o casal e a primeira filha, mas o passaporte foi negado duas vezes à família. A possibilidade de emigrar se tornou possível apenas para Daniel, sendo que ele realizaria a travessia pelo México. A ida foi cancelada por motivos familiares, a morte da sogra, que fez com que ele ficasse para dar suporte a esposa. O acontecimento fez com que ele desistisse por um momento, mas o trabalho não o estava satisfazendo financeira e pessoalmente, então, diante da insatisfação, conversou com a esposa, que o incentivou a emigrar.

O tempo inicialmente estipulado para permanecer no exterior foi de quatro anos. Segundo Daniel o primeiro ano seria para trabalhar e pagar a dívida adquirida para a realização da travessia. Os anos seguintes seriam para acumular dinheiro para voltar para o Brasil e abrir o próprio negócio. Inicialmente, a ideia de ficar quatro anos foi aceita, mas posteriormente foi negociada e diminuída para dois anos.

Daniel tinha a possibilidade de sair no dia seguinte após tomar a decisão de emigrar, mas ele precisava se preparar e conhecer todo o percurso pelo qual passaria na travessia do México, acreditando que assim seria mais tranquilo. Foi até São Paulo e recebeu toda a orientação sobre o roteiro pelo qual passaria. Atento, Daniel absorveu toda a informação e se juntou ao grupo que emigraria.

A descrição de Daniel sobre a travessia é surpreendente, cada detalhe foi lembrado por ele como se tivesse acontecido há poucos dias. O fato de dominar com destreza todo o roteiro fez com que muitas vezes Daniel se tornasse o orientador e apaziguador do grupo em ocasiões de estresse e algumas vezes medo. Ele descreveu com humor a dificuldade que teve em conter uma mulher que integrava o grupo, que

estava sempre afoita e ansiosa sem saber como lidar com as situações: *“No táxi, quando o taxista falou que tinha que dar cem dólares de cada um a menina foi tirando aquele pacote de dinheiro perto dos caras...eu falei ‘Tô ferrado’...né!? Falei: ‘Não, não, não, não, não, não...’ Cem dólares de cada um... Não é cinquenta dólares... cinquenta dólares... e mesmo assim ainda demos pra um cara que não era nem pra ter pago, né!? Ai a menina ficou ‘A gente vai pra esse hotel.’ Num é pra esse hotel... Ela tava crente que ia, fez compras em Goiânia, que o cara falou que as malas chegariam tudo certinho, né!? Ai ela, ela, é, é... levou essas malas, tudo, essa confusão toda, achando que ia passar pelos lugares todos que o cara tinha falado”*.

Passaram por hotéis, fazendas e aeroportos, onde Daniel sempre conversava com a mulher, mesmo que por segundos, para explicar o que estava acontecendo e o que viria a acontecer. A cada local que ele passava, sempre pedia para que fosse explicado o passo seguinte, para calcular quanto tempo ficaria sem falar com a esposa no Brasil, para então tranquilizá-la em relação a esse tempo.

Os últimos lugares pelos quais Daniel passou foram os que causaram maior estresse, pelo fato de que o dinheiro havia acabado e existia uma condição para que eles chegassem ao destino final em segurança, que era a de que o homem com quem ele fez o contato inicial pagasse a liberação dele para a última pessoa por quem ele passou: *“Se a gente tava com dinheiro, a gente pagava e saia, pagava e saia, ai o dinheiro acabou, que era por conta do cara pagar entendeu, aí a gente ficava refém até o cara da frente liberar pro último pra ele liberar a gente”*.

Chegando então aos Estados Unidos, Daniel foi recebido pelo cunhado, que já havia conseguido um emprego para ele. Chegou em uma sexta pela manhã e à noite já estava trabalhando em um hotel como faxineiro. Trabalhou a noite durante alguns dias. Foi orientado pelo cunhado a ir em um campo de jogo, onde se reuniam muitas pessoas para procurar e oferecer emprego. Assim Daniel fez, e conseguiu arrumar mais um emprego, em uma oficina mecânica. Os primeiros dias de trabalho começaram a gerar cansaço, pois para Daniel o fuso horário atrapalhava seu sono à noite, refletindo no seu trabalho durante o dia. Por consequência da experiência na empresa onde trabalhou em Governador Valadares durante quinze anos, arrumou um emprego no mesmo ramo e trabalhava para brasileiros.

Inicialmente Daniel dependia do cunhado, com quem também morava, para ir para o trabalho. Algumas vezes ia de carona com colegas de trabalho. Pensou então na possibilidade de comprar um carro e ter mais independência. Diante da ideia, o cunhado

o repreendeu, dizendo que era muito cedo para ele ter um carro e que primeiro ele deveria ter uma carteira de motorista americana, para transitar com tranquilidade.

A correria e o trabalho constante fizeram com que o contato visual entre ele e a mulher e filhas acontecesse apenas três meses depois que ele já estava instalado no exterior. O tempo para o descanso e fazer contato com a família era limitado, pois Daniel trabalhava em dois lugares, durante o dia na empresa e à noite em uma cantina italiana, onde lavava pratos e cozinhava alguns pratos. Somando-se a isso, a mulher no Brasil e ele no exterior ainda não tinham computadores para fazerem contato visual, ocorrendo apenas as ligações telefônicas diárias.

A primeira vez que se viram foi carregada de sentimentos conforme Daniel retrata: *“Teve um silêncio, quando a gente se viu pela primeira vez... A primeira coisa que ela me falou foi pra eu voltar e eu respondi perguntando se ela tava doida... É lá que realmente o filho chora e a mãe não vê”*.

Daniel controlava rigidamente as finanças, recusando convites para o lazer. Todas as vezes em que era chamado para alguma festa ou algum passeio, ele efetuava as contas de quanto seria o gasto, repensava em que aquele dinheiro poderia ser investido e respondia *“Pode ir que eu não vou não”*. Mas a decisão de não aceitar esses convites, para Daniel, ultrapassava a simples economia; o fato de a família não estar junto dele nesses momentos era o que mais pesava na decisão: *“O cara me chamou e falou que ia pagar pra mim, mas eu não quis... Meu sonho era conhecer a Disney, mas sozinho eu não ia não, eu queria a Daniela e as meninas comigo nesse momento”*. Os momentos de descanso e de ligação com a família se davam através da frequência à igreja: *“É, a missa, a gente, eu participava da missa lá, a Daniela participava aqui, a gente pelo computador ia conversando, ou por telefone, falava sobre a missa que era a mesma”*.

Nos momentos de saudade e tristeza, Daniel sempre ia para o fundo da oficina, onde tentava não compartilhar esses sentimentos com os colegas de trabalho. Mas eles sempre apareciam para ajudá-lo a levantar o astral: *“Tinha dia que eu tava bem, tinha dia que tava mal, os meninos me pegavam de baixo astral lá, dentro da oficina, lá atrás lá, trabalhando sozinho, trabalha isolado tinha hora... né? Aí eles falava assim: ‘Não Daniel, é assim mesmo, daqui a pouco vai melhorando e tal e tal né!’ Muitas vezes eles me pegavam chorando, e sozinho pros cantos afora”*. A saudade e a tristeza eram amenizadas pelas conversas ao telefone. Muitas vezes Daniel ligava para a mulher durante o trabalho, utilizando de um fone de ouvido. Daniel acreditava que a conversa que aconteceu diariamente fez com que a relação, mesmo à distância, permanecesse

estreita e preservada.

A decisão do retorno foi algo que gerou muita reflexão, pois para Daniel a decisão da volta era muito mais intensa e difícil do que a de emigrar, pois o pensamento sempre se voltava para a possibilidade de conseguir mais dinheiro. E as condições em que ele foi, pelo México, também tinham peso significativo, pois voltar para o Brasil e emigrar novamente passando por todas as situações que a travessia apresentava não era uma ideia agradável. Mas a lembrança do que aconteceu com um amigo foi definitiva na decisão do retorno: *“Tipo assim, no meio do que eu fui daqui pra lá, eu tinha um amigo que ia ficar uma semana a mais, pra ele tava com tudo montado, oficina montada, faltava compra um elevador, com uma semana de serviço ele comprava... Sofreu acidente, perdeu a perna, um cara morreu, entendeu, então você vê que num é, você tem que... Aprendi a ver que dinheiro não é tudo na vida!”* Somada a essa experiência, Daniel também viu o casamento de vários amigos acabar por causa do adiamento do retorno.

Decidiu então comprar a passagem e anunciar ao seu chefe a decisão. O chefe não acreditou que a decisão pelo retorno fosse tão rápida, e fez a Daniel a proposta de trazer toda a família para o exterior, providenciar a compra de um carro e de melhoria no salário. Mas Daniel estava convicto de sua decisão de voltar para o Brasil, para a mulher e a família. Surpreendentemente, após seu retorno, que aconteceu em um mês de novembro, no mês de janeiro seguinte, a oficina onde trabalhava pegou fogo e foi totalmente destruída, sendo que a empresa não tinha seguro e ficou em prejuízo.

O retorno para o Brasil foi marcado pelo encontro com a esposa no aeroporto de Belo Horizonte, onde Daniel desembarcou e onde também os dois passaram a noite e *“conversaram bastante”*. As filhas não estavam com a mãe, Daniel foi encontrá-las posteriormente, em Governador Valadares. Daniel achou ótimo o reencontro com a mulher. Descreve esse momento como uma segunda lua de mel e conta que viajou com a esposa para um hotel fazenda, para ficarem juntos durante alguns dias.

Daniel disse acreditar que sua estada no exterior fez com que ele tenha se aprimorado muito em relação a atitudes com pontualidade e inclusive humildade: *“A gente vê muita coisa, gente sofrendo, passando fome pra mandar dinheiro pra família aqui no Brasil... A força que minha mulher me deu foi muito importante pra eu conseguir passar por esses momentos, sem ela eu não conseguiria, isso me fez ver o quanto ela é forte”*.

Daniel avaliou sua ida para o exterior como muito positiva, pois propiciou a ele

a oportunidade de abrir o próprio negócio, que gerava significativos ganhos financeiros. Por parte do casal, havia o reconhecimento de que estarem ao lado um do outro usufruindo desses ganhos foi fruto dos dois anos de trabalho, das renúncias e de uma vivência que fez com que todos da família se sentissem mais unidos do que antes da experiência emigratória.

4.2.4.2 A vivência do processo emigratório para Daniela

Daniela tinha 43 anos de idade na ocasião da entrevista e estava casada há 20 anos. Sua narrativa foi marcada pelo relato das estratégias de manutenção do casamento que foram, segundo ela, primordiais para a continuidade da vida conjugal e familiar. O parceiro residiu no exterior durante dois anos, tendo retornado há seis anos, permanece no Brasil na condição atual de empresário em uma empresa de aparelhos de ar condicionado. A possibilidade de ter um negócio próprio, foi advinda do dinheiro conseguido através de trabalho no exterior.

O desejo de emigrar surgiu devido à situação que seu marido enfrentava na empresa onde trabalhava, que não o estava satisfazendo financeiramente devido ao baixo salário. Mas o projeto teve que ser adiado uma série de vezes, devido a acontecimentos na família do marido, o que atrapalhou sua ida para o exterior. Porém esses impasses não o impediram de emigrar, mesmo que tardiamente: *“Aí ele esperou [mas] tava insatisfeito no serviço, então ele veio e falou que a hora era agora, então assim era o sonho dele, já tinha, coitado, já tinha dado tudo errado pra ele ir, ele ficou a primeira vez porque teve problema de saúde na família, mas depois deu certo pra ele tá indo.”*

Diante da possibilidade de emigração do marido, a atitude de Daniela foi de apoiá-lo, pois pensava que era melhor apoiar e correr o risco de dar certo ou não, do que não apoiar e o marido não ir, o que futuramente poderia gerar uma frustração. Mas para que a emigração de fato acontecesse, Daniela e Daniel decidiram anteriormente diversas questões, quanto à organização familiar, ao aspecto financeiro, dentre outras: *“Quando ele foi, até isso a gente combinou, eu não criava, não fazia despesas pra extrapolar, a única coisa que ele falava que era pra eu não deixar de pagar [era] o plano de saúde, porque o plano é importante. Então assim, não fazia aquelas coisas assim de fazer conta, pra ficar pedindo pra mandar dinheiro a mais”*.

Daniela descreveu a vida com o marido antes da partida como muito boa,

argumentando que sempre viveram bem. Acreditava que a vivência do casamento dentro da igreja permitiu que os dois conseguissem enfrentar a situação da emigração com maior facilidade.

Quando ocorreu a emigração, não foi por vontade de Daniela, mas ela pensava que tinha que apoiar o marido. Disse que se sentia aliviada por ter dado tudo certo para ele. Quando ele foi, houve um planejamento do casal, de modo que ficou combinado que o parceiro iria e Daniela ficaria um tempo no Brasil, inicialmente sem contar com o dinheiro que ele viesse a receber nos primeiros meses de trabalho: *Então eu já fiquei, a gente, tipo assim, o que tínhamos nós vendemos, tipo moto, esse dinheiro já era pra eu viver sem eu preocupar com despesa aqui, tipo assim, esse tempo que ele ficou pagando a dívida [referente à travessia], eu fiquei sem precisar de nada dele de lá, então ele pagou e depois a gente começou*". Daniela não trabalhou enquanto seu marido esteve no exterior, sempre se dedicando à família e à administração das remessas de dinheiro que Daniel mandava do exterior.

A ida de Daniel através do México fez com que ele adquirisse uma dívida inicial, trazendo-lhe a necessidade de administrar bem controladamente o dinheiro que recebia com seu trabalho. A travessia foi descrita por Daniela como algo que a surpreendeu, pois o marido conseguia entrar em contato com ela todos os dias, enfatizando esse acontecimento como algo inusitado, pois as pessoas que emigram para os Estados Unidos passando pelo México geralmente não têm condições de entrar em contato com a família durante dias. Assim, ela pode acompanhar o marido em todos os acontecimentos: *"Ele foi pelo México, ele fala que... todo mundo fala que é muito difícil passar pelo México, todos aqueles perigos. Eu tive notícia todos os dias, ele conseguiu, eu falo que nosso caso é tão engraçado, que eu nunca vi uma pessoa que passa pelo México conseguir dar notícia todos os dias. Ele falava que precisava ligar, aí ligava e falava onde estava, era coisa rápida, mas ele conseguia todos os dias. (...) Uma amiga nossa, eu lembro direitinho, ela ficava agoniada, ela não tinha notícia e ele [o marido dela] ficou sumido, passou, atravessou. Pra você ter uma ideia, meu marido ligava e avisava o que ele [o marido da amiga] estava fazendo"*.

Os desafios enfrentados por Daniela em sua permanência no Brasil ultrapassaram as preocupações com o parceiro e com a manutenção de seu casamento. Daniela relatou que constantemente as pessoas vinham até ela questionar sobre o porquê de ela ter permitido que seu marido emigrasse: *"Tem gente que não acredita não, e tinha gente que falava que eu era doída de ter deixado ele ir, mas eu tinha que*

confiar”. Ao dizer isso, Daniela reforçou o apoio ao marido, em resposta aos questionamentos sobre a ida do parceiro e sobre sua conduta aqui no Brasil enquanto estiveram distantes: “(...) *e ele vai te falar, ele ficou lá dois anos e ele fala que não fez nada, eu não fiz nada de errado, ele fala mesmo, dois anos que ele ficou lá, então valeu o apoio que eu dei pra ele de ir tentar pra melhorar as coisas e conseguir montar o negócio*”.

Não só a conduta do casal foi essencial para que o marido permanecesse presente na vida da esposa e da família, mas também a comunicação diária, fosse por telefone, fosse pela internet, possibilitando de certa maneira a presença do pai enquanto autoridade no cotidiano das duas filhas, na ocasião com dois e doze anos respectivamente. Daniela relatou que a presença de Daniel era constante; todos os dias o marido fazia questão de entrar em contato com a família e saber como as filhas estavam se comportando em casa e na escola. Disse ainda que acreditava que essa comunicação permitiu a permanência de Daniel no exterior para que atingisse seu objetivo, pois assim “(...) *ele aguentava pra matar a saudade. Meu marido sabia tudo que acontecia aqui, sabe aquela pessoa que tá lá, mas o corpo tá aqui, tudo da escola ele sabia e ele queria as informações, perguntava, eu conversava com ele quando acontecia algo com as meninas, ele pedia pra chamar elas e chamava a atenção, corrigia, tudo pela internet...*”

Houve momentos de dificuldade para o casal, quando o marido, abalado emocionalmente, desejou retornar antes do prazo combinado de dois anos. Nesses momentos, Daniela se via em um impasse, pois ao mesmo tempo em que desejava que o marido retornasse, tinha que apoiá-lo e incentivá-lo: “*Então assim, quando ele ficava ruim lá, eu dava força pra ele, falava pra ele ficar mais um pouquinho, era assim, e às vezes quando eu tava mal, as coisas foram muito complicadas.*”

O rendimento do trabalho de Daniel era única e exclusivamente voltado para a família que permaneceu no Brasil. Daniela confirmou a privação do marido muitas vezes, ao recusar momentos de lazer: “*Lá eles o chamavam pra sair, ele pensava no dinheiro que ia gastar e era pra ser usado pra outra coisa. Chamavam pra ir pra Disney e ele fazia as contas, estava sempre pensando na família*”. Todo o dinheiro recebido com eventuais trabalhos extras era enviado para a esposa, e Daniel orientava sobre qual seria o destino do mesmo, quase sempre voltado para o bem estar das filhas e da esposa. Aproveitando a ocasião, Daniela resolveu fazer investimentos para, de certa forma, contribuir para o ganho da família: “*Quando ele fazia serviço extra lá, ele falava*

que ia trabalhar e o dinheiro que ganhasse era pra comprar isso pras meninas, aí ele falava 'Esse dinheiro é das meninas', Uma vez ele falou assim 'Eu vou fazer um extra aqui e vou te dar'. Aí eu falei assim, por exemplo, 'Entre no consorcio de uma moto, o dinheiro era pra isso', e quando ele chegou aqui já tirou a moto”.

Para Daniela, a ajuda mútua entre ambos foi extremamente importante para a conquista do objetivo inicial. Conta a história de sua irmã, cujo marido também emigrou para o exterior, mas cujo desfecho foi diferente, pois a irmã “*não ajudou ele a conseguir o dinheiro para voltar para o Brasil*”. Para Daniela, o erro maior da irmã foi não economizar e gastar cada vez mais ao se deparar com os gastos do marido com a família. Essa situação foi exposta por Daniela como algo lamentável, mas infelizmente comum a muitos casais que passam pela experiência da emigração: “*Ele tá lá e hoje você vê que lá não tá fácil, ele também não mora mais na casa que ele tinha, e então eu olho assim, a gente fica triste, não queria nunca ver minha irmã assim. Se for olhar pelo tempo que ele tá lá, era pra eles tá muito bem aqui e ele poderia ter vindo embora, mas ele tá numa situação que ele não pode nem vir embora, porque ele não tem nada aqui, não tem casa e já tá numa idade avançada. Por isso que eu falo, tem casos e casos, deu certo pra gente, mas pode não dar certo pra outro, é um risco. É muito difícil encontrar casos que deram certo*”.

Uma vez que Daniela e Daniel atingiram o objetivo sem “*maiores dificuldades*”, diferentemente de muitos casais, o retorno do marido para o Brasil foi para Daniela o melhor acontecimento em dois anos: “*(...) depois de dois anos foi muito bom, nossa foi a melhor coisa, quando ele falou que vinha embora, eu já fui pra Belo Horizonte esperar, nossa foi muito bom. Ele falou que vinha embora e com um mês ele veio embora, já estava mais ou menos falando que até o final do ano vinha embora, e aí quando ele comprou ele pediu pra não falar com ninguém... Quando ele avisou, eu falei que ia em Belo Horizonte esperar ele, eu até queria ir com todo mundo, mas deixei as meninas aqui, mas foi ótimo*”.

O reencontro, embora tivesse acontecido há seis anos, foi lembrado como algo muito bom. embora o vôo tenha atrasado: “*Foi bom demais*”.

Na percepção de Daniela, o marido não teve dificuldade alguma em se readaptar ao Brasil, em termos de clima, desempenho profissional e grupos sociais. Ressalta que a facilidade de readaptação se deveu ao contato com a igreja, uma vez que ela manteve contato com o grupo da “*Pastoral Familiar*”, ao qual o marido também pertencia antes de emigrar para o exterior.

Em relação às mudanças percebidas no parceiro, Daniela relatou que os dois passaram por momentos que propiciaram muito amadurecimento. Disse que percebeu mudanças em si mesma, mas que o marido mudou mais e para melhor: *“Eu fiquei e mudei, mas quem vai muda mais ainda, muda muito, e eu falo que até melhor do que quem ficou. Não é que era ruim, mas volta dando valor a muitas coisas...”*. O jeito de ser de Daniel, jeito de lidar com situações, sua visão de mundo e seu relacionamento com a família permaneceram da mesma forma. A mudança mais visível, segundo ela, foi a vontade de retornar aos Estados Unidos mas para passear com a família, pois Daniel gostou muito de lá e sentia que seria um bom lugar para viver, devido às condições que o país oferece.

Embora para eles a emigração tenha acontecido de maneira positiva, Daniela não aconselha a nenhum casal viver tal experiência. Acredita que seja muito arriscado, pois quem vai vive uma vida diferente e distante e mesmo que a mulher que permanece no Brasil colabore, o risco é constante, porque *“aparece muitas coisas lá”*, referindo-se a relacionamentos extraconjugais. Relatou que muitos amigos do marido tiveram relacionamentos com outras mulheres e que no Brasil, muitas mulheres também se relacionaram com outros homens.

Daniela finaliza a entrevista relatando que a emigração e os impactos que ela tem sobre as famílias e relacionamentos não são fáceis de vivenciar, e que quem passa por isso tem que ter muita estrutura, tanto quem vai como quem fica. O principal medo de Daniela foi o de perder o marido para outra mulher: *“(...) não é fácil você falar assim, ‘vai embora’, a gente corre o risco (...) porque se ele não quisesse voltar mais, conheceu alguém, eu não sei, eu estava sujeita a isso (...)”*. Essa estrutura é vista por ela como primordial para que dê certo, pois é ela quem vai *“tranquilizar e afastar o medo de perder para longe”*.

Entende que para ela, o marido e sua família a experiência deu certo, mas o risco existiu e poderia ter sido diferente, assim como foi para muitos outros casais: *“Poucos que foram embora deram certo, nossa, você não vê um povo que vai pra lá e vive a família aqui, eles esquecem da família”*.

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para facilitar o entendimento sobre a qual casal nos referimos ao relacionarmos as narrativas com as teorias na discussão, segue o Quadro 2, com uma numeração dos casais:

Casal 01	Antônio e Antônia
Casal 02	Sandro e Sandra
Casal 03	Mário e Maria
Casal 04	Daniel e Daniela

Quadro 2: Identificação dos casais

Fonte: Elaborado pela autora

O conhecimento acerca da emigração é complexo, pois engloba uma série de fatores com determinações múltiplas, heterogêneas e histórico-sociais. Salim (1995) ressalta que diante dessa multiplicidade de relações e contextos sociais e processos de mudança, a emigração internacional assume aspectos próprios, diferentes e com consequências distintas para as pessoas, famílias e grupos que a compõem e a caracterizam. Sendo assim, embora a emigração internacional seja estudada em sua profundidade, cada sujeito que a vivencia se depara com situações particulares que não são globais, embora tenham elementos compartilhados.

Partindo desses elementos, a discussão se guiará a partir dos conteúdos apontados nas estruturas narrativas de cada casal, apresentadas na sessão de resultados. Neste capítulo apresentaremos os aspectos considerados relevantes para o entendimento da dinâmica conjugal diante da experiência emigratória. Os assuntos serão apresentados e discutidos seguindo uma referência baseada na sequência cronológica dos fatos, para propiciar melhor entendimento e visualização do significado e interpretação das narrativas apresentadas anteriormente, de maneira que as trajetórias de cada casal componham uma rede de significados sobre o processo compartilhado pelo grupo de sujeitos. Para tanto, salientaremos os aspectos gerais e comuns ao grupo, revelando suas diferenças e semelhanças conforme os aspectos vivenciados.

5.1 Os pontos de encontro entre os casais: entrelaçando as experiências

O grupo de entrevistados é formado por casais que possuem idades que variam entre 43 e 61 anos, nascidos e residentes na região de Governador Valadares e São João

Evangelista, municípios do estado de Minas Gerais, onde predomina a cultura emigratória para países como os Estados Unidos da América e Portugal desde a década de 1980.

Embora as idades dos sujeitos que compõem os casais estejam acima dos 40 anos, esse critério não foi delimitado anteriormente, mas trata-se de uma característica que foi observada no campo durante o processo de levantamento dos casais que permaneciam casados após o retorno do emigrado. Durante a coleta de dados observou-se que diversos relacionamentos conjugais se romperam em função da inserção do marido no processo emigratório, de maneira que vários casais se separam antes ou após o seu retorno. A intenção aqui é discutir e avaliar quais as características presentes na dinâmica conjugal prevaleceram, e de que forma, para que os casamentos tenham se mantido diante da ausência do parceiro. Observamos as características comuns aos casais, com destaque para os fatores motivacionais da decisão da partida do homem para o exterior, além dos elementos constitutivos das relações construídas a partir da experiência emigratória.

A utilização do diário de campo foi pertinente como instrumento necessário em nosso trabalho, uma vez que as caracterizações que permeiam a emigração se efetivam em estruturas materiais como casas, carros e objetos importados. A nossa preocupação em acrescentar informações específicas que caracterizam o processo emigratório se justifica pelo desejo de acrescentar elementos que complementam as falas dos sujeitos, sendo esses elementos encontrados nos espaços, nos objetos e nos acontecimentos que emergem nas entrevistas e nas pesquisas de Falkembac (s/d) citada por Lima, Miotto & Dal Prá (2007).

A observação dos espaços e dos objetos presentes nas casas onde foram realizadas as entrevistas confirma a presença de características peculiares da participação no processo emigratório. Em relação à arquitetura, as casas construídas em Governador Valadares e diversas outras cidades próximas a esta microrregião com o dinheiro adquirido no exterior se destacam das demais em suas cores e formas, exibindo características peculiares. A primeira delas está relacionada ao tamanho, que geralmente é significativamente maior que o das demais casas que compõem o bairro onde foram construídas. Também se destacam por grandes janelas e varandas e pelos telhados coloridos e muito inclinados (telhados característicos de casas americanas, para que a neve não se acumule). Tais características podem ser relacionadas ao que Machado (2010) identifica como o principal motivador para a ida de valadarenses e demais

moradores da região para o exterior. O autor define que muito além de se tornar emigrante para conseguir dinheiro, o objetivo principal do projeto de emigração para moradores dessa região é a construção da casa, objetivo esse compartilhado por um grande contingente de famílias que participam do processo emigratório. O autor aponta que a casa, muito além de uma estrutura material, é antes de tudo um lugar de centralidade das relações de um casal e de uma família (Machado, 2010). Dados de Siqueira (2008) confirmam esse objetivo, apontando que 73% dos emigrantes que ela entrevistou tinham como principal meta juntar dinheiro para construir uma casa para a família.

A necessidade de se ter uma casa própria realiza o sonho de muitas famílias de se apresentarem socialmente como estruturadas, donas de um lugar com características próprias, construído por elas, e que não mais vivem com os pais ou na condição do aluguel. São dois os significados de casa que Machado (2008) propõe ao identificar tal necessidade. O primeiro é o da casa enquanto habitação, voltado essencialmente para a estrutura material. O segundo significado remete à condição de, muito além de constituir uma família, poder sustentá-la e mantê-la de acordo com o que é visto como o básico para sua sobrevivência e autonomia, em se tratando de morada e condutas morais. A partir dessa observação é possível identificar que há uma necessidade de afirmação para a sociedade de que o projeto emigratório foi concluído de maneira efetiva. Para que tal sucesso seja identificado, acreditamos que ele deva então ser confirmado a partir dessas características peculiares existentes nas casas construídas.

Os aparelhos eletroeletrônicos e objetos pessoais, tais como roupas, relógios, perfumes e celulares adquiridos no exterior, também caracterizam fortemente o projeto emigratório. Tal observação foi possível muito antes de as entrevistas serem realizadas, uma vez que já havia ocorrido a oportunidade de estar em outras casas de pessoas que participaram desse processo, bem como ter contato com elas e perceber tais características materiais. A esse respeito, Carrijo (2011) faz uma análise sobre o uso desses bens, não só como afirmação de uma condição financeira melhor, mas também como forma de se demonstrar que se vive um estilo de vida não comum no Brasil, mas sim no exterior.

Seus bolsos, relógios, joias, óculos, roupas e calçados testemunham não apenas um refinamento dos gostos, mas, sobretudo, traduzem um modo de vida cosmopolita que possibilita estratégias de acúmulo de recursos materiais e imateriais, incluindo-se prestígio e poder. (Carrijo, 2011, p. 303).

É importante ressaltar a necessidade de ostentação de tais bens, como forma de se afirmar um poder de consumo que não seria possível caso a pessoa continuasse residindo no Brasil. Tal ostentação estimula também o desejo de emigrar nas outras pessoas que convivem com o emigrante retornado e compartilham da experiência de uma emigração bem-sucedida.

Uma questão muito destacada pelos cônjuges entrevistados foi a motivação que os levou à decisão a favor da emigração. Essas pessoas associavam à emigração a certeza de conseguirem acumular muito dinheiro em pouco tempo, o que possibilitaria a aquisição de bens ainda distantes, por exemplo, uma casa a altura de suas aspirações, a abertura de um negócio próprio, dentre outras conquistas pessoais que garantiriam a estabilidade financeira pessoal e da família. Três dos quatro homens entrevistados foram para os Estados Unidos da América, dois deles passando pela travessia do México, com ajuda dos chamados “coiotes”, o outro através do passaporte de turista, permanecendo no país ilegalmente. O quarto emigrante viajou para Portugal, também na condição de turista, passando à estadia ilegal depois do vencimento do tempo determinado em seu passaporte.

A fim de compreender as vivências dos casais no que se refere à experiência emigratória de um dos cônjuges, é preciso que se tenha conhecimento de como esses casais concebiam e viviam seus relacionamentos conjugais antes dessa experiência. O conjunto de saberes que um casal tem sobre o próprio casamento se dá a partir das representações compartilhadas do que é o casamento em nossa sociedade e de quais são as atribuições de responsabilidade e comprometimento familiar e conjugal de cada um dos cônjuges.

Os casais participantes compartilhavam um perfil semelhante no que se refere à condição da mulher enquanto trabalhadora e auxiliar do controle financeiro das despesas familiares. Todas elas exerciam alguma profissão remunerada antes da emigração do marido. Três possuíam o ensino médio completo e uma, um curso superior, indicando melhores condições de qualificação para o mercado de trabalho. Apenas uma delas parou de trabalhar quando o marido emigrou, com o intuito de se dedicar integralmente aos cuidados com as filhas, à administração cotidiana da casa e à administração/aplicação dos recursos financeiros enviados pelo marido, conforme as orientações desse. Já em relação aos homens, dois dos entrevistados possuíam ensino fundamental e outros dois, ensino médio. O que podemos perceber é que as esposas possuíam nível de escolarização igual ou superior ao de seus maridos. Em relação à

classe social, três dos casais se declararam como pertencendo à classe baixa, com renda familiar variando entre 2 a 3,6 salários mínimos na época da entrevista. O quarto casal tinha renda de 9 salários mínimos, que na indicação de classe do IBGE corresponde à classe B, possuíam negócio próprio e se reconheciam com pertencendo à classe média.

No que tange à relação entre gênero e escolarização, em suas análises baseadas nos dados de censos demográficos dos séculos XX e XXI, Ferraro (2010) aponta que o aumento da escolarização feminina tem se dado progressivamente em todas as faixas etárias ao longo do tempo. O autor aponta que esse crescimento não está só atrelado ao aumento de políticas públicas que favoreceram o acesso à escola e à escolarização, mas a uma inversão entre esse acesso pelo sexo masculino e feminino, em que as mulheres foram beneficiadas, tanto em relação ao analfabetismo quanto aos anos de curso. Não há dúvidas de que esse movimento ocorreu devido às mudanças ao longo dos séculos XX e XXI em relação aos lugares sociais de gênero.

Se a relação entre mulher e escola mudou, essa mudança certamente tem a ver não com sexo (com os aspectos biológicos que distinguem homens e mulheres), mas com gênero (com as mudanças nas concepções e valores a respeito da mulher e de seu lugar e papel na sociedade, assim como nas relações sociais entre homens e mulheres) (Ferraro, 2010, p.509).

Por outro lado, o mesmo autor chama a atenção para o fato de que o aumento estatístico não pode ser tomado como elemento que demonstra a conquista da igualdade ou da superação das desigualdades sociais entre os gêneros.

Seria no mínimo precipitado tomar a vantagem estatística das mulheres em relação aos homens quanto à educação escolar como prova de superação e até de inversão de sinal na desigualdade social que, historicamente, tem marcado em desfavor das mulheres as relações de gênero. Sucessivos debates com estudantes sobre esse ponto têm sugerido que às mulheres são exigidos níveis de escolarização relativamente mais elevados do que aos homens para o mesmo posto de trabalho, especialmente se a competição envolve também a mesma remuneração.” (Ferraro, 2010, p. 521).

Cabe destacar aqui que a possibilidade de aquisição de melhores níveis de escolarização/profissionalização vislumbrada pelas esposas de emigrantes foi um aspecto amplamente valorizado por elas. Maria (casal 03) terminou o ensino médio e um curso técnico em vendas e Antônia (casal 01) concluiu o ensino superior, conquistas que as inseriram no mercado profissional e no exercício de uma carreira.

Tais elementos têm uma importante relação com o que Carson (1995) aponta como um dos eixos no qual a identidade feminina está apoiada na contemporaneidade: o trabalho feminino. Esse eixo não se refere, necessariamente, ao trabalho da mulher

enquanto exercício de uma profissão formal, mas ao trabalho da mulher que é esforçada, que é dedicada, que está sempre ajudando o marido nas despesas familiares. Socialmente, é comum se referir a essa mulher como “trabalhadeira” (Nascimento, Gianordoli-Nascimento & Trindade, 2008), e não como trabalhadora. Esta expressão possui ancoragem no tipo de trabalho valorizado da mulher, o trabalho no lar, no cuidar dos filhos, do marido e da casa, características valorizadas na representação de uma mulher ideal. Em comparação ao homem trabalhador, a mulher “trabalhadeira” possui um status social diminuído. Portanto, o ser trabalhador possui um status social valorizado quando tal característica é atribuída ao homem no espaço público, assegurando-lhe o lugar de provedor principal da família. Considerando tais aspectos, independentemente de a mulher exercer uma atividade de trabalho remunerado fora do lar, ela sempre vai ser referenciada como “trabalhadeira”, inclusive por fazer a conjugação de atividades nos espaços doméstico e público. E sendo um eixo de sua identidade, a mulher vai ser impelida a exercer esse trabalho doméstico em sua casa ou em outros locais, sendo ele remunerado ou não. Cabe destacar que na contemporaneidade a articulação dessas referências é oportuna, de forma que a mulher precisa tanto ser reconhecida quanto se reconhecer como trabalhadora e não como trabalhadeira.

Ao refletirem sobre as características de suas relações conjugais, todos os casais se referiram às mesmas como “boas” ou “tranquilas”, ressaltando o diálogo como fundamental para o entendimento frente às decisões a serem tomadas. Acreditavam que o entendimento entre o casal seja de extrema importância para que a relação perdure de maneira saudável e duradoura. No entanto, vale ressaltar que a durabilidade das relações ora era atribuída à presença contínua de consensos entre o casal para as tomadas de decisões e posicionamentos frente às diferenças individuais, ora era atribuída à capacidade de renúncia que um dos cônjuges pode ter, sendo que geralmente é a mulher quem assume esse lugar de renúncia. Em geral, os homens disseram que o entendimento do casal se dava pelo primeiro motivo, enquanto que as mulheres ressaltaram que, de sua parte, muitas vezes havia a renúncia. Quando se trata da percepção sobre a divisão de tarefas domésticas e a atribuição de papéis baseadas na percepção do que é “ser homem” e “ser mulher” dentro de casa, apenas um casal o fez com a justificativa de que isso era fundamental para o “funcionamento de uma casa”.

Autoras como Féres-Carneiro (2001), Torres (2004) e Vaitsman (1994) apontam que a definição de papéis dentro de um casamento sofreu influência social, histórica e

cultural no decorrer dos anos, modificando-se com a inserção da mulher no mercado de trabalho. Porém, tal fator não impede que ainda existam casais nos quais a mulher, mesmo trabalhando fora, continue a realizar determinadas tarefas domésticas, por serem de atribuição feminina e não masculina.

Sendo assim, muitos casais ainda mantêm a configuração em que a mulher é quem deve realizar determinadas tarefas tidas como tipicamente femininas, tais como cuidar da casa, dos filhos e do marido, manter a organização e a limpeza da casa e o bem-estar dos membros da família. Em se tratando dos casais participantes, as esposas, embora trabalhassem fora de casa, assumiam as tarefas domésticas e os cuidados com o marido, em se tratando de roupas, alimentação, dentre outros cuidados. Nesse sentido, a condição em que Maria se encontrava no seu relacionamento conjugal era, possivelmente, consequência da imagem feminina idealizada e compartilhada pelo casal (Rocha-Coutinho, 1994). A condição de ser homem ou mulher ainda determina as relações de poder, a desigualdade na distribuição do dinheiro e das responsabilidades domésticas, bem como as opções nomeadas por Rocha-Coutinho (1994) como componentes da realização plena do casal.

As opções para a manutenção do laço conjugal do casal têm significado relevante para o nosso estudo, uma vez que todos os casais tiveram como opção de realização a ida do marido para o exterior para trabalhar e obter uma melhoria financeira. Uma vez que o desejo de emigrar foi compartilhado por ambos, homem e mulher passaram a negociar a ida para o exterior. Em todas as situações dos casais entrevistados, o homem foi quem emigrou para o exterior para trabalhar, uma vez que a mulher permaneceu no Brasil cuidando dos filhos e da casa.

Embora tenha havido inúmeros acontecimentos que favorecessem mudanças na definição dos papéis femininos e masculinos, algumas características arraigadas permaneceram, mantendo a posição da mulher dentro da família e do relacionamento conjugal. Em relação à condição feminina, Rocha-Coutinho (1994) se refere à pluralidade de mulheres e não à mulher como um gênero universal. Nesse sentido, o estudo da formação e construção do significado do que é ser mulher permite a compreensão de que a saída do homem de dentro de casa parece ser menos impactante do que a da mulher. Ainda que tenha conquistado o mercado de trabalho e outros espaços antes desconhecidos e modificado as relações de hierarquia e domínio do homem na relação conjugal, a mulher ainda carrega consigo características que fazem com que a figura feminina permaneça em relação direta com algumas atuações e

atividades, tanto no relacionamento conjugal como na família (Rocha-Coutinho, 1994; Trindade, Nascimento & Gianordoli-Nascimento, 2006).

Os casais entrevistados, que vivenciaram a experiência da emigração, chamam a atenção para mais uma condição histórica de definição de papéis e de configurações de relacionamento conjugal. Mais uma vez, o homem assumiu o papel de provedor financeiro, saindo de sua casa em busca da melhoria de condições de vida para si e para sua família. Essa condição masculina reafirma aspectos que se relacionam com a condição hegemônica masculina, em um cenário fortemente ligado ao meio público.

5.2 Novas configurações na rotina

A necessidade de reorganização da rotina do homem e da mulher diante da efetivação da viagem para o exterior, visto que o casal se depara com uma série de mudanças em sua rotina, é evidente. Tanto o homem que emigrou quanto a mulher que permaneceu no país de origem deparam-se com a necessidade de assumirem determinadas tarefas que, anteriormente, só eram realizadas pelo cônjuge (Machado, 2006). Inicialmente é preciso ressaltar que o papel de prover tradicionalmente designado como masculino é característica universal nesta pesquisa, pois todos os homens emigraram com o intuito de proporcionar melhores condições financeiras para a família. Em decorrência de tal decisão, coube às mulheres assumirem em totalidade a educação dos filhos e o cuidado com a casa, tarefa também representada como tradicionalmente feminina. Mesmo diante dessa condição anteriormente citada, que coloca esses casais como atuantes em papéis masculinos e femininos tradicionais, os mesmos se depararam com uma nova configuração familiar, que de certa forma fez com que tivessem que assumir outras responsabilidades. A mulher se deparou com a necessidade de assumir a administração financeira da família, além de ter a responsabilidade total sob os filhos e a casa, tornando-se a única figura de autoridade e respeito. As mulheres participantes desta pesquisa demonstraram em seus relatos que, de alguma forma, tiveram que se tornar as representantes e responsáveis pelo lar e pela família, uma vez que nenhuma delas foi morar em outra casa com a mãe ou outro parente. Seja pela responsabilidade financeira, seja pela autoridade como mãe e na tentativa de suprir o papel do pai junto aos filhos, é perceptível que essas mudanças na atuação dos papéis masculino e feminino tiveram que acontecer para que se efetivasse o projeto emigratório.

Já os homens, uma vez no exterior, passaram a se deparar com a necessidade de

realização de afazeres domésticos, tais como lavar a própria roupa, arrumar o quarto e fazer a própria comida. Essas trocas são tidas como um momento de uma nova organização de lugares que o homem e a mulher assumem durante o processo emigratório, no qual a mulher assume algumas das atividades direcionadas aos papéis masculinos e vice-versa, além de suas atribuições tradicionais (Machado, 2010).

Durante sua estadia no exterior, Mário (casal 03) teve que lavar a própria roupa, fazer comida e dar conta de todos os afazeres domésticos. Relata que sentiu falta da esposa que deixou no Brasil, pois era ela quem assumia todas essas tarefas. A obrigatoriedade da realização das tarefas é clara, pois como disse Mário: “ou você faz a comida, ou você morre de fome”. A condição de vida do homem que emigra para o exterior e deixa a esposa no Brasil é a de assumir as tarefas domésticas ou arcar financeiramente com uma empregada doméstica para realizar tais afazeres, o que comprometeria a efetivação de seu objetivo de acumular determinada quantia em um curto espaço de tempo, e como consequência levaria a sua permanência no exterior por um período mais extenso; por isso, essa opção é em geral descartada.

Diante das narrativas, é possível perceber que as mulheres conseguiram assumir com mais flexibilidade as atividades que foram a elas incumbidas diante da ausência do parceiro. Segundo Assis (2003), às novas configurações do cotidiano feminino diante da experiência da emigração internacional soma-se a centralidade da mulher nas relações do cotidiano, cabendo ainda a ela fazer as interfaces necessárias. Essas interfaces se dariam através da atuação da mulher como mãe e esposa, devendo manter a relação entre seus filhos e a família do pai, bem como com o próprio pai, que está distante e ausente por um grande período. Isso possibilita a permanência do convívio e da presença do pai na vida dos filhos. A presença contínua previne a situação mencionada por Machado (2006), a chamada substituição da figura paterna por outro membro da família, seja ele um avô, tio, primo ou outro parente próximo, o que pode acarretar como consequência, o não reconhecimento do pai por parte dos filhos, quando este retorna ao país.

Assis (2003) chama a atenção para essa nova centralidade da mulher no espaço social, o que acaba por determinar novas formas de “poder”, exercidas, por exemplo, quando essa mulher faz ou não as interfaces do emigrado com seu local de origem. Isso pode acarretar problemas no relacionamento conjugal, por exemplo, quando a mulher se beneficia dessa condição em termos de crescimento pessoal e social, conquistando autonomia e independência do marido, material ou subjetiva.

São as interconexões das redes sociais que a mulher irá fomentar durante o período de viagem que irão possibilitar a manutenção da presença paterna (mesmo que não fisicamente) no cotidiano das relações familiares, garantindo que não haja ruptura na relação entre pai e filhos, e que quando o imigrante retorne, seja recebido pelos filhos novamente como pai e não como um estranho. Daniela (casal 04) relata que por desejo tanto dela como de seu marido, as conversas desse com suas duas filhas eram diárias. Douglas (casal 04) sempre fazia questão de, ao chegar do trabalho, ligar o computador para se comunicar com as filhas e saber como estavam. Diante de algum problema de comportamento que coubesse ao pai corrigir/orientar, era Douglas quem decidia o que seria dado como castigo às filhas e as orientava. Daniela ainda complementou dizendo que às vezes a filha mais nova nem se interessava em conversar e ver o pai, de tão constantes que eram os diálogos entre eles, pelo computador ou pelo telefone. Esse casal manteve a divisão tradicional, na qual o pai continua exercendo o lugar de autoridade sobre os filhos.

Reis e Machado (2010) constataam que em muitos casos as mães tornam-se as únicas referências para os filhos e conseguem, na ausência do marido, conciliar o trabalho, a casa e a família. Segundo os relatos coletados foi constatado que a dificuldade consistia no fato de a mulher ter que articular o papel de mãe, fundado nas relações de afeto e carinho, com o papel de pai, que está voltado para a autoridade e a repressão.

Considerando tais aspectos, identificamos que o modelo tradicional de paternidade e maternidade, atrelados ao “ser homem” e “ser mulher”, continua exercendo uma forte influência, mesmo na ausência do parceiro. Nesse sentido, essas mulheres não adotam a postura de se tornarem as “chefes de família”, ainda que sintam “o peso” desse exercício, já que o homem se encontra apartado e não ausente e que a sua não presença reafirma continuamente seu lugar de chefe de família e pai-provedor, cabendo a essas mulheres a legitimação social desse lugar de paternidade, para que o *status quo* de suas relações sejam mantidas.

O discurso da paternidade como encargo social que legitima o homem com a qualidade de provedor, referencial de pai chefe de família, incorporado ainda na infância, quando os meninos aprendem que cabe a eles tomar decisões sem demonstrar fraquezas. A expressão “É o peso”, referindo-se à responsabilidade, tem o sentido de missão natural da paternidade: o pai se ocupa do sustento material da família e a mãe de seus cuidados, de forma que na relação pai-mãe-filho cotidianamente vivenciada observa-se o mecanismo ideológico de reprodução do conservadorismo do *status quo*. (Freitas et al, 2009, p. 88)

A experiência vivida pelo casal introduz um fator de extrema relevância que interfere nas novas configurações no cotidiano da mulher: a administração dos bens e das remessas de dinheiro enviadas pelo marido (Assis, 2003; Machado, 2006). A mulher assume a administração do dinheiro e passa a representar as decisões de seu marido em relação ao uso do dinheiro, cabendo a ela o controle das finanças e da movimentação das remessas enviadas. Essa situação revela que a mulher representa um ponto de articulação importante entre o emigrante e a economia financeira da cidade de origem. Independentemente do destino do dinheiro é a mulher quem vai controlar o pagamento das contas, acompanhar e administrar a construção da casa, que é o objetivo da maioria das famílias que optam pela emigração, dentre outras decisões que impliquem o uso do dinheiro. Três das quatro participantes vivenciaram a independência financeira do marido no momento em que eles emigraram para o exterior. Importante ressaltar que essas mulheres que se inseriram no mercado formal de trabalho viam a atividade profissional como algo que proporcionava, além da independência financeira, o amparo para que não ficassem em casa sozinhas ou dando espaço para pensamentos e sentimentos voltados para o marido na América.

Tal posição, ao longo do tempo, vai concedendo à mulher certa independência em relação ao seu marido. Essa independência pode ser mais intensa na medida em que a mulher não se dedique apenas aos cuidados da casa, dos filhos e do dinheiro enviado, mas também busque a capacitação e inserção no mercado de trabalho, e assim não dependa totalmente do marido e das remessas de dinheiro enviadas. Vaitsman (1994) e Sayad (1998) alertam para o fato de que a independência feminina pode contribuir para que o elo entre marido e mulher se modifique ou até mesmo seja rompido, pois o marido deixa de assumir o papel de provedor total, ou passa a não ter acesso exclusivo ao orçamento familiar e ao seu destino.

As transformações no cotidiano masculino são mais intensas do que as transformações no universo feminino, uma vez que o homem, ao emigrar, passa a fazer parte de outro ambiente sócio-cultural. Esse ambiente se apresenta como um novo contexto social, que vai fazer com que o emigrante inevitavelmente tenha que se adaptar a novos valores, costumes e hábitos (DeBiaggi, 2004).

As novas configurações na rotina do homem incluem a convivência com outras pessoas que não são de sua família nuclear ou extensa. Mário morou com outros onze homens também emigrantes. Antônio também teve que dividir uma casa com mais de dez homens. Apenas Sandro teve a oportunidade de morar com um filho e a nora em

uma casa organizada, sem maiores dificuldades. Os outros três homens tiveram que se adaptar à rotina de dividir a casa com outras pessoas, algumas vezes até desconhecidas. Para além da dificuldade de executar as tarefas domésticas estavam também presentes no cotidiano dos emigrantes o desconforto e o incômodo da convivência com a rotina desorganizada de outros homens.

Exemplificando esse cotidiano desconfortável, vimos a situação narrada por Antônio que teve que conviver com onze homens em uma mesma casa e relatou o quanto isso interferiu no seu bem-estar e na sua saúde. Após chegar em casa cansado do trabalho, muitas vezes chateado com algo que havia acontecido durante o dia de serviço, como a falta de pagamento, se deparava com onze homens que tinham que dividir um mesmo banheiro para tomar banho, um mesmo espaço para lavar a roupa e fazer a comida, tudo isso contribuindo para que, em suas palavras, “os nervos fiquem a flor da pele”.

5.3 A emigração e as redes de apoio para quem vai e para quem fica

Os relatos fornecidos pelos participantes permitiram a identificação de diversas estratégias desenvolvidas pelos casais para lidar com a emigração e as mudanças que aconteceram em suas vidas. Machado (2010) aponta para a necessidade de remodelar as relações devido à nova configuração na estrutura familiar com a ausência de um dos cônjuges. Essa nova estrutura exige da família e principalmente do casal, um remanejamento na relação que se mantém a distância por um longo período. No caso dos participantes desta pesquisa, o tempo mínimo de permanência no exterior foi de dois anos, tempo que mobilizou a necessidade de se elaborarem estratégias para que a relação conjugal e familiar se mantivesse estruturada até que o parceiro retornasse para casa.

Num primeiro momento, o que norteia a continuidade do casamento a distância é o objetivo estabelecido pelos cônjuges, de uma melhoria financeira a ser obtida no menor período possível. A decisão, uma vez sendo conjunta, implica a mulher nesse projeto, fazendo com que ela, de maneira indireta, seja responsável também por sua consolidação. Os relatos revelam que antes da emigração, os casais não percebiam outra solução para a melhoria financeira do grupo familiar, levando-os a planejar a ida para o exterior. A cultura de que a emigração é uma solução plausível e de sucesso é difundida na região de moradia dos entrevistados, o que podemos apontar como importante

elemento que justifica a decisão pelo processo emigratório.

Fusco (1999), Assis (2003) e Fazito (2010) visualizam as redes sociais estabelecidas no processo emigratório como algo dinâmico e complexo de se identificar. Essa complexidade se refere à concepção da emigração como rede de construção de novas relações sociais, um fenômeno que influencia as relações do cotidiano, envolvendo também as relações financeiras, as representações, valores e práticas comportamentais entre as pessoas. Para que as pessoas participem do processo emigratório é necessário num primeiro momento ter informações sobre o mesmo, que podem ser obtidas no contato com alguém que já tenha feito este movimento ou com pessoas próximas de emigrantes. No caso em que os maridos emigram e as mulheres ficam na cidade de origem, elas são as principais responsáveis por difundir informações sobre a realidade da emigração. Dessa forma, pode-se perceber que a mulher, tendo tomado posse desses procedimentos, está familiarizada com o processo pelo qual o marido passará ou passou.

Para todas as esposas participantes, a ocorrência da emigração foi algo comum em suas vidas, tendo em vista que sempre havia uma prima, uma irmã, uma conhecida que havia passado ou ainda estava passando por essa experiência. Conhecer pessoas que estejam implicadas no processo emigratório favorece a compreensão e garante maior tranquilidade à mulher, pois lhe permite identificar-se e se aproximar de outras pessoas que compartilham essa situação. Já para o parceiro, conhecer pessoas que já estejam no exterior e pessoas que lá permaneceram permite-lhe emigrar com tranquilidade em relação a sua chegada a um país desconhecido (Fazito, 2010). Todos os entrevistados foram inseridos no processo emigratório com a ajuda de um parente, amigo ou conhecido. Essa ajuda pode ser financeira, para realização da viagem, pela indicação de um “coiote” de confiança para a realização da travessia pelo México, ou recebendo-o no exterior. Os emigrantes precisam contar, em algum momento, com a ajuda de alguém que já tenha passado pelo processo emigratório ou esteja familiarizado com ele.

Inicialmente, os quatro entrevistados tiveram ajuda financeira para que pudessem viajar. Daniel viveu uma situação diferente ao entrar em contato com um amigo para pegar o dinheiro emprestado. Em seu relato, descreve que esse amigo já estava no exterior por um longo período e lhe propôs um empréstimo da quantia solicitada, mas para que ele permanecesse no Brasil e abrisse a empresa que desejava. O amigo justificava sua proposta por que havia deixado a família no Brasil e não considerava que a viagem valesse à pena; dizia que a América destruía muitas famílias e

que ali não era lugar de ir morar sem a família. Esse indicativo demonstra que as redes sociais ultrapassam as informações sobre como proceder para emigrar, mas também apresentam relatos de experiências que mostram o lado ruim da emigração, lado este que só é relatado após a inserção de um novo emigrante no processo. Mesmo diante desse indicativo, Daniel recusou a oferta do amigo, pois não queria ficar devendo dinheiro a ninguém, optando por emigrar.

Os quatro homens entrevistados moraram com amigos ou alguém da família durante sua permanência no exterior, o que contribuiu para que mantivessem seus pensamentos e compromissos voltados à família. Ao falar sobre possíveis relacionamentos no exterior, Mário ressaltou que sempre foi fiel à esposa, que ela poderia “perguntar pra qualquer um que fosse de São de João e estivesse lá” e que teria a resposta de que nunca havia sido traída. O fato de o marido estar em uma cidade ou em uma casa onde residem pessoas da mesma cidade de origem e conhecidos próximos da convivência do casal permite à esposa certa tranquilidade em relação a fidelidade do cônjuge. Os emigrantes frequentavam as residências de amigos, de maneira bastante reservada, a fim de evitar boatos negativos no Brasil. Machado (2008) retrata a “fofoca” como algo destrutivo para o casamento, principalmente para a família que vive a emigração. Conviver com pessoas da mesma cidade de origem contribui de certa forma para inibir determinados comportamentos comumente tidos como masculinos, pois ao mesmo tempo em que a mulher fica sob vigília constante no Brasil (Machado, 2010), o homem também vive sob tal condição, mesmo que em intensidade diferente da mulher. Cabe ressaltar aqui que a preocupação em evitar comentários inadequados recai sobre o homem que também convive com pessoas no exterior que conhecem sua esposa, e desse modo, há uma preocupação em demonstrar uma conduta adequada. Mário vivenciou a situação em que certa vez deu carona para uma mulher para a igreja e, ao ligar para a esposa durante a noite, essa lhe disse que já sabia do ocorrido.

A possibilidade de a informação chegar ao Brasil ocorre em primeiro lugar pelo aprimoramento dos meios de comunicação, mas também pela concentração de grande número de brasileiros emigrantes num determinado território, devido às redes sociais e aos sentimentos de pertencimento e reconhecimento coletivo (Fazito, 2010). Esse número significativo de pessoas convivendo num mesmo território permite assim que a convivência com amigos ou parentes seja algo possível e comum, mesmo no exterior. Três dos entrevistados conviveram em territórios onde dividiram espaços com pessoas da mesma cidade, fosse no trabalho, no bairro ou na casa onde moraram. Mário relatou

que a presença das pessoas da mesma cidade ou região estreita a distância da informação, em sua visão, de maneira negativa: *“O povo conversa demais, o povo é o cão lá menina, você acha que tá longe, eles ligam pra fofocar, minha amiga, ela teve mais notícia do povo contando pra ela do que eu ligando pra ela”*.

O contexto social vivenciado pela mulher permite ao homem uma tranquilidade ainda maior em relação à fidelidade feminina, pois as relações sociais nas quais a mulher permanece inserida permitem uma vigília por parte dos pares do marido, uma vez que ela continua inserida no âmbito familiar do homem e em uma vizinhança que conhece o marido e a história do casal. A casa passa a ser vista não apenas como uma estrutura, mas também como um conjunto de valores que regem a moralidade e a continuidade de uma família e de um relacionamento conjugal, sendo substrato da manutenção dos laços de sangue que se afirmam diante do comportamento que a mulher tem perante os outros, garantindo que tanto o relacionamento conjugal quanto a família não venham a ser alvos de possíveis boatos e fofocas que possam desestruturar a família, como também fazer com que o casamento acabe Machado (2006). Desse modo, a casa, não como estrutura mas como moral, se torna essencial para a continuidade das relações conjugal e familiar que se distanciam por ora devido à emigração. A responsabilidade da mulher em manter a casa nessa concepção se torna significativa, pois ela vai permanecer no espaço para o qual seu marido vai voltar um dia. Dessa forma, é possível perceber que a responsabilidade da mulher em relação ao espaço da casa e da família, em se tratando do cuidado com os filhos e com o casamento, é reforçada pelas condições nas quais ela se encontra. Há, assim, a continuidade de atuação de papéis tradicionalmente femininos e masculinos, segundo os quais a mulher continua cuidando da casa e da família, sendo a responsável inclusive pelo fracasso familiar, caso ocorra.

O que pode ser observado através das falas de nossas participantes, é que diversas atitudes foram tomadas em função de manterem a casa e a família visivelmente organizada e bem cuidada. As entrevistas realizadas demonstram que, diante da ausência dos maridos, as mulheres escolheram para frequentar lugares que reforçassem publicamente seu comportamento de esposas dedicadas e fieis. Todas as participantes relataram terem muitas vezes deixado de participar de eventos sociais enquanto seus parceiros estavam no exterior, e que, quando saíam, escolhiam lugares específicos, que não pudessem levantar qualquer tipo de “suspeita” sobre sua conduta. Saíam geralmente para casas de familiares, igrejas e eventos particulares, tais como aniversários, ou para

visitas a amigos conhecidos do casal.

Machado (2008) apresenta em um de seus trabalhos o desconforto que a situação da mulher casada com emigrante provoca na vizinhança e ressalta que o cuidado com o que a vizinhança vê e pensa é de extrema importância para que as informações que cheguem aos ouvidos do marido sejam relatos de um bom comportamento por parte de sua mulher e não de notícias que venham a abalar a relação conjugal. O autor ressalta ainda que a distância não é um complicador para que a notícia chegue ao emigrante, pois as tecnologias atuais permitem o contato imediato com o mesmo.

Nesse sentido, como relatado anteriormente, a mesma situação era vivida pelos homens entrevistados, que destacaram o cuidado e o compromisso que atribuíam ao significado de morarem com amigos ou com um parente. Todos afirmaram que aquelas pessoas com as quais conviveram foram testemunhas do bom comportamento que tiveram no exterior, no que diz respeito à manutenção do casamento. O casamento era mantido por ambos, sob a condição de que não poderia haver participação em festas, idas em bares ou um relacionamento extraconjugal, pois além das consequências que poderiam incidir sob o casamento, inclusive seu término, essas atitudes eram vistas pelos emigrantes como algo que poderia comprometer a conclusão do objetivo financeiro da viagem.

Uma pesquisa realizada por Silva (2002) demonstra que o significado de fidelidade para homens na contemporaneidade está impregnado de elementos da cultura que definem novos padrões de masculinidade a ela atrelados, tais como companheirismo e respeito, sob o ponto de vista de homens. Tais valores são vistos na atualidade como grandes valorizadores da união conjugal. O autor ressalta que esses elementos só foram incorporados devido às mudanças dos últimos anos, principalmente no que diz respeito à mulher e a sua entrada no mercado de trabalho, permitindo assim novos significados na relação conjugal, ainda que seja possível perceber que perduram algumas características tradicionais mescladas às atuais (Vaitsman, 1994). A confirmação se dá pela análise que Silva (2002) realiza através das falas dos participantes em sua pesquisa:

A fidelidade depende do comportamento da esposa, ou da forma como o casal “se completa” sexualmente. Para os interlocutores, a fidelidade é garantida quando a esposa é “criativa” ou “sedutora”, levando, por essas razões, à satisfação plena. Assim, não há necessidade de procurar tal satisfação fora da relação conjugal. Complementaridade também está vinculada à satisfação sexual dentro do casamento. (Silva, 2002, p. 43)

Dessa forma, é possível perceber que embora o homem relacione

companheirismo e respeito com fidelidade, ainda justifica a traição pelo fato de a esposa não o satisfazer, fazendo-o sentir a necessidade de se satisfazer com outra mulher, característica tida como pertencente à natureza masculina ainda hoje, que responsabiliza a mulher por sua própria infidelidade.

Quanto aos participantes desta pesquisa, o significado de fidelidade está atrelado ao compromisso com o projeto emigratório construído junto com a mulher, embora ela tenha participado de maneira indireta, apenas concordando e apoiando o parceiro em sua inserção nesse contexto. A fidelidade se reafirma no compromisso que o homem fez em nome da família e não do comprometimento do relacionamento conjugal. Os discursos a todo momento fazem referência à família, pois foi em nome dela que o homem emigrou.

Esse comprometimento em conseguir acumular dinheiro para então retornar ao país era compartilhado pelos nossos participantes, Mário apresentou um importante exemplo dessa situação, nomeando como “precipício” a situação em que o homem emigrante vive em bares, festas e com outras mulheres. Dos quatro participantes, Mário e Antônio relatam que inicialmente experimentaram viver a vida de americano e europeu respectivamente. Sentiram-se seduzidos pela possibilidade de aproveitarem festas e custearem bebidas caras, mas com o passar do tempo perceberam que isso gerava gastos significativos, o que impediria que economizassem o montante de dinheiro necessário para retornarem para o Brasil, além de comprometer a continuidade de seus relacionamentos conjugais. O que se vê aqui é a oportunidade dos homens de exercerem aspectos de sociabilidade masculina, não mais disponíveis aos casados, que se aproximam dos descritos por Andrade e Hita (2011, p. 06) como as práticas da “solteirice”, por meio da divisão sexual dos espaços. Segundo as autoras, há uma importante composição entre o local e as práticas. Em geral, os bares aparecem como os principais lugares a serem frequentados quando se busca o “clima de paquera”.

Nesses locais há um movimento de “divisão sexual” do ambiente, em que muitos homens ficam próximos ao balcão do bar, com uma bebida na mão, observando as mulheres que passam para possivelmente ver quem lhes interessa e as mulheres passam por eles trocando olhares, até que algum movimento de encontro com conversa, dança e possível beijo e troca de carícias, venha acontecer. Estes lugares são bares com música dançante em que, no movimento da dança o encontro dos corpos é facilitado, com pouca conversa (p.06).

Sendo assim, de acordo com as narrativas apresentadas, os lugares frequentados pelos emigrantes entrevistados também se reduziram ao trabalho, casa de amigos

(brasileiros e antigos residentes da cidade de origem do emigrante) e a igreja, que foi citada nas narrativas de Mário e Daniel. Embora as investigações de Machado (2006, 2008, 2010) recaiam sob os cuidados que a mulher tem para preservar a casa para o retorno do marido, em nosso trabalho, notamos nos relatos dos homens participantes a presença de um cuidado, os quais, na situação de emigrantes, buscavam se comportar e frequentar lugares mais restritos e de conhecimento de suas mulheres para que, de certa forma, isso impedisse que o casamento fosse comprometido. O posicionamento dos participantes, suas identidades conjugais construídas no casamento contemporâneo (Féres-Carneiro, 2001) apontam para novas masculinidades, em que o homem também se implica na manutenção do casamento, em se tratando de comportamento, e não somente em prover e manter a família financeiramente. Em termos de redes sociais e sociabilidade, podemos destacar que a experiência dos emigrantes entrevistados se aproximou das características apresentadas por Castello e Marques (2011) para os migrantes em São Paulo e Salvador, ao investigarem a relação entre redes sociais, pobreza e segregação urbana. Ao identificarem e organizarem uma tipologia de redes e sociabilidades, os autores destacaram a caracterização dos que possuem “redes pequenas” e com um tipo de “sociabilidade primária”, baseada no convívio com amigos, família e vizinhos, com poucos vínculos com arranjos organizacionais como igreja e associações.

Homens, migrantes e pessoas casadas tendem a ter este tipo de rede com maior frequência. Donos de pequenos comércios, aposentados e desempregados estão sobre-representados nesse grupo, que concentra pessoas que trabalham no mesmo bairro em que moram. Precariedades familiar, de trabalho e de renda são mais comuns dentro deste grupo (p. 48).

Os quatro participantes ressaltaram que frequentavam constantemente as missas como um suporte emocional e espiritual, uma vez que todos eram católicos, mas não tinham vínculos com as instituições religiosas nem estabeleciam relações sociais com outros frequentadores. Daniel relata que participava das missas aos domingos e se reunia com a esposa semanalmente para conversarem sobre a homilia e compartilharem suas opiniões e o que havia sido falado pelo padre.

Os arranjos dessas famílias em função da emigração podem mostrar a evolução ocorrida nas configurações familiares e nas relações conjugais desde a época moderna até a atualidade. Vaitsman (1994) percorre essa evolução histórica da relação conjugal e familiar apontando que o que antes era claramente colocado como função do feminino e

do masculino foi aos poucos sendo diluído nos novos contextos sociais. O homem, que antes era o provedor e chefe da família, se torna parceiro e não mais um “ditador” das normas e regras a serem seguidas dentro da casa. Parece-nos que o contexto emigratório pode favorecer o exercício dessas transformações quando identificamos, por exemplo, a dinâmica do casal Daniela e Daniel em relação à participação feminina em todo o processo, desde o planejamento da viagem, passando pela administração das remessas de dinheiro, até o retorno do parceiro, e nesse caso, até mesmo após, ao se tornar parceira de trabalho.

Mas para que os casamentos aqui apresentados tenham se mantido após o retorno dos parceiros, os casais demonstraram que fundir características, comportamentos e pensamentos da contemporaneidade com os da modernidade (Vaitsman, 1994), de certa forma, funcionou e funciona. Quando são refletidas questões acerca do casamento na modernidade mescladas àquelas acerca do casamento na contemporaneidade, essa fusão se confirma nos discursos dos casais, tendo como exemplo Daniela que, diante da ausência do parceiro, não trabalhava fora de casa para não ter que deixar as filhas com outra pessoa, o que foi inicialmente ideia do marido.

Conhecer os problemas e consequências que situações relacionadas à emigração podem acarretar ao casamento também se torna significativo em nosso estudo. Assim como Gianordoli-Nascimento (2000) entende que um dos primeiros passos estratégicos utilizados pelos indivíduos para lidarem com um determinado fenômeno desconhecido é o conhecimento do mesmo, concordamos que, para a esposa, esse processo é primordial para a manutenção do casamento ante a ausência do parceiro, inclusive para que ela tenha tranquilidade para compreender as rotinas de um emigrante. Gianordoli-Nascimento (2000) ressalta que esse processo de conhecimento e familiarização com o fenômeno desconhecido permite um melhor desempenho no desenvolvimento e execução de estratégias para lidar com ele.

Ao analisar o conjunto de saberes sobre emigração que o grupo de entrevistados apresentou, observamos conhecimentos distintos, mesmo porque as experiências, embora tivessem o mesmo objetivo final, tomaram rumos diferentes desde a partida do parceiro para o exterior. Todas as entrevistadas, mesmo conhecendo os riscos que o processo emigratório proporcionaria ao relacionamento conjugal, buscaram dar significados positivos que confrontassem esses riscos e assim se sentissem de certa forma seguras e tranquilas em relação aos parceiros. Antes de tudo, era preciso que elas construíssem um significado para o processo emigratório dentro de seus

relacionamentos conjugais, a fim de que a viagem se tornasse menos dolorosa, e não levasse a dúvidas sobre a continuidade do casamento.

As entrevistadas se sentiam seguras quanto à partida dos parceiros pelo fato de que no casamento eles eram bons maridos e a relação era normal ou muito boa, amparada por instituições religiosas e familiares, que reforçavam a manutenção dos laços matrimoniais. Embora tivessem eventuais problemas particulares (como por exemplo, no caso de Antônia, cujo marido bebia muito, o que refletia na relação com os filhos), todas elas se sentiram “seguras”. Embora o termo não dê conta de definir a totalidade de seus estados emocionais, representa de certa forma a concordância por parte delas para que os maridos emigrassem. Nesse sentido, nos parece que os elementos fundamentais para a manutenção do vínculo conjugal são a sensação de segurança apontada pela mulher, os fatores motivacionais pelos quais ela acredita que o marido emigra, por estarem associados ao bem-estar da família, dando a elas a sensação de que a decisão é do casal, como um plano conjunto, e não uma necessidade ou decisão individual do homem.

Porém, esse sentimento de segurança está limitado a essa questão conjugal, e não se relaciona ao processo para chegar ao país de destino. Devido às vicissitudes encontradas no deslocamento de seus parceiros para o exterior, a rede de significados que essas mulheres precisaram elaborar inclui, por exemplo, a questão da ilegalidade que representa estado de insegurança e risco. Dois dos emigrantes entrevistados entraram ilegalmente nos EUA pelo México, com a ajuda de coitotes.

A travessia acontece de maneira singular para cada pessoa que deseja entrar nos Estados Unidos passando pelo México. Diante da situação de periculosidade, dois dos entrevistados que realizaram a travessia pelo México passaram por situações diferentes, inclusive no que diz respeito às informações passadas para suas esposas que aguardavam notícias enquanto faziam a travessia. Sandro (casal 02) ao fazer a travessia preferia que a esposa não ficasse sabendo dos riscos que ele estava enfrentando com o intuito de poupá-la de preocupações, mas conforme seu relato anteriormente citado, a situação foi de risco extremo.

O cuidado de poupar a mulher de vivenciar situações estressantes como as notícias da travessia se justifica pelo que Negreiros e Féres-Carneiro (2004) apresentam em seu estudo sobre gênero na família contemporânea. Tais autoras demonstram que na cultura atual ainda prevalecem aspectos da formação e do desempenho de homens e mulheres da cultura moderna, segundo os quais os homens devem ser fortes e

independentes, ao passo que as mulheres devem prevalecer sensíveis e afetuosas. Desse modo, além do cuidado com a esposa, relacionamos o comportamento de Sandro com a manutenção desta referência de masculinidade hegemônica mencionada pelos autores.

Sandro e Sandra (casal 02) ficaram sem se falar durante vários dias, pela falta de acesso à comunicação, sendo possível o primeiro contato por telefone apenas quando Sandro já estava na casa do filho nos Estados Unidos. Sandra temia pelo que poderia ter acontecido ao marido no processo da travessia, pois o risco era grande e ela já havia tido informações de que inúmeras pessoas eram roubadas, se feriam, não se alimentavam e algumas delas até morriam durante o percurso.

Outro entrevistado, Daniel (casal 04), preferiu compartilhar com a esposa cada passo que dava durante o percurso, pois segundo ele o fato de estar em contato constante com a mulher a tranquilizava. Daniela (casal 04), ao relatar a forma como acompanhou o percurso de seu marido por telefone, expressa sua surpresa pelo fato de ele ter conseguido a todo o momento falar com ela, uma vez que as informações que obteve anteriormente se referiam à dificuldade das pessoas ao ingressarem pelo México, pois o contato com os familiares era muito difícil devido aos riscos de rastreamento da ligação, que poderia colocar todo o grupo em risco. O momento de maior risco na visão de Daniela foi quando o marido teve que atravessar a fronteira escondido dentro de um caminhão, onde estavam colocados cachorros para despistarem os guardas da fronteira entre os Estados Unidos e o México. Para Daniela, o fato de estar em contato constante com o marido a aliviou, pois estava segura de que estava tudo saindo conforme ele havia lhe explicado antes dele emigrar.

5.4 A dinâmica conjugal no processo emigratório

5.4.1 *A mulher, a emigração e a relação conjugal*

Em se tratando da situação da emigração, pode-se perceber que no cotidiano as mulheres reorganizaram seus lugares dentro da casa, uma vez que, diante da ausência do parceiro, permaneceram com as atribuições anteriormente vinculadas ao papel feminino no contexto familiar, mas também passaram a adotar comportamentos/tarefas consideradas de cunho/responsabilidade masculina que, no geral, eram exercidas pelos maridos. A administração do cotidiano da casa, da família, dos bens materiais e das remessas de dinheiro enviada pelos parceiros, se tornaram em totalidade

responsabilidade dessas mulheres.

Para além da administração financeira, a mulher assume a condição de representante do parceiro nas relações sociais, de liderança na família e no lar, o que favorece socialmente a manutenção do lugar masculino à medida que ela adotar a postura de ocupar o lugar provisoriamente.

Em se tratando do relacionamento conjugal, a mulher era vista como fonte de amparo e apoio para o marido que estava no exterior, sendo que aspectos psicológicos e emocionais tais como fragilidade, muitas vezes, deixavam de ser apresentados devido à necessidade de passar segurança e conforto para o marido ausente. Sandra (casal 02) e Daniela (casal 04) sentiram a necessidade de evitar falar da saudade que sentiam dos maridos, para não os incentivar a retornar precocemente ao país, pois sabiam que isso poderia gerar arrependimento e ser fonte de conflitos futuros.

Para Antônia (casal 01), os cuidados com o marido mesmo à distância eram mais intensos, o que se exemplifica no envio de medicação para os cuidados com a saúde, pois o marido era diabético. Essa prática, segundo Antônia, ainda possibilitava ao marido poder guardar mais dinheiro. Percebe-se porém que, para além desse cuidado financeiro, permaneceu um cuidado com a própria relação conjugal, mantendo estreita assim a relação marido e mulher, e a permanência da identidade de esposa cuidadora (Feres-Carneiro, 2001).

Todas as entrevistadas declararam que a responsabilidade havia aumentado em grau significativo em relação aos cuidados da casa e dos filhos, pois embora pudessem compartilhar com seus parceiros os acontecimentos do cotidiano na família e na administração do dinheiro e da casa da família, não havia a possibilidade muitas vezes de compartilharem efetivamente as tarefas a serem realizadas. Nenhuma das participantes relatou se sentir sobrecarregada ante a ausência do homem, pelo contrário, como no caso de Maria (casal 03), que relatou ter estado de certa forma tranquila por não sentir necessidade da presença do parceiro para continuar lidando com os afazeres do dia a dia: *“(...) hoje marido é superficial, marido hoje não é necessário na vida das mulheres. Hoje a mulher tem o mercado de trabalho, tem a vida independente, então hoje qualquer mulher toca sua vida pra frente com ou sem marido”*.

Importante relacionar a vivência de Maria com o que Feres-Carneiro (2001) e Torres (2004) confirmam ao dizerem que a nova condição na qual a mulher se encontra dá a ela maior espontaneidade, autonomia e independência nas relações conjugais na contemporaneidade. A mulher entrou em espaços até então marcados por características

e atributos que cabiam apenas aos homens. Em se tratando da situação de emigração, a ausência do parceiro cria um vazio que necessita ser preenchido de alguma maneira e em muitas situações impulsiona a mulher a preencher esse espaço em um contínuo que favorece a conjugação de espaços de autonomia, independência e individualidade pouco experimentados por algumas mulheres antes da experiência emigratória, mas que define novas formas de conceber a conjugalidade e o casamento, como relatou Maria (casal 03). Porém, tal independência já era vivenciada por ela, uma vez que o marido, na condição de viajante antes de se tornar emigrante, já permanecia ausente por vários dias, sendo essa situação já parte da rotina do casal.

Em se tratando de aspectos financeiros, o que se percebe é que o movimento para a efetivação do objetivo traçado pelos cônjuges não dependeu única e exclusivamente do marido, visto que as condições financeiras almejadas não foram necessariamente alcançadas por meio da experiência emigratória. As mulheres participaram indireta ou diretamente, como no caso de Antonia (casal 01), que, além dos medicamentos, enviava também dinheiro para o ajudar a permanecer em Portugal nos primeiros meses. Três das quatro participantes trabalhavam e retiravam de seus salários o sustento da casa e dos filhos, para que o dinheiro enviado pelo marido fosse direcionado apenas à conquista da construção da casa, do negócio próprio ou da composição de uma poupança. No geral, essas conquistas não corresponderam totalmente às expectativas iniciais, ainda que tenham favorecido as condições financeiras de alguns casais. Dessa forma, o dinheiro que a mulher investe na família é visto como uma “ajuda”, uma vez que o sucesso financeiro só seria evidenciado caso houvesse sido conquistado diretamente pelo marido e provedor da família.

Machado (2010) ressalta que é de suma importância o valor simbólico do dinheiro para a manutenção do relacionamento conjugal, em função da conservação dos vínculos relacionados aos fatores motivacionais que levaram o casal ao processo emigratório. Para esse autor, as remessas de dinheiro enviadas ultrapassam seu valor monetário e representam aspectos simbólicos relacionados à continuidade da relação. As remessas enviadas para a mulher constituem um sinal de que o marido permanece com o intuito de voltar para a terra natal e para sua família, inclusive ressaltam a confiança que ele tem na mulher ao permitir que ela tenha acesso ao dinheiro obtido e confirmam assim o desejo de continuidade da relação conjugal. Mas para assegurar a continuidade do matrimônio é de extrema importância o reencontro físico do casal, sendo assim, a economia e a acumulação de dinheiro proporcionariam um retorno mais

rápido do cônjuge. O medo de gastar o dinheiro enviado é evidente, pois quanto mais gastos, mais difícil o retorno do parceiro. A fala de Daniela (casal 04) evidencia esse fato: “*Então assim, a gente foi aos pouquinhos, e assim eu procurei não ter gastos a mais e pensar que tava podendo, não, eu sabia porque eu queria que ele voltasse rápido.*”

Reis & Machado (2010) relatam que a condição da ausência do marido na casa muitas vezes leva a esposa e os filhos a se mudarem para a casa da mãe ou à vinda da mãe para a casa do marido ausente. Quanto às participantes desta pesquisa, nenhuma delas passou pelo processo de terem sido colocadas sob vigilância constante por um familiar, sendo assim, todas permaneceram em suas casas cuidando dos filhos. Mesmo diante das consequências negativas da exposição social como “viúvas de maridos vivos” (Machado, 2010, p. 22), das inúmeras tarefas a serem realizadas e da necessidade de reorganizar o seu lugar dentro da família, as entrevistadas não relataram espontaneamente uma preocupação com seu *status* social de mulher casada sem a presença do marido, embora no decorrer dos discursos foram apontadas preocupações referentes aos lugares frequentados e aos grupos com os quais se relacionavam. Uma vez que as mulheres de emigrantes se tornam o centro das atenções no seu meio social (Dias & Almeida, 2004), elas adotam comportamentos específicos para evitar especulações alheias sobre seus comportamentos e preferem na maioria das vezes se isolarem do meio social, limitando suas relações apenas a sua família e à família de seu parceiro.

Os sentimentos vivenciados ante a ausência do parceiro são um fator predominante entre as mulheres. A modificação na estrutura física da família, sendo a primeira mudança ocorrida no núcleo familiar, provoca na mulher sentimentos como tristeza, medo e saudade, podendo acarretar a longo período consequências de ordem psíquica e emocional, como depressão (Dias & Almeida, 2004). Antonia (casal 01) relata que os primeiros dias foram imensamente dolorosos, principalmente ao ir dormir, quando se deparava com o espaço vazio na cama, local em que o marido se deitava. Sandra também relata a tristeza ao ver a cama vazia e saber que o marido não estava ali, ressaltando que sempre dormia ocupando apenas seu espaço, deixando o espaço dele vago para quando ele retornasse.

As consequências da separação entre os cônjuges são múltiplas, pois, “Além de a mulher não mais poder contar com o parceiro para discutirem e buscarem juntos resolver as diversas situações que afligem os membros da família no dia-a-dia, ela perde

também, por longos períodos, seu parceiro sexual” (Dias & Almeida, 2004, p. 77). Assim, com a ida do parceiro para o exterior, a mulher passa a vivenciar restrições não só relativas à liberdade, sociabilidade, lazer, mas também relacionada à sexualidade. Cabe a mulher adotar estratégias para lidar com o desejo sexual e controlar a carência afetiva, como trabalhar por longo tempo durante o dia, se ocupar com atividades voltadas para o cuidado com a casa e com os filhos ou ainda se apoiar na igreja, que é uma instituição importante na continuidade desses relacionamentos.

A mulher que sonhou um dia ter alguém com quem dividir seus sonhos, alguém para acompanhar cada conquista, cada passo dos filhos que juntos decidiram ter, vê-se responsável por desenvolver, solitariamente, uma tarefa para a qual raramente está de fato preparada. Além disso, ela sente necessidade de esquecer que é mulher. Para sua tranquilidade, a única coisa de que pode se lembrar é de que é mãe e que, como mãe, deve esperar o retorno do pai de seus filhos. Seguramente pensar no que signifique ser esposa, no que representa ter um marido, faria com que ela pensasse no compromisso sagrado assumido no dia do matrimônio: viver a sexualidade como um alimento para a fidelidade, uma arma no combate a qualquer ato que possa colocar em risco o compromisso assumido diante do juiz ou do altar. (Dias & Almeida, 2004, p. 78)

Uma segunda consideração relevante à condição da fidelidade da mulher está no controle da moralidade e sexualidade femininas. Assis (2003) relata que, em alguns casos, as mulheres que permanecem na cidade têm as remessas de dinheiro entregues pelo sogro. Tal ocorrência aumenta a dependência da mulher em relação à família do parceiro, reduzindo sua autonomia e as possibilidades de estabelecimento de relacionamentos extraconjugais.

Norgen, Souza, Kaslow, Hammerschmidt, & Sharlin (2004) redimensionam a satisfação conjugal para além da vida sexual, demonstrando que se trata de um conceito subjetivo, onde cada casal constrói as suas próprias necessidades e desejos a serem satisfeitos. Sendo assim, diante da ausência do cônjuge e da impossibilidade de uma continuidade do relacionamento sexual do casal, as necessidades e desejos sexuais são redimensionados para os cuidados direcionados ao parceiro e ao cultivo de sentimentos de bem-estar, contentamento, companheirismo e até mesmo de segurança (Norgren & cols., 2004). Nesse sentido, a manutenção do casamento e do vínculo amoroso eram fomentados na medida em que os contatos pelo telefone ou pela internet eram realizados a distância.

A busca por Deus como amparo para as dificuldades emocionais é relato frequente das participantes, uma vez que a proximidade e a vivência constante da religião foram primordiais para que elas conseguissem lidar com medos e dificuldades e

superarem a falta de vida sexual ativa, conforme retrata Antônia (casal 01): “(...) *foi Deus quem me deu força, porque não é fácil você ficar mais de quatro anos sem o marido e tudo, e essa questão de sexo não é a primeira coisa a ser sentida, tem gente que às vezes não consegue ficar sem o sexo, mas isso pra mim graças a Deus foi tranquilo*”.

Independentemente da doutrina seguida, as mulheres buscam na religião um amparo para as dificuldades vivenciadas por elas diante da ausência do parceiro. No período em que o marido se encontra ausente, diversas são as estratégias adotadas para suprir e apaziguar o desejo não satisfeito, caso a mulher não tenha um relacionamento extraconjugal. Cuidar dos filhos, da casa, conforme foi citado anteriormente, são algumas das estratégias adotadas. Para além dessas, como forma de tentar suprir a ausência do parceiro, a mulher busca na religião o amparo social e espiritual para se manterem fiéis aos seus maridos, como também ao projeto estabelecido em nome da continuidade da família.

O envolvimento social com uma instituição religiosa ampara a mulher e a protege de possíveis envolvimento e relações que possibilitem a prática sexual fora do casamento, o que poderia levá-lo ao término. Dessa forma, a religião não representa apenas um amparo psicológico, no sentido de que as orações e outras práticas realizadas dentro da igreja e em nome dela apaziguem a saudade e dê forças à mulher para que ela consiga de certa forma contornar os problemas vivenciados. A igreja também representa proteção enquanto estrutura física: uma vez dentro da igreja, a sociedade não questionará o comportamento da mulher do emigrante e sua índole, bem como essa mulher estará também protegida de relações sociais que possam fazer com que ela cometa o pecado de se relacionar com outro homem para satisfazer seu desejo sexual.

5.4.2 O homem, a emigração e a relação conjugal

A relação conjugal antes da emigração foi relatada como normal ou muito boa por nossos entrevistados. Quando questionados sobre as motivações para emigrarem, os motivos variaram, mas todos eles direcionados a proporcionar à mulher e aos filhos melhores condições de vida. Vários autores como Assis (2003), Siqueira (2008), Fusco (1999) e Fazito (2010) buscaram investigar o que levava muitos pais de família a emigrarem sozinhos e deixarem suas famílias aguardando o seu retorno. As respostas sempre foram as mesmas, busca de melhores condições financeiras para a família a fim

de proporcionar lazer, qualidade de vida e conforto, dentre outros benefícios que uma melhor condição econômica pode proporcionar. Complementando, Marin e Pozobon (2010) indicam que a migração internacional também é motivada pelo desejo de conhecer outras culturas, viajar, mudar de vida ou morar em uma cidade que produz encantamento (Marin & Pozobon, 2010). E como a viagem e o custo de vida no exterior é de certa forma alto, levar toda a família geralmente se torna inviável, pois isso dificultaria o objetivo de conseguir grande quantia em pouco tempo. Reafirmando o que foi anteriormente discutido, o fato de os homens emigrarem e as mulheres permanecerem no local de origem aguardando seu retorno reforça o lugar que o homem ocupa como principal responsável por prover a família financeiramente. Tal condição faz com que ainda hoje na contemporaneidade o homem assuma esse lugar ao emigrarem e trabalhar para conquistar a melhoria financeira para a família.

A conquista de recursos financeiros para a obtenção da casa própria é indicada por muitos emigrantes como principal objetivo da emigração. Embora nossos participantes tenham ingressado no projeto emigratório, alguns deles já possuíam residência própria; apenas Antônio (casal 01) partiu em busca dessa conquista. Mas todos os participantes relataram que a busca por melhores condições financeiras para a família foi o motivador para se tornarem emigrantes e o que possibilitou a decisão foram o consentimento e o apoio da esposa. A possibilidade de levar também a família ou apenas a esposa também era inviável, por uma série de fatores que não englobavam apenas a questão financeira. Sandro (casal 02) e Daniel (casal 04), que entraram nos Estados Unidos pela fronteira com o México, não gostariam que suas esposas vivenciassem a experiência da travessia, pois como ressalta Sandro “(...) *o sofrimento é intenso, tem que dormir no mato, tem que passar sede, tem que passar fome (...) e a sorte é necessária para que se chegue vivo aos Estados Unidos*”. O desejo de que as mulheres não participassem da travessia pelo México está condicionado à concepção de que somente o homem é forte e assim consegue lidar com diversas situações, mesmo que elas sejam extremas, tais como passar fome, dormir no mato, como citado pelos participantes. As mulheres, na visão de seus maridos, não dariam conta de vivenciar essas situações, devido a sua delicadeza e sua natureza feminina.

Encontrar trabalho no exterior não foi um problema para os entrevistados. Todos eles chegaram, encontraram trabalho e começaram a juntar dinheiro ou a pagar a dívida da travessia ou da viagem, custeada por um amigo ou outra pessoa, como empréstimo. O trabalho foi primordial não apenas para começarem a atingir o objetivo traçado, mas

como também para amenizar a saudade da mulher e da família. Sandro relata que não trabalhar era sinônimo de passar por momentos difíceis, pois o pensamento sempre levava ao sofrimento e à saudade: *“você não pode ficar a toa, né? Eu pegava trabalho lá quatro e meia da manhã... porque pra gente, quanto mais cedo você chega no trabalho e quanto mais tarde largar o trabalho, melhor (...) na hora que chegava de noite, começa você deita pra descansar, você não consegue, a cabeça fica ‘São João Evangelista, meus filhos, minha mulher, meus irmãos’, aí você não consegue, costuma você tem que tomar até um remedinho, senão você não consegue descansar, e no outro dia não aguenta nem abrir o olho, pensava em tudo, saudade, preocupação, medo de briga na rua, confusão, então isso que tira a tranquilidade da gente lá”*

Os estudos sobre os aspectos emocionais do homem nas relações conjugais revelam poucos relatos que incluam preocupações, saudade e sentimentos, pois esses são sempre atribuídos ao público feminino, mesmo na contemporaneidade (Féres-Carneiro, 2001). Em relação ao processo emigratório, pode-se perceber que esses sentimentos emergem num momento em que o homem se vê impossibilitado de atuar como provedor e protetor do lar (caso ocorra algo de errado com a família que ficou no Brasil). Isso se intensifica pelo fato de que nenhum dos entrevistados tinha condições de ir e vir do país estrangeiro, quando tivessem vontade ou necessidade.

Em nossa pesquisa percebemos que os medos e preocupações dos emigrantes se voltavam para a família no Brasil, e assim, os mesmos procuravam poupar suas mulheres. Dois dos nossos participantes passaram por problemas graves de saúde, fazendo com que fossem encaminhados ao hospital. A saúde de Antônio (casal 01) ficou comprometida a ponto de que houvesse a necessidade de realizar uma cirurgia e, mesmo diante desse quadro tão delicado, ele optou por poupar a mulher de sua condição de saúde.

Independentemente do grau de dificuldade vivenciado pelos participantes, todos eles optaram em algum momento por poupar a mulher de preocupações no Brasil. Tal cuidado é colocado por Teykal e Rocha-Coutinho (2007) como um advento da contemporaneidade, na qual os homens sofrem uma cobrança social para que expressem um cuidado que não envolve apenas o dinheiro e a proteção da mulher e da família, mas também um comportamento que reflita sentimentos e afetos. Sentimentos e afetos que emergem na preocupação de manter a mulher tranquila e com condições de cuidar da família e da casa sem direcionar sua preocupação para o parceiro, que também precisa de cuidado, contudo não o pode ter devido à distância e à impossibilidade do encontro.

Sentimentos vivenciados como a tristeza e a saudade permaneceram constantes no cotidiano dos entrevistados enquanto viveram a condição de emigrante, rompendo assim com aspectos da masculinidade hegemônica segundo a qual o homem não chora, não sofre e oculta suas expressões de sentimentos, calando seus sofrimentos (Matos, 2001). Elementos que se exemplificam no relato de Daniel (casal 04), que muitas vezes era pego no fundo da oficina onde trabalhava “*de baixo astral*”, e que optava por trabalhar sozinho devido à tristeza ao sentir saudade da mulher e da família. Mário (casal 03) chegava a chorar diante da falta das conversas com sua mulher.

As dificuldades vivenciadas no exterior atravessam inúmeras questões e fatores que decorrem da condição de emigrante ilegal. Ao definir a condição de ilegalidade, Oliveira (2004) ressalta que a experiência emigratória é perpassada por condições de diferentes espaços, tempos, cultura e relações sociais, econômicas e subjetivas, sendo todas essas condições constituintes da condição de ilegalidade. Estar num espaço e num tempo diferente já redimensiona as relações sociais do emigrante. Há uma emergência na necessidade de aprender e de se adaptar a uma cultura até então desconhecida, inclusive para alguns de nossos entrevistados, que conheciam apenas o aspecto do sucesso financeiro em um curto período. Marcada na identidade desses emigrantes está a condição de seus projetos serem pensados como temporários. Junto à condição de emigrante está o objetivo de retornar ao país de origem, um elemento central da construção da identidade dos emigrantes (Sayad, 2000). Essa condição temporária permite assim a submissão a empregos com condições abusivas, como por exemplo, trabalhar por um longo período durante um dia, e a sobrevivência em condições piores que as anteriormente vividas no Brasil.

Inúmeras são as experiências relatadas pelos entrevistados onde se evidencia a humilhação pela qual o emigrante passa durante o período em que está no exterior. Antônio (casal 01) relata que em determinados momentos se sentiu humilhado por ser emigrante e que encontrou forças para suportar tal situação na família que aguardava seu retorno. Mário também vivenciou situações em que se sentiu humilhado, e nos momentos em que passou por tais situações, elaborou inúmeros questionamentos sobre o que ele estava fazendo ali no exterior, longe da família, de amigos e de casa, tendo de encontrar justificativas subjetivas para a manutenção de seu plano de emigração.

Sayad (1998) retrata que a condição de inserção do emigrante como tal se dá pelas vias do reconhecimento por parte dos cidadãos do país para onde ele emigrou. Para ser identificado como emigrante é preciso trabalhar e habitar um país estrangeiro

por um longo período. A relação entre ser emigrante e a humilhação retratada pelos entrevistados se dá pelo fato de o emigrante ser identificado como um estranho/oportunista, que habita e trabalha em um país que não é o dele. Tal condição reflete nas formas de tratamento entre aquele que é cidadão no país e o estranho emigrante, que divide com ele o mesmo espaço e participa, mesmo que de forma desigual, das atividades tais como trabalhar, ter acesso à saúde, instituições religiosas, escolas, etc. Antônio (casal 01) reforça essa percepção ao relatar de que forma os brasileiros são identificados ou se identificam, uma vez que estão no exterior: *“Mesmo sendo um país, como se diz, irmão, [referindo-se a relação entre Brasil e Portugal] mas você é discriminado, porque lá ou você é ladrão ou você é puta, não tem meio termo, a palavra é essa, ou você é ladrão ou você é puta... porque eles sabem que você veio do Brasil pra lá pra buscar dinheiro, então você é muito explorado, muito humilhado”*.

A responsabilidade marital e a preocupação em se manter firme diante do objetivo compartilhado com a mulher e com a família emergem quando são colocadas algumas privações conscientes relacionadas ao lazer e ao uso do dinheiro no exterior. Os emigrantes consideram os gastos desnecessários como algo impensado e irresponsável, como retrata Sandro. Antônio relata que ao chegar no país estrangeiro se viu seduzido pela possibilidade de poder tomar um *whisky* pelo valor que é uma dose de cachaça no Brasil. Mário (casal 03) relata a mesma situação, dizendo que, ao chegar nos Estados Unidos, saía muito e se encontrava muitas vezes com os amigos, mas que posteriormente, percebeu que o comportamento não condizia com o que havia traçado como objetivo, mudando assim aspectos de sua rotina. Daniel (casal 04) foi convidado para se juntar aos amigos e conhecer a Disneylândia, um dos principais parques temáticos dos Estados Unidos, mas decidiu que não iria, por não querer ter o gasto financeiro e pelo fato de que não estava com a família para aproveitar desse momento. Antônio (casal 01) diz ter estado em cidades onde havia lugares históricos e famosos, os quais não visitou, pelo fato de que também não tinha a família por perto para compartilhar esses momentos.

De forma ampla, os comportamentos observados entre os emigrantes entrevistados revelam a prevalência da ótica do cuidado, evitando possíveis transtornos que pudessem acarretar consequências negativas para a estrutura da relação conjugal e familiar e para sua continuidade.

5.4.3 A volta para casa: reorganizando a rotina

O retorno é parte característica e condição da emigração. Homens e mulheres emigram motivados pela possibilidade de retorno ao local de origem, para que numa segunda oportunidade possam viajar legalmente e com melhores condições financeiras, além de melhorarem as condições gerais de vida da família. Em se tratando do nosso estudo, todos os casais compartilharam o desejo de que o processo emigratório chegasse ao final com a acumulação de capital financeiro, fosse para adquirir uma casa, abrir um negócio próprio ou adquirir veículos e outros bens duráveis (Siqueira, 2010). Em tempos diferentes, esse momento chegou para todos os participantes, quando então o homem, a mulher e a família se prepararam para reorganizarem suas rotinas e readaptarem seus lugares dentro da casa e da estrutura familiar.

Durante o período de emigração, conforme o tempo passa, as pessoas se modificam dentro do espaço e do tempo onde vivem. Constroem suas histórias a partir de suas relações sociais e de suas experiências dentro do contexto histórico-social. O homem emigrante terá vivido num tempo e espaço onde teve que aprender a viver em uma cultura diferente, o que engloba desde a linguagem até os costumes cotidianos. Tal imersão na cultura do exterior proporciona ao homem uma condição de estranhamento, não só no reencontro com a família, mas também pela sensação de não se sentir pertencente ao local de origem (Siqueira, 2010).

A decisão do retorno ao país de origem não foi adiada por nenhum de nossos participantes, o que se torna uma exceção à afirmação de Marin e Pozobon (2010) e Siqueira (2010), que em seus estudos constatam que inúmeras pessoas adiam várias vezes o dia do retorno, pelo desejo de conseguirem mais dinheiro do que planejaram inicialmente. Mas não é somente esse desejo que provoca esse adiamento do retorno. Siqueira (2007) e De Biaggi (2004) acrescentam que, além do objetivo financeiro, estão velados fatores subjetivos tais como o reencontro com a família, os amigos e seus laços identitários.

Diante da decisão de retorno ao país, as esposas foram comunicadas sobre o dia e o horário de chegada. Antônio pretendia fazer uma surpresa para a mulher, mas a sua condição de saúde o impediu, pois, pelo fato de ter um aparelho implantado no coração, a família teve que ser comunicada da viagem para estar preparada para sua chegada. O sentimento inicial de êxtase por parte da mulher diante da notícia do retorno do cônjuge fomenta o pensamento de que tudo vai ser diferente e melhor, e tampona sentimentos

como angústia ou a preocupação com relação ao rearranjo familiar. Daniela foi a Belo Horizonte para receber o marido no aeroporto, e relembra com alegria o momento do reencontro. Sandra relembra que o momento do reencontro com o parceiro foi muito bom, e que quando ele comunicou o retorno e a confirmação da compra da passagem, foi organizada uma festa para comemorar sua volta, na qual se reuniram familiares e vizinhos.

Os primeiros dias em casa retratam as dificuldades vivenciadas pelo homem que agora não é mais emigrante. Antônio (casal 01) relata que não reconheceu os contornos da casa, que sofreu uma reforma. O mesmo aconteceu com Sandro (casal 02) e Mário (casal 03), que, ao se depararem com as casas de onde saíram, perceberam as mudanças que ocorreram durante sua ausência. Além das mudanças ocorridas na estrutura concreta das casas, é importante ressaltar a dificuldade dos emigrantes retornados para a terra natal, onde diversas modificações histórico-sociais aconteceram, dentro e fora da família. Mário diz ter ficado surpreso com as transformações físicas de pessoas que ainda eram crianças quando ele partiu.

O fenômeno exemplificado pelos entrevistados é comum para o emigrante que retorna para a cidade de origem. Como menciona Sayad (2000), há uma percepção por parte desse emigrante, de que foi possível apenas retornar ao espaço físico de onde saiu, porém não para as vivências do tempo em que ainda não havia emigrado. É o que Sandra percebeu quando seu marido retornou: *“Ficou perdido, ficou mais afastado dos amigos, custa a entrosar de novo, volta e acha tudo diferente, uma criança que deixou pequeno quando volta vê grande, volta e chega perdido.”* Daniela percebeu mudanças subjetivas no marido, relatando que a vida no exterior fez dele uma pessoa melhor.

Siqueira (2010) analisa a condição do emigrante retornado dentro da casa e na estrutura familiar ressaltando que o estranhamento no reencontro com a família se relaciona com os costumes que por hora não lhe pertenciam, e que a sensação de não se reconhecer como pertencente ao seu local de origem se torna algo que gera angústia. A mulher, por sua vez, também se depara com o estranhamento de ter novamente o parceiro em casa e com a necessidade de haver uma recolocação desse homem em casa como marido, pai e integrante da família, o que pode gerar algumas situações de estresse, como no caso de Maria: *“Agora, de vez em quando eu fico meio estressada, porque às vezes a presença dele me incomoda, não porque ele me incomoda, mas às vezes eu esqueço que ele tá aqui, isso ainda hoje e até mesmo porque a gente não tem muito tempo, chega tarde, de noite, e assim eu mesmo tenho hora de chegar e tenho*

casa pra cuidar, esses trem, então assim, na verdade eu não sei, não aprendi a tirar tempo pro meu marido”.

O estresse ou a dificuldade de adaptação do marido dentro das estruturas físicas e simbólicas da casa e da família são consequências do contato direto do casal com as transformações que a ausência de um dos cônjuges produziu na vivência dos papéis femininos e masculinos na família e na relação conjugal. Siqueira (2010) ressalta que as mulheres tendem a reivindicar a permanência de seu novo posicionamento dentro da família; mesmo com o retorno dos parceiros as mulheres desejam a continuidade da administração financeira da casa, e em alguns casos acabam por assumi-la. Sandra relata que o marido não toma decisões sem antes falar com ela, e que muitas vezes até repassa o dinheiro para que ela faça o que deve ser feito. Devido à condição de Antônio, Antônia ainda prevaleceu como cuidadora dele e do lar, pois ao retornar para o Brasil Antônio não conseguiu atingir o objetivo de melhoria financeira, fazendo com que a esposa continuasse a prover a casa e a família.

Gianordoli-Nascimento (2000), ao realizar um estudo com casais em que um dos cônjuges sofreu infarto, retrata as novas configurações dentro da casa e da estrutura familiar. Tal autora aponta para a divisão dos papéis femininos e masculinos que aparecem repetidamente em sua amostra dentro da relação conjugal e conclui que o infarto altera os papéis desempenhados pelos homens e mulheres.

Na situação da emigração não acontece diferente. Com o retorno do parceiro, muitas vezes fragilizado e deslocado pela necessidade de readaptação ao seu local de destino, a mulher, que inicialmente foi impelida a assumir responsabilidades que não faziam parte de seu papel na relação conjugal, permanece com a contínua atuação dentro dessas responsabilidades. O homem, que não mais se encontra na situação de emigrante, vê a necessidade de rever seus papéis na relação conjugal e familiar. Tal reorganização se faz necessária, para que o homem e a mulher assumam e negociem de certa forma os seus lugares dentro da casa, da família e do relacionamento.

Isso não significa que a dinâmica prevaleça como era antes de o parceiro emigrar e nem como era durante sua ausência na casa e na família. O que ocorre é que inúmeros fatores, principalmente o tempo transcorrido e as experiências vividas à distância pelos casais, é que vão direcionar quais serão os seus lugares dentro da casa e quais serão os papéis que cada um deles irá assumir diante da família e um para/com o outro.

Uma situação de fragilidade evidenciada em nossa pesquisa se refere ao fato de que o homem em alguma instância dependeu da mulher que permaneceu no Brasil

aguardando seu retorno. Seja por ordem de saúde, na dinâmica de reorganização das suas posições conjugais, familiares e até mesmo sociais, a vivência de todas as modificações e acontecimentos durante a ausência do parceiro propiciaram à mulher a condição de ser assim uma ponte entre o que o emigrante deixou antes de viajar e o que ele encontrou quando retornou para suas origens.

As análises apresentadas aqui representam muito mais que uma simples condição de ser mulher de emigrante e ser emigrante, com suas confluências e consequências das vivências da família e do casal no processo emigratório. Fato é que em seus discursos, os homens e principalmente as mulheres demonstram que muito além de simplesmente vivenciarem um distanciamento físico que momentaneamente se sanava através dos contatos telefônicos e pela internet, para conseguirem uma melhoria financeira foi necessário que a mulher conciliasse diversas tarefas e cuidados que, de certa forma, contribuiriam para a conclusão do objetivo traçado com o marido. Coube a ela ser mãe, cuidadora, representante e administradora dos bens e da casa, da família e do marido, e ainda atuar como profissional no seu ambiente de trabalho.

Essas diversas atuações reforçam a sobrecarga de trabalho e responsabilidade que a mulher vem enfrentando na atualidade. Suas atuações, sejam no privado ou no público, ainda exigem da mulher uma multiplicidade de ações que são direcionadas sempre ao bem-estar da família e do casal. As mulheres dos emigrantes são uma representação clara de que a mulher na atualidade tende a desempenhar papéis múltiplos e muitas vezes conflitantes e que essa atuação em diversos papéis pode acarretar consequências negativas na definição do seu eu (Rocha-Coutinho, 1994). Há uma prevalente emergência da necessidade de se valorizar, avaliar ou proporcionar novas reflexões que possibilitem às mulheres a igualdade tão presente nos discursos sociais, bem como aos homens a oportunidade de vivenciarem os afetos e as novas masculinidades sem a forte opressão do senso comum.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho aqui apresentado foi um recorte da totalidade de significados, vivências e histórias que são compartilhadas por diversas pessoas que convivem diariamente com a cultura emigratória instalada na região de Governador Valadares e cidades vizinhas. São amigos, maridos, mulheres, filhos, irmãos, mães, enfim, não há morador da região que não tenha acesso pelo menos a alguma informação sobre o que é o processo emigratório e sobre quais são os benefícios que são buscados por aqueles que se inserem em tal dinâmica.

Nesse sentido, a presente investigação colabora para novos questionamentos que anseiam por respostas que acrescentem à história da emigração novos parâmetros de relações e formas de vivenciá-la. As relações entre pais e filhos que estão distantes, as questões identitárias que são construídas e desconstruídas, as formas de relação social e manutenção das mesmas, bem como questões relacionadas à saúde física e mental dos emigrantes são aspectos presentes no processo da emigração.

A experiência de compartilhar com os casais os espaços de convivência de suas casas permitiu reflexões que objetivassem o que Machado (2010) nomeia de consubstancialidade familiar, que significa compartilhar da mesma essência da família. Um conceito com o qual inicialmente não me familiarizei, mas que passou a fazer sentido à medida que foram se construindo as percepções e entrelaçamentos com a literatura utilizada para levantar as discussões aqui apresentadas. O casal e a família tentam desde o início adotar estratégias que protejam suas relações de possíveis consequências que possam acarretar problemas, dentre eles, o fim do casamento como ocorreu e ocorre com muitas famílias que vivenciam o processo emigratório.

É interessante notar que a presença de elementos do modelo tradicional de casamento, baseado na divisão tradicional dos papéis e lugares de gênero, propicia as condições para que o elo conjugal seja mantido quando os cônjuges estão distantes, à medida que ficam claras as ações que se voltam para a confirmação e identificação dos vínculos de afeto e compromisso do casal. Assim, a distribuição das responsabilidades, a dinâmica dos papéis assumidos e reassumidos diante da ausência física do parceiro e, num outro momento, da sua presença, as redes sociais de apoio dos cônjuges e o enfrentamento das adversidades que emergiram durante e após a vivência do processo emigratório estão marcados por características de relacionamentos que vão conjugando continuidades e rupturas. Características essas que foram essenciais para a continuidade

do relacionamento no decorrer da experiência emigratória.

Diferentemente dos outros modelos de relacionamento conjugal na contemporaneidade, esses casais experimentaram a distância por um longo período. Distância essa que exigiu de cada um dos cônjuges um posicionamento e a adoção de estratégias que nunca haviam sido experimentadas e/ou que não pensaram experimentar.

REFERÊNCIAS

- Almeida, H.B. (2007). Consumidoras e heroínas: gênero na telenovela. *Revista Estudos Feministas*, 15(1), 177-192.
- Alves, Z.M.M.B. (2000). Continuidades e rupturas no papel da mulher ao longo do século XX. *Psicologia. Teoria e Pesquisa*, 16(3), 233-239.
- Andrade, D.S.V. & Hita, M.G. (2011). Onde circulam os solteiros e as solteiras em salvador? Espaços de lazer e sociabilidades na cidade. In *Anais Seminário Internacional: enlaçando sexualidades Direito, Relações Etnorraciais, Educação, Trabalho, Reprodução, Diversidade Sexual, Comunicação e Cultura* (pp. 01-10). Recuperado em 01 de junho de 2013, de <http://www.uneb.br/enlacandosesexualidades/files/2012/04/por-onde-circulam-os-solteiros-e-as-solteiras-em-Salvador-Espacos-de-lazer-e-sociabilidades-na-cidade.pdf>
- Antico, C. (1998). Imigração Internacional no Brasil durante a década de 80: explorando alguns dados do Censo de 1991. In *Anais XI Encontro Nacional de Estudos de População da ABEP*. Caxambu: ABEP, 1998.
- Arilha, M. Homens: entre a "zoeira" e a "responsabilidade". (1998). In: Arilha, M.; Unbehaum, S. & Medrado, B. (Org.). *Homens e masculinidades: outras palavras* (pp. 51-77). São Paulo: Editora 34.
- Assis, G.O. & Campos, E.C. (2009). De volta para casa: a reconstrução de identidades de emigrantes retornados. *Tempo e Argumento*, 1, 80-99. Recuperado em 15 de maio de 2013, de <http://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/1834/1437>
- Assis, G.O. (2003). De Criciúma para o mundo: os novos fluxos da população brasileira: gênero e rearranjos familiares. In: Martes, Ana Cristina Braga; Fleischer, Soraya. (Orgs.). *Fronteiras Cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais* (pp. 199-230). São Paulo: Vozes.
- Assis, G.O. (2007). Mulheres imigrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migrações internacionais. *Revista Estudos Feministas*, 15, 45-772.
- Assis, G.O. (2008). A fronteira México-Estados Unidos: entre o sonho e o pesadelo - as experiências de e/imigrantes em viagens não-autorizadas no mundo global. *Cadernos Pagu*, (31), 219-250. Recuperado em 16 de março de 2013, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332008000200011&lng=en&nrm=iso

- Baeninger, R. (1999). *Região, metrópole e interior: espaços ganhadores e espaços perdedores nas migrações recentes no Brasil, 1980/1996*. (Tese de Doutorado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/Unicamp, Campinas.
- Bassanezi, C. Mulheres dos anos dourados. (1997). In: Del Priore, M & Bassanezi, C (orgs). *História das mulheres no Brasil* (pp. 607-639). São Paulo: Editora Contexto.
- Becker, H. (1994.). *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. 2 ed. São Paulo: Hucitec.
- Boechat, C.S., Dias, C.A., Matos, E.O., Almeida, A.R. & Coelho, A.R (2010). Impactos do isolamento conjugal sobre a rotina da mulher do emigrado. *Psicologia em Estudo*, 15, 851-860.
- Bullington, J. & Karlsson, G. (1984). Introduction to phenomenological psychological research. *Scandinavian Journal of Psychology*, 25, 51-63.
- Carrizo, G. (2011) Imagens em trânsito: narrativas de uma travesti brasileira. In: Piscitelli, A; Assis, G.O & Olivar, J.M.N. (orgs.). *Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil* (pp. 263-362). Campinas, Editora da Unicamp.
- Carson, A.C. (1995). Entrelaçando Consensos: reflexões sobre a dimensão social da identidade de gênero da mulher. *Cadernos Pagu*, 4, 187-218.
- Carvalho, C.E. (2003). *Bancos e inflação no Brasil: da crise dos anos 1980 ao Plano Real*. Recuperado em 15 de agosto de 2013, de http://www.abphe.org.br/congresso2003/Textos/Abphe_2003_56.pdf
- Carvalho, J.A.M. de. (1996). O saldo dos fluxos migratórios internacionais no Brasil na década de 80: uma tentativa de estimativa. In: Patarra, N.L. (Coord.). *Migrações Internacionais Herança XX Agenda XXI* (pp. 217-226). Campinas: FNUAP.
- Castello, G. & Marques, E. (2011). Pobreza e localismo: comparações entre São Paulo e Salvador. In *XXXV encontro da Anpocs*, Caxambu, 2011
- De Biaggi, S.D. (2004). Homens e Mulheres mudando em novos espaços: famílias brasileiras retornam dos EUA para o Brasil. In: De Biaggi, S.D. & Paiva, G.J. (Org.). *Psicologia E/Migração e Cultura* (pp 135-164) São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Del Priore, M. (2005). *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, v. I. 336 p.
- Dias, C.A., & Almeida, A.R. (2004). Dificuldades afetivas e sociais vivenciadas pela mulher cujo cônjuge reside no exterior como emigrante. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, 15(2), 73-91.

- Espíndola, H.S. (2006). Territorialidade e ambiente em Minas Gerais durante a crise do Sistema Colonial. In *III Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade*. Brasília. Diálogos em ambiente e sociedade no Brasil II. São Paulo: Annablume, v. 2. p. 83-104.
- Espíndola, H.S., Esteves, A.C., & Martins, R.F. (2010). Apropriação privada e ação regulatória. Propriedade e posse da terra em Minas Gerais: 1891-1960. *Revista da Associação Mineira de Direito e Economia*, 4, 1-31.
- Fazito, D. (2002), A análise das redes sociais (ARS) e a migração: mito e realidade. In *Anais do XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais*. Recuperado em 05 de fevereiro de 2013, de http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/GT_MIG_ST1_Fazito_texto.pdf
- Fazito, D. (2010). Análise de redes sociais e migração dois aspectos fundamentais do “retorno”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 25, 89-100.
- Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(2), 379-394.
- Féres-Carneiro, T. (2001). Casamento contemporâneo: construção da identidade conjugal. In: T. Féres-Carneiro (Org.). *Casamento e Família: do social à clínica* (pp. 67-80). Rio de Janeiro: Nau Editora.
- Ferraro, A.R. (2010). Escolarização no Brasil: articulando as perspectivas de gênero, raça e classe social. *Educação e Pesquisa*, 36(2), 505-526.
- Fleck, A. & Wagner, A. (2003). A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. *Psicologia em Estudo*, 8(número especial), 31-38.
- Fleischer, S. (2002). *Passando a América a limpo: o trabalho de housecleaners brasileiras em Boston, Massachusetts*. São Paulo, Annablume Editora.
- Fogaça, I.F. & Rosa, L.G. (2012). Hospitalidade e a transversalidade das migrações. In *Anais do V Congresso Latino Americano de Investigação Turística.*, São Paulo, SP.
- Forjaz, M.C.S. (1993). Os Exilados da Década 80: imigrantes brasileiros nos Estados Unidos. *Revista de Administração de Empresas* 33(1), 66-83.
- Freitas, W.M.F., Silva, A.T.M.C., Coelho, E.A.C., Guedes, R.N., Lucena, K.D.T & Costa, A.P.T. (2009). Paternidade: responsabilidade social do homem no papel de provedor. *Rev. Saúde Pública*, 43, 85-90.

- Fusco, W. (1999). Redes Sociais na Migração Internacional: o caso de Governador Valadares. In *Anais do II Encontro Nacional de Migração*. Recuperado em 24 de outubro de 2012, de <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/outros/2EncNacSobreMigracao/Anais2ENSMigracaoOuroPreto1999p317a341.pdf>
- Gianordoli-Nascimento, I.F. (2000). *O que fazer quando o coração aperta?* a relação conjugal e suas transformações pós-infarto. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.
- Giddens, A. (1991). *As consequências da modernidade*. São Paulo: Unesp.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2010). Recuperado em 22 de maio de 2013 de www.ibge.gov.br/home/estatistica/.../sinteseindicisociais2010_2010.pdf
- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. (2010). *Inserção Internacional Brasileira: temas de política externa*. Recuperado em 17 de agosto de 2013, de http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/livro03_insercaointernacional_vol1.pdf
- Levy, M.S.F. (1974). O papel da migração internacional na evolução da população brasileira (1872 a 1972). *Revista de Saúde Pública*, 8, 49-90.
- Lima, T.S.C., Miotto, R.C.T. & Dal Prá, K.R. (2007). A documentação no cotidiano da intervenção dos assistentes sociais: algumas considerações acerca do diário de campo. *Revista Textos & Contextos*, 6(1), 93-104.
- Machado, I.J.R. (2006). Laços de sangue e fluxo de dinheiro: notas sobre o parente ausente no contexto migratório transnacional Portugal/Governador Valadares. In *Anais da Reunião Brasileira de Antropologia*. Goiânia, (CD-ROM, pp 1-27).
- Machado, I.J.R. (2008). Sobre os processos de exotização na imigração internacional brasileira. *Revista de Antropologia*, 51, 699-733.
- Machado, I.J.R. (2010). Imigração e novas configurações familiares: o caso de governador Valadares. *Teoria & Pesquisa*, 19, 143-160.
- Margolis, M. (1994). *Little Brazil*. Princeton University Press.
- Marin, E.C. & Pozobon, R.O. (2010). Sonhos que cruzam fronteiras: sentidos construídos a partir do processo migratório. *Sociologias*, 24, 382-409.
- Marinucci, R. (2006). *Breve panorama das migrações internacionais entre 1980 e 2005*. Recuperado em 9 de outubro de 2013 de http://www.csem.org.br/artigos_port_artigos2007.html

- Marinucci, R. & Milesi, R. (2002) *O fenômeno migratório no Brasil*. Instituto Migrações e Direitos Humanos e Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios. Brasília. Recuperado em 15 março de 2013, de <http://www.adital.com.br/site/noticias/7550.asp?lang=PT&cod=7550>.
- Marques, A.M. & Amâncio, L. (2006). Homens de classe: masculinidade e posições sociais. In *VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*. Recuperado em 24 de fevereiro de 2013, de http://www.ces.fe.uc.pt/lab2004/pdfs/AntonioManuelMarques_LigiaAmancio.pdf
- Martes, A.C.B. & Soares, W. (2006). Remessas de recursos dos imigrantes. *Estudos Avançados*, 20(57), 41-57.
- Matos, E.O., Dias, C.A. & Almeida, A.R. (2009). Reflexões sobre o lugar da mulher na vida da esposa do emigrante. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, 20, 5-15.
- Matos, M.I.S. (1996). Do público, do privado e do íntimo. In: *Projeto História. nº13*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica.
- Matos, M.I.S. (2001). Por uma história das sensibilidades: em foco – a masculinidade. *História: Questões & Debates*, 34, 45-63.
- Ministério da Fazenda. (2013). *Real: quatro anos que mudaram o Brasil*. Recuperado em 21 de agosto de 2013, de http://www.fazenda.gov.br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/plano-real/real_-_4_anos_que_mudaram_o_mundo.pdf
- Ministério das Relações Exteriores. (2010). *Guia de retorno ao Brasil*. Recuperado em 25 de agosto de 2013, de <http://www.portalconsular.itamaraty.gov.br/images/cartilhas/guia-retorno.pdf>
- Monteiro, M.S.A. (2002). Sujeito, gênero e masculinidade. In: Almeida, H.B., Costa, R.G., Ramirez M.C. & Souza, E.R. (Orgs.). *Gênero em Matizes* (pp. 243-262) Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco.
- Nascimento, A.R.A., Gianordoli-Nascimento, I.F. & Trindade, Z.A. (2008). A representação social do trabalho feminino para homens casados. *Mental*, 6(11), 145-164.
- Negreiros, T.C.G.M. & Féres-Carneiro, T. (2004) Masculino e feminino na família contemporânea. *Estudos e Pesquisas em Psicologia (ano 4)*, 1, p.34-47.
- Neri, M., Camargo, J. M. & Reis, M.C. (2000). *Mercado de trabalho nos anos 90: fatos estilizados e interpretações*. Rio de Janeiro: IPEA.

- Norgen, M.B.P., Souza, R.M., Kaslow, F., Hammerschmidt, H. & Sharlin, S.A. (2004). Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. *Estudos de Psicologia*, 9, 575-584.
- Oliveira, E.M. (2008). O feminismo desconstruindo e re-construindo o conhecimento. *Revista Estudos Feministas*, 16, 229-245.
- Oliveira, L.L. (2001). *O Brasil dos imigrantes*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Oliveira, S. (2004). *Espaços e tempo de ilegalidade: a construção cotidiana do imigrante ilegal*. In *VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*. Coimbra, 2004.
- Patarra, N.L. (2005). Movimentos migratórios internacionais recentes de e para o Brasil e políticas sociais: um debate necessário. In *Fórum Social das Migrações*. Porto Alegre, 2005.
- Portal Terra. (2008). *MG: cidade teme recessão com volta de emigrantes*. Recuperado em 21 de maio de 2013, de <http://noticias.terra.com.br/brasil/noticias/0,,OI2223127-EI306,00-MG+cidade+teme+recessao+com+volta+de+emigrantes.html>
- Prefeitura Municipal de São João Evangelista. (2013). *História de São João Evangelista*. Recuperado em 16 de setembro de 2013, de <http://sje.mg.gov.br/paginas/historia/historia.html>
- Reis, E.S. & Machado, I.J.R. (2010). Imigração, risco e família. Novas configurações familiares e direitos humanos em Governador Valadares. *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*. Recuperado em 22 de maio de 2013, de <http://www.csem.org.br/remhu/index.php/remhu/article/viewFile/102/94>
- Rocha. S. (1992). Pobreza no Brasil: parâmetros básicos e resultados empíricos. *Pesq. Planej. Econ.*, 22(3), 11-60.
- Rocha-Coutinho, M.L. (1994). *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Rodrigues, A. & Yannoulas, S.C. (1996). Gener-idad: primeras aproximaciones al estudio del género en la infancia. *Ciencia, Docencia y Tecnología*, 7(12), 85-100.
- Sabóia, J.M. (1986). Transformações no mercado de trabalho no Brasil durante a crise: 1980-1983. *Revista de Economia Política*, 6(3).
- Sales, T. (1991). Novos fluxos migratórios da população brasileira. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 8, 21-32.

- Sales, T. (1999). *Brasileiros longe de casa*. São Paulo: Cortez.
- Santos, M.C., Caldana, R.H.L. & Alves, Z.M.M.B. (2001). O papel masculino dos anos quarenta aos noventa: transformações no ideário. *Paidéia*, 11(21), 57-68. Recuperado em 20 de maio de 2013, de <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2001000200007>
- Sarti C.A. (2002). Família e individualidade: um problema moderno. In: Carvalho MCB, (Org.). *A família contemporânea em debate* (pp. 39-49). São Paulo: EDUC/Cortez Editora.
- Sayad, A. (1998). *A imigração ou os paradoxos da alteridade*, São Paulo: EDUSP.
- Sayad, A. (2000). O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. *Travessia, número especial*.
- Scott, J. (1990). Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. *Educ. e Realid.*, 15(2). Recuperado em 25 de janeiro de 2013, de <http://wesleycarvalho.com.br/wp-content/uploads/G%C3%AAnero-Joan-Scott.pdf>
- Silva C.G.M. (2002). O significado de fidelidade e as estratégias para prevenção da Aids entre homens casados. *Rev Saúde Pública*; 36(4 Suppl), 40-49.
- Silva, L.C.E. (1992). *O que mostram os indicadores sobre pobreza na década perdida*. Brasília: IPEA.
- Siqueira, S. (2007). O sonho frustrado e o sonho realizado: as duas faces da migração para os EUA. *Nuevo Mundo-Mundos Nuevos*. Recuperado em 15 de março de 2013, de <http://nuevomundo.revues.org/5973>
- Siqueira, S. (2008). Realizações e frustrações no retorno. *Caderno do NEDER*, 2, 12-25.
- Siqueira, S. (2010). Emigração, crise econômica e retorno à terra natal. *Revista de Economia Política e História Econômica*, 7, 05-25.
- Soares, W. (2002). *Da metáfora à substância: redes sociais, redes migratórias e migração nacional e internacional em Valadares e Ipatinga*. (Tese de Doutorado). Cedeplar/Face/UFMG, Belo Horizonte.
- Souza, I. (1980). *Migrações Internas no Brasil*. Petrópolis: Vozes.
- Teykal, C.M. & Rocha-Coutinho M.L. (2007). O homem atual e a inserção da mulher no mercado de trabalho. *Psico*, 38(3), 262-268.

- Torres, A. (2004). Casamento: tempos, centramento, gerações e gênero. *Caderno CRH* 17(42), 405-429.
- Trindade, Z.A., Menandro, M.C.S. & Gianórdoli-Nascimento, I.F. (2007). Organização e interpretação de entrevistas: uma proposta de procedimento a partir da perspectiva fenomenológica. In: Rodrigues, M. M. P. & Menandro, P. R. M. (Orgs.). *Lógicas metodológicas: trajetos de pesquisa em psicologia* (pp. 71-92). Vitória: UFES / GM Gráfica Editora.
- Trindade, Z.A., Nascimento, A.R. & Gianordoli-Nascimento, I. (2006). Resistência e mudança: representações sociais de homens e mulheres ideais. In: Almeida, A. M. de O.; Santos, M. de F. de S.; Diniz, G. R. S. & Trindade, Z. A. (Orgs.). *Violência, exclusão social e desenvolvimento humano: estudos em representações sociais* (pp. 187-213). Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Vaitsman J. (1994). *Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas*. Rio de Janeiro: Editora Rocco.
- Zampieri, A.M.F. (2004). *Erotismo, sexualidade, casamento e infidelidade: sexualidade conjugal e prevenção do HIV e da AIDS*. São Paulo: Ágora.

16 – Sentimentos em relação à parceira;

17 – Mudanças pessoais;

Após o retorno

18 – Expectativas em relação ao retorno;

19 – O reencontro do casal;

20 – Os primeiros dias em casa e no Brasil;

21 – Mudanças percebidas na parceira;

22 – Estranhamento em relação ao ambiente e meio social;

22 – Estranhamento em relação a parceira e a si mesmo;

23 – O lugar ocupado dentro da casa;

24 – Mudanças na vida social, familiar, conjugal, sexual, afetiva e pessoal;

25 – Estratégias de manutenção do relacionamento conjugal após o retorno.

- 15 – Percepção de si e do parceiro;
- 16 – Sentimentos em relação ao parceiro;
- 17 – Mudanças pessoais

Após o retorno

- 18 – Expectativas em relação ao retorno;
- 19 – O reencontro do casal;
- 20 – Os primeiros dias dele em casa;
- 21 – Mudanças percebidas no parceiro;
- 22 – Estranhamentos em relação ao parceiro e a si mesmo;
- 23 – Mudanças na vida social, familiar, conjugal, sexual, afetiva e pessoal;
- 24 – Estratégias de manutenção do relacionamento conjugal após o retorno do parceiro;

Anexo 3: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: Casamento e emigração: continuidades e rupturas na reconstrução do relacionamento conjugal pós-emigração

Pesquisador responsável: Profa. Dra. Ingrid Faria Gianordoli-Nascimento. Tel.: (31) 3409-6278

Pesquisador auxiliar: Emilliane de Oliveira Matos. Tel.: (33) 88650421

Instituição responsável: Departamento de Psicologia/Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas/Universidade Federal de Minas Gerais.

Contatos: a) Profa. Ingrid Faria Gianordoli-Nascimento, Departamento de Psicologia/FAFICH/UFMG, Av. Antônio Carlos, 6627 – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - 4º andar, Universidade Federal de Minas Gerais, Campus Pampulha -Belo Horizonte, MG -31270-901. Tel.: (31) 3499-6278. b) COEP - Comitê de Ética em Pesquisa - Av. Antônio Carlos, 6627 - Unidade Administrativa II - 2º andar, Universidade Federal de Minas Gerais, Campus Pampulha -Belo Horizonte, MG -31270-901. Tel.: (31) 3499-4592 /34996278.

Prezado Participante,

Estamos realizando uma pesquisa que tem como principal objetivo compreender a realidade vivenciada por casais que passaram pela experiência da emigração internacional em seu cotidiano, buscando fazer um relato histórico do relacionamento conjugal, antes, durante e depois da inserção do parceiro no exterior. De forma mais específica, pretendemos identificar e analisar se há estratégias e quais são elas, adotadas pelo casal para a manutenção do relacionamento conjugal, para este se manter a distância e ainda dar continuidade quando o marido retorna para o lado da esposa. Gostaríamos de convidá-lo para participar e contribuir com sua história. Você irá responder sobre alguns temas que serão mencionados durante a entrevista, que diz respeito a seu relacionamento conjugal. Está garantido o seu anonimato. Você terá garantida a liberdade, sem restrições de se recusar a participar, ou retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem que disso resultem quaisquer tipos de consequências para você. Os dados obtidos com essa entrevista serão utilizados exclusivamente para fins de pesquisa. Todos os produtos gerados por essa entrevista (gravações, formulários e transcrições) ficarão armazenados no Departamento de Psicologia/FAFICH/UFMG por um período mínimo de 05 anos, sob inteira responsabilidade das pesquisadoras responsáveis por essa pesquisa. Informamos também que a sua participação, caso concorde, tem caráter voluntário e não resultará em qualquer tipo de ressarcimento ou remuneração para o(a) senhor(a).

Eu, _____ (nome do participante),
RG _____, Órgão Emissor _____, declaro ter COMPREENDIDO as informações prestadas neste Termo. DECIDO conceder a entrevista solicitada e AUTORIZO sua utilização no Projeto de Pesquisa intitulado “Casamento e emigração: continuidades e rupturas na reconstrução do relacionamento conjugal pós-emigração”.

Estando de acordo, assinam o presente Termo de Consentimento em 2 (duas) vias.

<p>_____</p> <p>Participante</p>	<p>_____</p> <p>Pesquisador Auxiliar</p>
<p>_____</p> <p>Pesquisador Responsável</p>	
<p>Belo Horizonte/MG, _____ de _____ de 2012.</p>	